Gustavo Sobral
Helton Rubiano de Macedo
Organizadores

Cinco cronistas da cidade

edufrn

Metamorphosis

Franz Kafka

REITORA

Ângela Maria Paiva Cruz

VICE-REITOR

José Daniel Diniz Melo

DIRETORIA ADMINISTRATIVA DA EDUFRN

Luis Passeggi (Diretor)
Wilson Fernandes (Diretor Adjunto)
Judithe Albuquerque (Secretária)

CONSELHO EDITORIAL

Luis Álvaro Sgadari Passeggi (Presidente)
Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra
Anna Emanuella Nelson dos S. C. da Rocha
Anne Cristine da Silva Dantas
Christianne Medeiros Cavalcante
Edna Maria Rangel de Sá
Eliane Marinho Soriano
Fábio Resende de Araújo
Francisco Dutra de Macedo Filho
Francisco Wildson Confessor
George Dantas de Azevedo
Maria Aniolly Queiroz Maia
Maria da Conceição F. B. S. Passeggi
Maurício Roberto Campelo de Macedo
Nedja Suely Fernandes
Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento
Paulo Roberto Medeiros de Azevedo
Regina Simon da Silva
Richardson Naves Leão
Rosires Magali Bezerra de Barros
Tânia Maria de Araújo Lima
Tarcísio Gomes Filho
Teodora de Araújo Alves

EDITORAÇÃO

Kamyla Alvares (Editora)
Alva Medeiros da Costa (Supervisora Editorial)
Natália Melão (colaboradora)

REVISÃO

Wildson Confessor (coordenador)
Irlane Lira (colaborador)

DESIGN EDITORIAL

Michele Holanda (coordenadora)
Marcos Paulo do Nascimento Pereira (capa e miolo)

Gustavo Sobral
Helton Rubiano de Macedo
Organizadores

Cinco Cronistas da Cidade

edufrn

Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da publicação na Fonte. UFRN/Biblioteca Central Zila Mamede

Cinco cronistas da cidade [recurso eletrônico] / organizadores Gustavo Sobral, Helton Rubiano de Macedo. – Natal, RN : EDUFRN, 2017.

271 p. : PDF ; Mb p.

Modo de acesso: <www.edufrn.ufrn.br>;
ISBN 978-85- 425-0732- 4

1. Crônicas brasileiras.2. Sobral, Gustavo. I. Macedo, Rubiano de.

RN/UF/BCZM 2017/17 CDD B869.8
CDU 821.134.3(81)-94

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil
e-mail: contato@editora.ufrn.br | www.editora.ufrn.br
Telefone: 84 3342 2221

Apresentação

As crônicas deste livro foram extraídas tanto das coletâneas publicadas pelos cronistas quanto de jornais da cidade. Foram selecionadas 12 crônicas por autor, totalizando 60 textos. Optou-se por apresentá-las em blocos, um para cada cronista. A exposição é aleatória, não necessariamente seguindo ordem de tempo ou tema. As crônicas tratavam de personagens, da vida na cidade, das cenas do cotidiano, das viagens, das recordações da infância e momentos vividos, da vida na praia, do mar e da natureza. O critério de seleção não foi outro a não ser a matéria da própria crônica. Este livro cobre o período entre 1950 e 2014. Berilo Wanderley, Newton Navarro e Augusto Severo Neto faleceram em 1979, 1992 e 1991, respectivamente. Sanderson Negreiros ainda pode ser encontrado na seção Quadrantes, aos domingos, no jornal *Tribuna do Norte*. Vicente Serejo, com o fechamento do *Jornal de Hoje,* publicou a sua última crônica em 30 de abril de 2015.

Para a composição deste trabalho, foram realizadas entrevistas e conversas, pessoais, por telefone, curtas e longas, pesquisas em arquivos e bibliotecas (infelizmente a maioria das coletâneas dos cronistas aqui assinalados encontra-se esgotada), leitura de centenas e centenas de crônicas e de uma escassa bibliografia sobre o tema. Os organizadores agradecem às pessoas sem as quais este trabalho seria completamente impossível: ao cronista Vicente Serejo que, além de autorizar a republicação e publicação de suas crônicas, esteve sempre à disposição para consultas e esclarecimento de dúvidas; à viúva Lúcia Severo, pela entrevista/conversa sobre Augusto Severo Neto, por disponibilizar gentilmente o material e copiar as crônicas do arquivo; ao poeta Sanderson Negreiros e à sua simpatia; à amiga, entusiasmada e organizadora de antologias, Maria Emília Wanderley.

Os organizadores

Sumário

Augusto Severo Neto

Declaração de bens 12
Natal vista por Augusto Severo Neto 18
Voar 21
Reencontro 25
Zé Areias 29
Luis Tavares 31
Albimar Marinho 35
Severina 39
Berilo Wanderley 43
Newton Navarro 46
Paris II. Severo e o centro Georges Pompidou 49
Madri II. Don Mañoso, Don Chicote e Carmen 61

Berilo Wanderley

Saírmos no cais 70
Estrada a fora 73
Telhados 76
O instantâneo 78
Da inconveniência de não saber chinês 81
Sugestão de verão 84
Os galos 86

Como um oleiro 88
Madrugada 90
A ilha 92
Beco da Lama 95
Naquele hotel, em Paris... 98

Newton Navarro

Bilhete de agosto 102
Desenhos 105
A torre 108
Horardente 112
Festa da Limpa 116
Condução para a aurora 118
Encanto de setembro 120
O menino que pesca 122
Rua da Floresta 124
Beco da Lama 127
Mulher junto ao mar 129
O caso do violão roubado ao poeta 132

Sanderson Negreiros

O passarinheiro 136
Contemplação da manhã 139
Como era verde meu vale 142
Aconteceu em Natal 146
Natal há cem anos 150

Tardes e noites de domingo 156
Entrevista com Navarro (1966) 162
Elegia da Ribeira 168
A hora tais 173
Após a lembrança 177
No tempo em que se falava de amor 182
Assim falava Shakespeare 187

Vicente Serejo

Primavera no morro 194
O rio 197
Frases 200
Sertões 203
Os pássaros no jardim 206
Sr. Editor [1] 210
Sr. Editor [2] 213
Sr. Editor [3] 216
Equilíbrio torto 219
Do tombadilho 222
A modorra 226
Inveja? 230

O maior da literatura menor **235**
Gustavo Sobral

Bibliografia dos cronistas **267**

Augusto Severo Neto

Declaração de bens

Eu, Augusto Severo Neto, brasileiro, norte-rio-grandense, natalense e pirangiano por emoção e escolha, residente e domiciliado em Natal mesmo, em uma paisagem alta do Tirol, salvo nos fins de semana e feriados maiores, quando posso ser encontrado com a companheira em um trato de terra que possuímos diante do mar, em Pirangi, ou em arribadas maiores por terras de serem de lá, quando saímos à descoberta ou ao reencontro, venho, por meio deste documento, fazer uma declaração pública de bens e haveres, para que ninguém venha, depois, me imputar a pecha de possuidor de fortuna ilícita. Sim, porque pondo de lado qualquer prurido modestoso, eu sou uma pessoa muito rica.

Não! Esperem aí! Não é esse tipo de riqueza que muitos estão pensando. Vou me explicar: fui menino rico porque meus pais me queriam bem e eu queria bem a eles. Daquele

bem que não tolhe, não sufoca, nem acorrenta. Um bem de deixar ser ave, animal ou gente. Um bem de bem-me-quer e nunca malmequer.

Como se não bastasse isso ai de cima, havia mil coisas mais: lá em casa havia jardim com repuxo, rosas e muitas outras flores. Tinha beija-flor e zigue-zigue que os mais estudiosos chamam de libélula. Tinha malvão, que chamavam também de língua-de-leão e servia para engraxar sapatos pretos e marrons. Tinha pé de jasmim e mimo-do-céu, que subia pelos postes do alpendre.

O quintal era outro departamento de riqueza: começava por uns pés de pitanga estrela-de-sangue que faziam uma cerca viva, chamada pelos adultos de seve. Daí por diante, só se vendo: tinha pé de juá que servia de pasta dental, araçazeiro, goiabeira (branca e vermelha), mangueiras de três ou quatro tipos, romã, pitombeira, araticum, banana, carambola e jenipapo e até uns pés de castanhola, bem altos, com copa bem grande, onde

Cearense construiu para mim uma cabana do tipo Robinson Crusoé ou Tarzan, só que tinha escada de corda em vez de cipó.

Olhem que isso aí já é muita coisa para um menino rico, mas teve muito mais, já fora de casa, que eu vou contar: passei muitas férias em Pequessaba, vi o Rio Morto, de águas transparentes e muito fininhas, quase perdido dentro de um túnel de bananeiras gigantes; tomei banho na Lagoa das Piabas que tinha muita traíra. Andei de carro de boi; escutei o estalo do chicote e a cantiga do carreiro; abri cancela e comparei os dois gemidos (carro de boi/cancela); montei em cavalo manso, subi em gameleira e em pé de fruta-do-conde, ouvi cantador de feira, tocador de fole, repentista e embolador, estive em casa de farinha e vi o rolete brincando de fazer rodinha de estrela branca de mandioca, comi grude de goma e pecado-maneiro bem quentinhos, vi fogueiras de São João (fogueiras de vergonha) e assisti pagador de promessas andando descalço no braseiro. Fui afilhado, noivo, compadre de fogueira, escutei histórias de assombração, dormi em rede

com armador gemendo, ouvi grito de siriema, martelada de araponga e apito de saguim. Tive até alumbramento a ver a filha do morador tomando banho nua no rio. De manhã eu saia armado de baladeira e bodoque para derrubar fruta madura e tinha muita raiva quando os filhos dos moradores atiravam nas rolinhas. Foi lá em Pequessaba onde, pela primeira vez, eu comi peba, tejuaçu e jacaré, e vi cobra-de-cipó, corre-campo e cobra-de-veado, Quando voltava do povoado, Chico Rola, casado com tia Bela, trazia alfenim, soda, pé de moleque, rosário e navio de castanha assada, confeito baratinha e chocolate charuto. É ser rico demais, não é não?

E o tempo foi passando e eu fui continuando rico de viver e de sentir. Até as dores e as saudades que experimentei foram ricas de sentimento. Ah vida bonita!...

Já meio rapaz, meio garoto, semitonando a voz, apaixonei-me, perdidamente, por uma artista de cinema e uma menina de Itabaiana que veio passar as férias em Natal. Como

não podia fugir para Hollywood, fugi para a pequena cidade da Paraíba, o que, de resto, não adiantou grande coisa, pois meu pai já tinha entrado em entendimento com o juizado de menores e o vigário da paróquia e eu fui recambiado. Mas foi bonito e valeu.

E o tempo foi escorregando no tobogã do calendário e eu nele. Vivi tanta coisa!... Tive paixões eternas, fui aviador de aeroclube, andei pelo mundo, bebi muitas bebidas, comi de muitas comidas (confesso um tanto encabritado, por se tratar de um lugar comum, já tão explorado, mas feliz apesar disso), escrevi livros, fiz filhos e plantei árvores. Mas não parei, não senhor! Continuo navegando, escrevendo, amando e achando a paisagem e a vida muito bonitas. E também não vou à deriva. Tenho uma porção de amigos e amigas queridos: poetas, executivos, cantadores de feira, mascates, mulheres bem-comportadas, mulheres outonais, mulheres lindas e prostitutas até. Isso fora o que não lembro agora.

Tenho rumo certo – o antiporto e o imprevisto – e uma timoneira, eterna na sua temporalidade, que me deu de beber água da fonte real e me deu de presente todas as rotas, a Estrela Polar, a linha do Equador, a aurora boreal, os fogos de Santelmo, as rosas orvalhadas, as esteiras dos navios, o voo dos pássaros, o encontro da noite com o dia, o som dos carrilhões dos órgãos das grandes catedrais, o incêndio dos poentes, o canto das cigarras, as cores do arco-íris, além de muita, muita poesia mesmo.

Tem muito mais ainda. É que há um alumbramento embriagado de felicidade dentro de mim, que carrosseleia os meus haveres de alegria e beleza, que eu acabo deixando de citar muitos deles.

Isso posto e declarado, que seja devidamente registrado para conhecimento dos meus antepassados, dos meus contemporâneos, dos meus descendentes e de todos mais aos quais se inteirem de que sou um homem imensamente rico.

Natal vista por Augusto Severo Neto

Foi o começo de descoberta no fim da década de vinte. Primeiros alumbramentos fora dos limites do quintal lá de casa, que ainda era sítio e dava na São Tomé.

Praça Augusto Severo com suas árvores grandes (oitis, principalmente) e suas pontes-passarelas sobre estreitos canais, onde, mal-acomodado, transitava na maré cheia um braço esguio do Potengi. Na mão esquerda de quem descia, mais para os lados da Great-Western, o coreto. Meio europeu, meio mourisco, com suas linhas *elancés* e seu teto de ardósia. Aos sábados, se bem me lembro, havia retretas. E as estátuas de bronze vindas da França. Onde andarão elas?

Natal de mais tarde um pouco. Carnaval na Tavares de Lyra. Corso arrodeando o obelisco lá no cais das lanchas de Luís

Romão que iam para a Redinha, passando pela frente do Hotel Internacional do Major Theodorico e pelo oitão da firma Severo Gomes & Cia., de meu pai, do Dr. José Gomes e do Coronel Vanvão. O escritório fazia esquina com a Rua Chile do antigo Palácio do Governo que se transformou em casa de mulher-dama, no tempo da guerra e dos *my friends*.

Na Rua 15 de Novembro, havia a Pensão Belas Artes, de mulheres pálidas e tresnoitadas. A Almino Afonso, da Pensão Ideal, conhecida por Pensão Estrela (de propriedade de Maria Emília, conhecida por Maria cu de ferro) tinha então o nome de Rua do Triunfo. Na Duque de Caxias, entre as praças Augusto Severo e José da Penha moravam famílias importantes como as dos doutores Odilon Garcia e Januário Cicco e, mais para cá, no pé da ladeira da Junqueira Aires, estava o palacete de tia Inezinha (Dona Inês Barreto de Albuquerque Maranhão), viúva de Jovino, onde hoje é o Colégio Salesiano. Subindo mais, tinha-se (e ainda está lá) *A República*, que foi casa de Pedro Velho, o Dr. Theotonio Freire, o meu pai, Sérgio Severo, o Dr. Calistrato

Carrilho, a Capitania dos Portos e muita gente de boa origem e conceito. O bonde descia a ladeira as nove em ponto. Só vendo.

Natal tinha um bocado de gente boa que hoje é nome de rua e um bocado de ruas que hoje tem nome de gente. Não quero discutir, mas, aqui para nós, a cidade cresceu tanto que bem se poderia homenagear aquelas pessoas sem apagar nomes tão bonitos como dos Tocos, das Virgens, Beco do Capió e Travessa da Lua. Felizmente ainda existe o Beco da Lama, onde João Lyra prometeu se esconder se fosse perseguido pela prefeitura, mas botaram na Rua do Arame, de simpáticas prostitutas, que me desvirginaram.

Mudaria Natal ou mudei eu? Nada disso, nós mudamos juntos. Na cidade, o progresso e os modernos modismos destruíram as formas de moça provinciana, vestindo-a de longos espigões que emparedam a brisa, sufocam as árvores e as praças. Em mim, a patina do tempo transformou-se em rugas, em cabelos brancos, em cansaço dos aclives e em uma lírica e imensa saudade.

Voar

As minhas insatisfações são, muitas vezes, e, paradoxalmente, feitas de pequenas satisfações que outra finalidade não tem que não a ressaltar a extensão desmedida da insatisfação de onde nascem.

Isso aí de cima lido pela segunda vez reforçara a impressão de que me falta alguma mola, de que a minha engrenagem cerebral está com os dentes desgastados, ou ainda que, na montagem, adicionaram ao meu maquinismo de pensar uma carreta em excesso. É bem fatível que tudo isso esteja bem perto da verdade, mas devo confessar de sã (?) consciência que me tenho na conta de um homem, já não digo equilibrado, mas, pelo menos, possuidor de uma razoável parcela de senso comum. Que eu tenho meus dias de alumbramento, de êxtase, de retorno à irresponsabilidade gostosa da infância, daquela loucura que justifica, diviniza e sublima, lá isso eu tenho. E felizmente, senão...

Ontem eu estava em alumbramento. O despertar foi em mim como o atingir o horizonte novo. Através dos vidros da janela, o sol derramava-se no meu quarto dizendo poesia. Levantei-me cantando canções e assoviando valsas antigas. Vesti uma camisa de mil cores, bebi café com leite numa xícara de louça imitando Macau, que me deram de presente no Natal do ano passado, comi pão torrado, grude de Extremoz com manteiga do sertão, acendi um cigarro e saí. Na rua, olhei o mundo com ar satisfeito de proprietário. Sorri condescendente aos que passavam, fazendo-lhes um gesto magnânimo que era quase uma benção. Depois fui voar.

O erguer-me do solo naquela manhã fez com que eu me sentisse ainda mais senhor do mundo. O motor já estava quente e o avião rugia com doçura, esperando apenas que, através dos manetes, eu lhe concedesse força para voar. Lembrei-me de Exupéry: "o piloto firma bem as mãos no comando e, pouco a pouco, em suas palmas cerradas, recebe aquele poder como um dom. Os órgãos de metal do comando, à medida que lhe

entregam esse dom, se fazem mensageiros de sua potência. Quando ela está madura o piloto separa o avião da terra com um gesto mais breve que o colher de uma rosa".

Eu não era nenhum pioneiro, não pretendia nenhuma ousada travessia, não pilotava nenhuma grande aeronave, mas apenas um pequeno avião de treinamento. Mas, a despeito disso, eu me sentia feliz, orgulhoso mesmo, daquele poder de ave que me era concedido. E foi pensando assim que "com a suavidade do colher de uma rosa" fiz voar meu pássaro e demandei àqueles fantásticos castelos que se erguiam ali e além no alvo lençol das nuvens. O avião subia lentamente em largos espirais e as coisas iam se tornando pequenas, geográficas e humildes. O ar tornava-se mais puro, mais leve e mais transparente.

Mil e quinhentos metros. Encontro-me só, absolutamente só neste mundo infinito. A terra ficou lá longe, separada de mim por essa enorme planura branca pontilhada de torres e de dunas. Nessas alturas componho poemas e sinfonias que

esquecerei quando chegar à terra. São poemas e sinfonias de nuvens e não é possível acorrentar nuvens e levá-las para junto dos homens. Um frio gostoso me envolve e me orvalha. Há um silêncio tão grande que se sobrepõe ao rugido do motor. Há uma paz tão grande que se sobrepõe ao tumulto da minha alma.

Mas, para minha desventura, não é possível ficar eternamente aqui nessa paz tão profunda, nesse silêncio tão infinito. Reduzo o manete e o meu pássaro inclina-se para a terra. Atravesso o lençol de nuvens e aquele outro mundo imenso do oceano abre-se aos meus olhos. É, porém, à terra que tenho que chegar. Os profundores e o leme obedecem ao comando e o avião ruma à terra. As árvores crescem e passam rapidamente. A estrada deixa de ser uma fita negra e fica para trás. O campo desliza velozmente sob os meus olhos e chega-se a mim. Através do trem de pouso sinto seu contato áspero. O aparelho corre um pouco e para lentamente. Dirijo-o ao hangar. Corto os magnetos e solto da nacelle, olhando uma vez mais aquele mundo infinito de onde chegara.

Reencontro

Estou outra vez na casa rústica cujos grandes arcos fronteiros dão para o mar. Lá fora dos arcos há bruma, chuva fria e vento salgado. De início, digo de mim que não tem nenhuma importância eu ter vindo à praia em dia chuvoso. Depois de pensar um pouco, descubro que tem importância, e muita, pois dentro da bruma o mar sugere mais sonhos e mais distância. Sou quase feliz nesta minha primeira noite junto ao mar e faço o reencontro com as coisas que aqui deixei tempos atrás.

Não fosse por uma pequena diferença de nuances na fragilidade das asas, eu pensaria que aquela mariposa que insiste, inexplicavelmente, em atravessar a vidraça, é a mesma que deixei aqui naqueles tempos.

Os vidros estão embaçados e, através deles, a silhueta do velho pé de fícus parece ainda mais vergada em direção dos ventos. Uma leve camada de sal nas portas e janelas

transforma o transparente em apenas translúcido e, logo à entrada, alguém fez com o dedo uma grande interrogação. Deixei-a lá.

Pelas calhas e frestas, o vento geme uma estória melancólica e do telhado sem forro cai uma poeira úmida e vermelha. Aquelas osgas de ventre leitoso e transparente se repetem nas vigas dos tetos e, lá em frente, a poucos metros, está o mar.

Sim, o mar está bem ali. Com ele faço também, nesta noite, o meu reencontro íntimo. Nunca mais eu tivera a oportunidade de ouvi-lo por tantas horas seguidas. Mas vou fazê-lo hoje. Quando todos adormecerem e a noite for alta, eu poderei escutar as suas falas Simplesmente escutá-las. E ficarei mudo e contrito em atitude de prece. É o meu reencontro com o mar.

Aquela água infinita, atentem vocês, parece haver guardado as vozes de todos que já partiram. Se estivermos sós e procurarmos entender o oceano, ele nos dirá tudo que

os homens já falaram. Sua voz penetrará no silêncio de nós mesmos e nós também nos sentiremos mar.

As ondas pequenas são ternas e mansas e cantam, com voz de criança, lendas de fadas. Vêm cuidadosas, trazendo por um instante às areias espelhadas pelo seu beijo, um eco de estrelas. Depois vão até os seixos brancos, arrancando de suas entre carícias qualquer coisa assim como acordes dispersos de uma melodia de harpas.

Há depois vozes soturnas e graves como os corais negros e se uma rajada de vento arrebenta contra os arrecifes um grito de revolta, o mar levanta para o alto seus braços aflitos de espuma.

Dos lábios que se colaram na profundeza misteriosa e verde das águas, emergem do mar murmúrios de rezas e falar de saudades. Ainda se pode ouvir, dos canhões de velhas escunas e ver, no reflexo das águas, o entrechocar luminoso dos sobes de abordagem.

Nas noites calmas como esta, o mar traz apenas as vozes dos que sonharam muito. São mansas e, por vezes, tristes. Lembram canções do Natal ou árias nostálgicas de violinos e celos. É um mar sem canhões e sem naufrágios. Nem de Wagner, nem de Delacroix. Talvez de Mozart e Vivaldi. Contando coisas saudosas e leves.

Sim, o mar está bem ali em frente. Mais tarde quando todos adormecerem eu poderei escutar as suas falas.

Zé Areias

Barbeiro. Por profissão. Gozador, piadista e louco por uma caeba. Por vocação. Gordo. Bonachão (às vezes). Espírito afiado como uma peixeira que se preze. Cuspindo, na horinha, a resposta adequada. Essencialmente bom. Conquistou os gringos, durante a guerra, e vendeu-lhes urubu por peru e morcego por pássaro de borracha. Chegou a ir até à ilha de Ascenção, levado pelos *my friends*, para cortar o cabelo e fazer a barba dos combatentes, lá do outro lado. Uma vez vendeu um gambá e, por causa disso, um B-24 ficou um bocado de tempo de quarentena, em Parnamirim.

Entre as manias de Zé Areias, que eram muitas, haviam duas bem fortes: vender rifas e discutir com Bevenuto, alfaiate seu amigo, que tinha a casa de negócio na esquina da Dr. Barata com a travessa Argentina.

Pois bem: um dia Zé Areias vinha puxando um bode por uma corda e vendendo os bilhetes da rifa do cujo. Passando pela porta de Bevenuto, este, para mexer com Zé Areias, disse-lhe: "Que é isso Zé? Esse bode além de chifrudo parece que é fresco". Zé Areias não se deu por achado. Puxou a cordinha do bode e falou: "Vambora, Bevenuto".

Outra vez Zé Areias ia no antigo bondinho da Lagoa Seca, e lá pras tantas, tocou a sineta de parada e disse, bem alto: "Para pra descer um corno". Quando todo mundo começou a achar graça e querer mangar de Zé Areias, ele falou: "Agora pode levar o resto".

Um dia Zé Areias estava em um restaurante da Ribeira, comendo uma galinha de cabidela, quando apareceu uma conhecida e ela perguntou se ela queria acompanhá-lo na refeição. A mulherzinha, meio grossa, respondeu: "Quero nada! Nada suporto galinha", ao que Zé Areias respondeu, imediatamente, com sua língua afiada: "Nunca vi classe tão desunida".

Luis Tavares

Largo, grande e sólido como um guarda-roupa de jacarandá, maçaranduba ou peroba, daqueles de antigamente, antes do advento da fórmica e do compensado. Inocente, às vezes (apesar da sua figura meio truculenta), como um menino, vestido de primeira comunhão. Lírico até a quixoteira. Vozeirão de besouro tiranaboia. Emotivo como um adolescente que arranjara primeira namorada. Chorando fácil com uma canção bonita, um poema ou uma história romântica. Inteligente. Gostando de cantar com a sua voz macia e sentimental de baixo-abaritonado. Amigão. Capaz de topar qualquer parada por um companheiro. Hoje, já meio aposentado das lides, mas ainda dando pro gasto, curte, com seus camaradas, entre os quais me incluo com alegria, e sem esquecer uma caninha amiga, as saudades e recordações de suas façanhudas proezas.

Cova de Onça. Café e bar de muitas histórias de uma Natal que já passou mas que ainda está perto. Bem ali na Tavares de Lyra. Anos quarenta. Políticos e comerciantes iam lá para confabular, resolver negócios, bater um papo, tomar uma Teutônia, uma Espiradina, uma Zinebra, ou outra coisa qualquer. Luis era frequentador assíduo. Uma vez, enquanto bebia, calmamente, a sua birita, chega um desafeto e começa a insultá-lo. Luis continua calmo e sereno, olhando pro cara. Lá pelas tantas, joga uma pergunta: "Que horas são?". O inusitado da coisa fez com que o sujeito olhasse para o relógio e respondesse: "Dez para as onze". "Se continuar com essa zuada, ainda pega o almoço no inferno", diz-lhe Luis. O cara, naturalmente, se desmontou e deu o fora.

Lá na pensão de Maria cu de ferro, era São João, como, de resto, em toda parte, quando Luis entra com um pacote debaixo do braço. "Que é isso, Luis?", perguntou Maria. "Fogos", respondeu ele. E era mesmo. Só que eram duas dúzias de foguetões, dos quais Luis arrancara as varetas e que acendia,

jogando no meio do salão, feito buscapé. Vou lhe contar. Foi uma África. O povo corria, as mulheres subiam nas cadeiras, os copos pulavam nas mesas, umas vidraças racharam e uns americanos que estavam em uma mesa próxima foram embora. Terminados os foguetes, arrumada e varrida a sala e apanhados os cacos de vidro, tudo voltou à paz e à normalidade do começo da noite e, com Luis, todos beberam e ficaram contentes.

Luis é doido por um forró. Uma vez, em uma pequena cidade do interior, metido em um diagonal branco e, depois de bem forrado o pé de moleque, quentão e outras coisas, Luis se balançava ao som de um baião ou o que seja, quando sentiu uma dor de barriga. A sentina, ou privada, era no fundo do quintal, num quartinho de taipa, coberto de palha e porta de tábua de caixão de querosene. O vaso sanitário era de cimento, naturalmente. Escuro pra chegar até lá. Mas Luis chegou. Tateou, encontrou o vaso, desocupou-se e... aí é que começou o drama. Cadê papel? Luis começou a ficar

meio desesperado, quando ouviu, entre o telhado de palha e a parede, um canto: "Hôu... hohôu" e avistou um pequeno vulto se mexendo. Era um pombo. Luis não teve dúvidas. Com muito cuidado conseguiu pegar o bichinho e, na falta de papel, serviu-se do mesmo. Aliviado vestiu-se, botou o paletó de terno branco e, quando estava para sair, o pombo "prúúúúú"; espanou-se todo. Luis conta:

"Foi direitinho uma catapora de merda, seu colega. Pulei a cerca de arame farpado, do fundo do quintal, esgarcei a roupa e fui embora".

Albimar Marinho

Sem nenhum favor, dúvida ou discussão, um dos grandes líricos desta abençoada cidade. Bom orador, bom copo, bom companheiro e, acima de tudo, bom. De belo e de pitoresco, Albimar seria um vasto volume a escrever.

Albimar tinha uma atração irresistível por velórios e enterros. Se pudesse, não perdia um. Nos velórios, abraçava os parentes do finado, mesmo que nunca o tivesse conhecido, chorava, consolava e fazia-se tão de casa que acabava recebendo pêsames dos que chegavam. Descobria onde estavam as bebidas e, aqui e ali, tomava uma. Às vezes, no outro dia, quando lhe perguntavam: "Albimar, sabe que fulano (ou fulana) morreu?". "Sei. Porrão". Respondia Albimar.

Para não perder os enterros, Albimar tinha o costume de fazer ponto em um pequeno bar, perto do cemitério do Alecrim. Parava um enterro e Albimar se dirigia, contrito e

circunspecto para o cemitério, cumprimentava os parentes do "de cujos", dizia palavras de consolo e solidariedade e, vez por outra, fazia até um pequeno discurso.

Em um dos enterros que compareceu, depois de cumprir as suas obrigações de solidariedade cristã, Albimar fez esbarrar o coveiro, antes do lançamento da primeira pá de terra, e pediu a palavra: "Mataram-te, Presidente, mas serás enterrado de pé. A cabeça acima do coração e o coração acima do estômago...". E foi por aí afora, até o fim do célebre discurso pronunciado no enterro de João Pessoa. O morto do dia era um humilde funcionário público, que morrera de uma violenta disenteria.

Noutra ocasião, Albimar era um dos artistas da peça Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, levado no Teatro Alberto Maranhão (naquele tempo, Carlos Gomes), por ocasião da Semana Santa. Albimar fazia o papel de Lázaro e, como tal, seria ressuscitado por Cristo. A desgraça é que, ao lado

do teatro, havia uma bodega e, enquanto se esperava a hora do início do espetáculo, Albimar, de instante em instante, ia lá e tomava uma. O caso é que, quando deitou no caixão, para a cena do milagre, já estava bem calibrado e adormeceu.

Abriu-se o pano. Cristo aproximou-se do caixão e falou: "Ergue-te, Lázaro!" Nada. Cristo repetiu, bem mais alto: "Ergue-te, Lázaro!" Nada. Da terceira vez, Cristo, já nervoso, falou quase aos gritos e chegou mesmo a dar um pontapé no caixão. Albimar abriu os olhos, meio estremunhado, olhou para aquele Cristo de araque e respondeu, em alto e bom som: "Vai dar, homem!". O pano baixou e acabou-se a peça.

Um dia regressava Albimar de uma de suas longas romarias pela noite, já quase quebrando a barra, quando passou por um circo, armado em um canto qualquer da cidade. Circo pobre, de empanada desbotada e remendada. Olhando o velho elefante que se balançava, teve uma crise de ternura pelo velho animal, naturalmente mal alimentado e, como na ocasião ia

passando um padeiro com um cesto de pão, cheinho, para entrega. Albimar chamou o homem, juntou o dinheiro que tinha, pagou quase o dobro e comprou o cesto inteirinho, com todos os pães. Sentou-se em um toco e foi dando, um por um, os pães ao velho elefante, que comia gulosamente. Os proprietários do circo ouviram o ruído e foram ver o que era. Emocionaram-se com a cena e resolveram homenagear Albimar. Chamaram-no para o picadeiro, puseram suas roupas de palhaço e, rindo e chorando, fizeram as graças que sabiam, enquanto Albimar, sentado no camarote de honra, bebia uma garrafa de cana que haviam trazido para ele, e tirava o gosto com dois pães quentinhos, dos que havia comprado para o elefante.

E, de lirismo em lirismo, frequentando velórios, defendendo, como rábula, "um velho e sentimental lotação Roca-Quintas", na prefeitura, para que o carro não fosse vendido para o interior, Albimar, uma madrugada, também de regresso de uma romaria noturna, foi, por ironia, colhido por um velho lotação, deixando Natal menor, sem a sua presença.

Severina

Administradora Geral do Estado, prima da Rainha Elisabeth II, da Inglaterra, Inspetora Superintendente de todos os atos e obras da Presidência da República, Consultora de Ministros, Generais, Almirantes, Brigadeiros e dos escambaus. Assim se apresentava Severina, não estroina, perdulária ou doidivanas, mas paranoica no duro. E das boas.

Circula a história de que, antes de desagregar, Severina teria sido professora primária e boa dona de casa e que, quando perdeu seu homem, ela, que não tinha filhos, atravessou a frágil e quase inexistente fronteira que delimita o mundo dito da razão e entrou, talvez até como autodefesa contra um sofrimento maior, na terra do delírio, do desvario, da fantasia.

Hoje Severina é feliz à sua maneira. Importante que só ela. Entra em todas as repartições públicas municipais, estaduais e federais, pergunta se tem algum telegrama do

Presidente para ela, se chegou alguma ordem de pagamento (geralmente de cinquenta milhões para cima), pois já está cansada de esperar o dinheiro que a nação lhe deve. Aí cita uma importância que daria para resgatar pelo menos umas dez vezes a nossa dívida externa. Diz que se o dinheiro não chegar logo, ela vai diretamente a Brasília, se entender como o presidente e coisa e tal. Terminado o relambório, pede dez cruzeiros para a condução, pois, com o seu trabalho de dirigir o Estado, não teve tempo de ir ao Banco do Brasil, cujo gerente foi ela que empregou, para descontar um cheque que recebeu de sua prima rainha.

Depois de tudo isso, sai de sala em sala de repartição (que pode ser, eventualmente, o Palácio do Governo), perguntando se está tudo direito, se as providências (?) foram tomadas, pois ela tem que mandar o relatório para o Presidente. Ameaça botar gente na rua e toma todas as atitudes condizentes com as suas "altas funções", consciente e zelosa no desempenho

do honroso cargo que lhe foi confiado e que consta de uma fabulosa carteira de identidade que alguém lhe deu.

Nas cerimônias oficiais, escreveu não leu, lá está Severina, séria e circunspecta, ostentando a sua faixa de sede, presente da rainha-mãe, onde se lê, em letras brilhantes: Administradora Geral do Estado. E dá vexame toda vida. Então, se tem autoridade federal presente, aí a coisa se dana. Se não facultam a palavra, ela toma e começa logo dizendo que ninguém está obedecendo às suas ordens, por isso o Estado está nessa "esculhambação", e lá vai.

Certa vez, por ocasião da passagem de um ministro, o governador de então, temeroso de *show* de Severina, encarregou um de seus auxiliares mais chegados, de levá-la ao interior do estado, com diárias e tudo, sob o pretexto de fiscalizar a prefeitura do município, que parecia ter certas irregularidades. Severina foi, feliz da vida, e, de volta, ao saber da passagem do ministro, "deu a goitana" e foi reclamar ao governador,

dizendo que aquilo era sujeira política, mas que o Presidente ia saber, que o governador não perdia por esperar.

Severina "tem recebido da Rainha Elizabeth, seu prima", diversos cartões que, por coincidência, são postados em Londres ou Paris, com retrato da família real e nos quais a rainha a trata de caríssima prima e diz que necessita do gênio administrativo dela para bem gerir o Reino. Diz ainda que o Duque de New Hampshire, que aparece na foto, está seriamente interessado em conhecer Severina e, quem sabe, até contrair núpcias com ela. Podem pedir que ela mostra os cartões. Isso deve ser astúcia de alguém que conhece Severina e que costuma ir à Europa.

Assim é Severina: magra, sempre apressada, séria, circunspecta e profundamente consciente da sua posição de Administradora Geral do Estado.

Berilo Wanderley

Embarcou, há pouco, neste 1979, lá para o outro lado do tempo. Viagem intempestiva, sem sinal, sem pré-aviso. E antes da hora. Muito antes. Deu uma rasteira em todos nós, seus amigos, que tínhamos, em nossa agenda poética, muitos anos de encontros líricos com ele.

Manso e vivedor. Esta seria uma maneira de dizer Berilo. Apaixonado pelo momento. Mescla de Sir Galaad, filho de Lancelot e único que poderia descobrir o Santo Graal, de Francisco, lá da Umbria, irmão das aves e dos peixes, de Omar ibn Ibrahim elKhayyam e José Marti, "El Apostol".

Cultivo una rosa blanca
en julio como en enero
por el fiel compañero
que me da su mano franca
y por el cruel que me arranca

el corazón con que vivo

cardos ni urtigas cultivo

cultivo una rosa blanca

Capaz, como ele só, de curtir um tinto generoso, ou de escalar uma garganta e colher edelweiss para Maria Emília, por quem ele foi e esteve, desde o tê-la encontrado. Maria Emília que soube ser todos os seus poemas, mesmo os mudos e feitos por antecipação.

Figura parnasianamente libertário, sem revoluções, todavia. Gestos de albatroz e de gaivota. Face de interrogação contente; quase infantil. Riso sempre esboçado, na alegria das descobertas cotidianas. Curvatura leve e "minuêtica" e mestre-sala e mil e uma colegas.

Jornalista. Cronista da cidade, garimpando lirismo em suas ruas e em suas horas e nos dando beleza de presente, neste instante em que beleza é tão necessária. Querido por colegas e alunos a quem conquistava com sua bondade bonita, desligada

e inteira. Nostálgico de todas as épocas, mesmo as que não foram suas. Louco por cinema, por filmes antigos, por filmes mudos. Valentino, Pola Negri, Theda Bara, Buster Keaton, Harold Lloyd e o incomparável Carlitos. Devoto da música popular boa, nossa ou de quem fosse. Noel, Pixinguinha, Lupicínio, Chico, Ataulfo, Carmen, Araci. Se arrepiando todo ao modulado de um "cante jondo" de Manolo Caracol, na moldura sangrenta de uma guitarra flamenga. E os velhos foxes: "Eu vou mandar rosas para alguém...".

Berilo, pássaro e cristal. Voo e relâmpago. Comprometido com a vida. Não foi ele quem quebrou o compromisso.

Newton Navarro

Está aí uma empreitada que não é nada fácil; falar do poeta Navarro. Isso pode parecer paradoxal, de vez que ele carrega em si mesmo o agregado mais denso e mais profundo do lirismo desse promontório de luz, erguido ao Menino, a Balthazar, a Gaspar e Belchior e que se limita, na sua navegação, pelo Potengi (que, por usucapião, já lhe pertence) e pelo Atlântico, de onde chegam os pescadores e os barcos que ancoram nas suas marinhas, nas suas crônicas e nos seus poemas.

Newton, quando não é ele próprio o instante lírico, eclode no lançamento de um livro que já poesia a partir do título – *Subúrbio do silêncio*; *O solitário vento do verão*; *Os mortos são estrangeiros*; *ABC do cantador Clarimundo*; *Do outro lado do rio*; *Entre os morros*; *De como se perdeu o gajeiro Curió* – de um álbum de desenho, de uma exposição de pintura, onde as

suas aquarelas iluminam a sala e os seus "Franciscos" nos fazem mergulhar num misto de contrição de alumbramento.

Newton foi companheiro de Pancetti, na Bahia de São Salvador e, em companhia do irmão pintor-marinheiro, misturou ao seu, o lirismo das ladeiras, do Largo do Pelourinho e da Lagoa do Abaeté.

Não foi só no Brasil que Newton mostrou a beleza de sua pintura. Já o fez também na Europa, em terra lusa, quando no largo do Rocio da velha Lisboa, se encontrou com Grácio Barbalho e Alvamar Furtado; em Paris, onde caminhou pela *rive gauche*, às margens do Sena, lembrando o *bateau ivre* de Rimbaud, bebeu vinho sentado nas cadeiras de calçada de um *café-tabac*, ou de um famoso "Deux Magots", "Café de Flore", ou "Café de La Paix" e sentindo a cidade luz como só pode sentir a sensibilidade do artista-poeta que ele é.

Newton é presença no sentimento da terra. É a poesia da Pedra do Rosário; da Santa Cruz da Bica, da Igrejinha dos Reis Magos, na Limpa; do Canto do Mangue, com seu cheiro

de maresia, sua floresta de mastros e seu peixe com tapioca; da praia da Redinha, das dunas do Tirol e da cidade inteira.

Newton, que andou em terras de Espanha, que escutou flamengo e que bebeu xerez, em homenagem a Machado e a Lorca.

Newton, boêmio dos bares líricos da cidade.

Newton, orador da palavra fácil e bonita.

Newton, pintor dos barcos, dos santos,
dos vaqueiros, das luzes e das cores.

Newton, poeta do universo inteiro.

Newton, morador e poeta da cidade.

Paris II
Severo e o centro Georges Pompidou

Quase que madrugamos em sair do nosso pequeno apartamento. Estávamos a fim de refazer a memória e os andares de Severo avô, homem do Pax, pelas ruas velhas de Paris. Começamos pela Avenida do Maine, onde, 12 de maio de 1902, explodiu e caiu o dirigível. A pequena distância dos destroços em chamas, envolvendo o corpo de Saché, mecânico, companheiro e amigo, tombava Severo, em plena avenida, lançado no espaço pela força da explosão que fundiu suas asas de carne, músculos, sangue e sonho. Severo caiu de pé e morreu de pé, diante dos olhos desesperados de Natália, amada e companheira.

A morte de Severo, Natália comunica a Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, irmão dos pioneiros, em telegrama

Western do seguinte teor: “Aflita comunico desastre balão hoje falecendo Severo”. Esse telegrama encontra-se, agora, no Museu Aeroespacial do Campo dos Afonsos.

Para chegar ao ponto da Avenida do Maine onde caiu Severo e onde existe uma placa de mármore, com letras de bronze e os seguintes dizeres: “Neste local tombaram o aeronauta brasileiro Augusto Severo e seu mecânico francês Georges Saché. Queda do dirigível Pax. 12 de maio de 1902”, salta-se na estação do *métro* Gaieté e sai exatamente em frente ao número 79 da avenida, onde se encontra a placa, que foi posta ali pelo Aeroclube de França. Próxima à placa, está a Rue des Plantes, que faz esquina com as Ruas Severo e Saché, que são em ângulo e em cuja esquina da primeira está o Bar Severo. Lá pelo meio da Rua Saché (ambas as ruas são curtas), existia, até 1976, uma casa de bebidas e especiarias de um casal de velhos que conhecia a história do tempo. Lá compramos uma garrafa de Remi Martin e falamos sobre coisas de Paris de mais antigamente.

As nossas andanças pelos caminhos de Severo nos levaram também à Rua Lépolfo Robert, 2, velho *bâtiment* onde, em um apartamento de frente, terceiro andar, viveu o pioneiro, quando de seus estares em Paris. E fomos também à Rua Galilée, 6, última morada de Severo em Paris, local para onde foi transportado o seu corpo após o desastre. Hoje o número 6 da Rua Galilée é a sede central do Aeroclube de França. Coincidências. Os caminhos de Severo nos levaram ainda à Rua de l´Ouest, 13, onde conhecemos uma réplica sentimental do meu amigo Francisco de Assis, o da Umbria, sendo este o lírico velhinho Alex de Ranieri, que nos doou um fragmento da *nacelle* do Paz. E fomos mais ao Centro de Documentação do Museu do Art, na Avenida Pereire, 97, tudo isso depois de termos conhecido André Sberro, dono da loja de tapetes que fica no número 79 da Avenida do Maine, exatamente onde se encontra a placa.

Umas das surpresas na mudança da fisionomia física e até sentimental do primeiro *arrondissement*, de Paris, é bem

ali perto da *Ile de La Cité*, quando você salta do *métro* Halles e se depara com uma enorme construção do tipo ano dois mil, com ares de uma super-refinaria de petróleo, em vermelhos e negros, com chaminés, respiradouros, escadas rolantes serpenteando dentro de túneis de acrílico que sobem, sobem... É o Centro Georges Pompidou, nova coronária irrigando, mais intensamente, o coração da grande cidade.

No centro Georges Pompidou, você tem exposições permanentes de todos os tipos de arte, literatura, história, ciência e os escambaus. E mais: bares, restaurantes, sorveterias e coisa e tal. Nos cinema do Centro, você pode ver os grandes clássicos dos cinemas mudo e falado. Foi lá que vimos *Sangue e Areia* com Rodolfo Valentino. O Centro Georges Pompidou é um lugar que não pode ser esquecido quando se vai a Paris, mesmo porque, além de tudo que foi falado, ele nos oferece, lá do alto, uma visão poética e dourada de Lutécia quase inteira. Se for outono, então, a paisagem parece se transformar em um sonho de Midas.

O vasto espaço externo que circunda o centro, antigo campo de *débris*, épaves e *balayures* vindos do velho e histórico Halles, antigo ventre de Paris, hoje transplantado para dar lugar ao *Forum*, está hoje limpo e pavimentado e é palco de dezenas de espetáculos outros que convidam o passante a parar, ver e ouvir coisas. Coisas que são: um *robot* de cobre refulgente que faz movimentos sincopados, que é uma reprodução absolutamente exata de um homem e que, no fim, é um homem mesmo, pintado de dourado, que se dirige ao povo e estende o chapéu onde deverão ser postas as moedas. Depois é a vez do prestidigitador, do equilibrista, dos cantores *hippies*, do violonista tocando música erudita e... do poeta. Sim, um poeta de mãos e palavra, extraindo, por magia, sons trágico-clavicíteros de um instrumento que deveria ser medieval, e nascendo – voz e gesto – versos de sonhar, na defluência da tarde.

Em nossas idas a Paris, estivemos duas vezes com o então embaixador Lyra Tavares. A primeira delas ainda na

velha Embaixada da Rua Montaigne, 45. Uma das razões de nossa visita era conseguir apoio da nossa legação, para tentar localizar um filme que, segundo consta na *História do Cinema*, de Georges Sadoul, foi um dos primeiros, senão o primeiro furo de reportagem cinematográfica. O tal filme teria sido feito por Georges Meliès, contemporâneo e companheiro dos irmãos Lumière, e mostrava, entre outras coisas, a tragédia do balão Pax. O apoio do Embaixador nos foi dado com o maior entusiasmo e boa vontade, mas, pela exiguidade do tempo de que dispúnhamos para a pesquisa, não conseguimos localizar o tal filme, que deve fazer parte de alguma cinemateca oficial, quem sabe, do Ministério do Ar, da França. Mas foi somente o *round* perdido. Não desistimos da luta.

Mas voltando ao primeiro encontro do Embaixador: saltamos do *métro* e nos dirigimos à Embaixada. Ao nos aproximarmos, já na Rua Montaigne, para um carro bem perto de nós e dele salta um senhor já maduro, distinta e discretamente trajado, com uma pasta debaixo do braço, que, como nós, se

dirigia à Embaixada. Chegamos à porta e, encontrando-a fechada, comentamos a nossa falta de sorte. Ouvindo-nos, o senhor que chegara conosco falou: "A Embaixada está aberta e funcionando". Tocou a campainha e entrou, cedendo-nos, gentilmente, a frente. Uma vez lá dentro, o referido senhor desapareceu em uma das salas, enquanto nós nos dirigíamos à recepção e perguntávamos sobre a possibilidade de uma entrevista com o senhor Embaixador. "Mas como!". Falou o português que atendia no balcão (não sei por qual razão as nossas embaixadas na Europa estão lotadas de portugueses, quando muitos estudantes brasileiros, bolsistas, vivem chorando e sonhando com uma oportunidade), "Vossas Excelências não entraram acompanhando Sua Excelência – era muita excelência – o Senhor Embaixador, pois?" (aquele "poich" luso que eu nunca entendi direito).

Bem, o caso é que aquele senhor que entrara conosco era próprio Embaixador Lyra Tavares e nós perdemos a oportunidade de abordá-lo logo de entrada. Paciência. Entreguei meu cartão e

uma secretária que estava próxima de mim, à mão, dizendo o que pretendia e avisei logo à minha mulher que o *rendez-vous* seria provavelmente marcado dali a duas semanas. Ledo engano. O Embaixador mandou nos avisar que, no momento, estava com o senhor Juracy Magalhães, então nosso Embaixador na Inglaterra, mas que nos receberia dentro de meia hora. Entoamos hosanas e fomos a um *gargote* ali perto, *verser un rouge*, enquanto escoavam os abençoados trinta minutos, ao cabo dos quais estávamos, outra vez, na frente da secretaria, o que nos surpreendeu mais: avisado de nossa chegada, o Embaixador veio nos receber, pessoalmente, à porta do seu gabinete.

Sem muito protocolo fomos logo ao assunto, tendo o General Lyra Tavares telefonado para o nosso Adido Cultural e dito – depois de uma sabatina sobre Severo do Pax – para nos dar toda assistência possível, de vez que ele próprio tinha grande interesse no filme sobre Meliés.

E aquele papo culto e gostoso, no meio do qual descobrimos um parentesco não muito distante, quando falei em tia

Sophia. Naquela ocasião, o Embaixador nos disse que, em nossa próxima viagem, já encontraríamos a Embaixada Brasileira em nova sede, ampla, confortável e condigna. E assim foi. Em nossa viagem seguinte, fomos fazer uma visita ao Embaixador, já na Cour Albert Premier, nas novas instalações. Antigo palácio dos condes de Dussac (ou coisa parecida). Simplesmente soberbo. Salões, teatros, galerias. Inteiramente isolado dos prédios vizinhos, uma senhora Embaixada, *comme il faut*, o que não acontecia com o velho pardieiro da Avenida Montaigne. Para comprar aquele palácio foi uma novela, um enredo de vários atos. O Embaixador tinha designado uma equipe para conseguir um prédio que tivesse excelente localização, espaço, segurança, tradição, dignidade e outros prolegômenos, como diria Odorico, o Bem-Amado. Examina daqui, recusa dacolá, até que apareceu o tal palácio, que reunia todas as condições requeridas, mas que, por azar, estava enganchado em um formal de partilha, onde entravam, se não me falha a memória, por laços de casamento, pessoas da famosa indústria Krupp, alemã.

A coisa estava nesse pé, quando houve um jogo de futebol beneficente em Paris, no qual a estrela principal era o nosso Pelé. A renda seria em benefício da campanha contra o câncer e, naquela noite, houve um jantar importantíssimo, de ministros, nobres de cavalheiras mesuras, oferecidas ao "Rei" e, calor, nosso Embaixador foi convidado e compareceu. Veja o que faz o futebol.

Pois bem; lá para as tantas uma senhora "mui nobre e distinguida", que estava ao lado do Embaixador, já à mesa do ágape, dirige-se a ele e trava-se o seguinte diálogo:

– "Creio, Senhor Embaixador, que nós temos interesses em comum.

– Como, Minha Senhora, se nem sequer tive ainda a honra e a alegria de conhecê-la?

– É que sou a Condessa de Dussac (?) e sei que a sua Embaixada está interessada em adquirir um imóvel que pertence a minha família.

– Ah! Sei. Acontece, Senhora Condessa, que fui informado que o referido prédio faz parte de um formal de partilha, o que dificulta tremendamente as coisas, desaparecendo, por este motivo, o nosso interesse.

– Mas acontece também, Senhor Embaixador, que eu e meu marido somos as pessoas diretamente interessadas nessa parte do inventário na qual se encontra o prédio, e que, em uma homenagem ao senhor Pelé, pelo seu gesto altruístico e humano, vou retirar o palácio do inventário e, dentro de poucos dias, o seu País poderá adquiri-lo sem maiores tropeços".

Aí me falou o Embaixador: "Veja, Severo, ainda que indiretamente, devemos essa nova embaixada ao Pelé".

E, na nova Embaixada, mostrou-nos o Embaixador Lyra Tavares a galeria de vultos do nosso País, galeria essa que tive a sensação de constatar, começa por um busto de bronze de Augusto Severo de Albuquerque Maranhão.

Bem perto da nossa Embaixada, está, pequena e modesta, a Embaixada do Zaire. À entrada, encontramos o senhor Marcel Morin, que já fora Cônsul Geral da França no Nordeste do Brasil, com sede em Recife, onde pelo seu amor às nossas coisas, era chamado de Marcelo Amorin da Silva. Marcel Morin foi obrigado a deixar o Brasil por se ter envolvido com o então Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, em 1964, quando, amarga ironia, o General Lyra Tavares era Comandante do 4º Exército. Não houve jeito para o senhor Morin ficar no Brasil, apesar de ser seu sonho viver o resto da vida em nosso nordeste e ser enterrado debaixo de um coqueiro, em Olinda.

O encontro foi tocante e ele falou nas duas Embaixadas por próximas uma da outra, dizendo: "a que eu amo mais me recusa", e seus velhos olhos se umedeceram.

Nos despedimos e "Marcelo Amorin da Silva" ficou parado, nos olhando pateticamente, como se fôssemos, para seus olhos cansados e saudosos, a derradeira paisagem do Brasil.

Madri II
Don Mañoso, Don Chicote e Carmen

E fomos, mais uma vez, viver em Madri. Sim, porque Madri é um lugar de se viver. De Natal, antes de viajarmos, já havíamos reservado nossas *acomodaciones* por telefone, tanto que, sem preocupações maiores seguimos, diretamente, para o hotel Negresco, na Rua Mesoneros Romano, 12, bem ali no coração de Madri, pertinho da José Antônio, da Alcalá, da *Plaza Mayor* e até da *Calle Preciados*, com sua famosa galeria, onde você pode comprar quase tudo, sem, todavia, ser aconselhável fazer isso, principalmente quando se viaja para o exterior. Duas outras lojas famosas, o Corte Inglês e o Corte Fiel também estão ali perto.

Mas, como falei, fomos diretamente para o Negresco, já com alojamento reservado. E foi aquela festa de sempre. Joaquin – Don Joaquin Mañoso – um amigo de verdade que temos em Madri e proprietário do hotel, estava nos esperando com aquela alegria e aquele calor humano de sempre e, como sempre, nos ofereceu "uma copa de fino La Ina" para comemorar nossa chegada. Don Henrique, José e Angel, na recepção, nos fizeram aquela festa amiga de sempre e depois, no restaurante, bar e cafeteria El Cid, pertencente ao hotel, com porta de comunicação interna, a festa continuou com Pablo, Vicente, Pepe e os dois Eugênios. Pablo comentou o tempo que passara da nossa última viagem e disse que minha *señora estaba mucho más delgada y con los pelos más cortos, lo que la hacia más joven*. Agradeci o simpático *piropo*, por sinal verdadeiro, e Pablo nos ofereceu, de *bienvenida, dos copitas de Carlos I.*

Subimos ao nosso apartamento para tomar um banho e mudar de roupa. Depois jantamos mesmo no Cid, uma

paella por sinal muito da boa e saímos para uma caminhada, fazendo hora até o instante de irmos a *Las Brujas*, nosso *tablao* de eleição, que fica na Avenida do Norte, não muito longe do hotel e cuja mesa já estava reservada para aquela noite, seguindo a tradição de ouvirmos flamengo cada primeira noite de Madri.

Las Brujas se destaca, entre outras coisas, pela reprodução do famoso quadro de Goya que dá nome à casa e que serve de pano de fundo ao tablado propriamente dito, onde *bailarins y cantores*, homens e mulheres, dão, acompanhados dos guitarristas, o seu espetáculo.

Começou o diálogo das guitarras. As mulheres (vá ter mulher bonita assim no kelso do pentalganírico, que eu não sei o que é nem onde fica) começaram a bater palmas, dizer loas e soltar gritinhos de *olé*. Ai, desafiada pelas outras, Carmen levantou-se, avançou para a boca de cena, jogou a cabeça para trás, estalou os dedos, bateu

palmas, acompanhado o ritmo das guitarras, empinou-se feito uma potra selvagem, apontou para a assistência, acusadoramente, e começou a fabricar um apelo flamengo, cujo gemido inicial deve ter vindo lá do seu útero. Olhe, foi negócio para desmantelo mesmo. Depois, bem na beira do tablado, arrancou um cravo do cabelo e atirou sobre a nossa mesa, que era de primeira fila. Foi minha vez de fritar *olé*! Sai Carmen e vem Sandoval, *bailarin*, que deu um recado de *taconeo* que eu nem conto. Coisa assim tipo asa de beija-flor ou de libélula. Os pés de cara sumiam mesmo, na velocidade do ritmo, e só ficava aquela sombra difusa de hélice de avião a 2.400 RPM. Quando terminou, ele desceu e, entre outras coisas, fez um oferecimento com "piropo" e tudo, no programa do espetáculo, que estava com a minha mulher. Tendo tudo se desenrolando a contento, secamos a terceira garrafa de Rioja, assistimos o resto do *show* e fomos para o Negresco *acostarmonos*.

Sendo o outro dia um outro dia, saímos, depois de devidamente forrados com um *desayuno* farto e caprichado, a caminhar, sem tramontana nem sextante, plenamente, descompromissados e à toa, quando, descendo a José António, chegamos à praça de Cibeles, perto do *Passeo del Prado* e onde fica o bonito edifício dos correios. Em um dos bares da praça, tomamos uma mesa e, como queríamos demorar um pouco ali, vagabundando os olhos, chamei o garçom, disse que queria uma coisa ligeira, tipo aperitivo. Ele ofereceu *chatos con tapas*. Isso mesmo: "chatos com tapas". Vocês aceitariam? Pois nós aceitamos; naturalmente depois de descobrir que *chato* era um copinho de vinho e *tapas* um tira-gosto, tipo quadradinhos de queijo com presunto ou coisa que valha. Mas que dá para assustar, logo assim de saída, lá isso dá. Nisso chega um *limpia botas* comprido, esquálido, maduro, quixotesco e mau caráter e pergunta se quero *limpiar las patas*. "Olhe aqui, seu, quem tem patas é...". Mas o caso é que eu estava com a esportiva ligada a todo vapor, com zebra e

tudo, aceitei. No fim, paguei pelo engraxado o preço de um sapato novo, debitei o roubo na conta das lições recebidas e, alegremente, seguimos caminhando dia afora.

Pegamos o *métro* na estação Banco e fomos até à praça Monumental, com toda a sua força e grandeza mourisca. No *métro*, há um aviso dizendo para não abrir as portas depois do toque de *silbato*. Achei, não sei por que, que o nome *silbato* era errado e que o certo deveria ser *sibalto*. Discuti com minha mulher, a seriedade deste ponto de vista. Bebemos uma cerveja na Glorieta de los Embajadores e voltamos. Novamente na José António, entramos no bar Don Chicote, que possui, no subsolo, um fabuloso museu de cachaças, iniciado com uma garrafa de Parati, doada por Juscelino Kubitschek e que está lá, no lugar de honra, debaixo de uma redoma de cristal e sobre uma coluna. Lá também tem lembranças nossas: uma garrafa de Assanha Sogra, uma de Amansa Corno e uma de Murim. Don Pedro, sobrinho de Don Chicote e atual proprietário do bar, nos

ofereceu, no seu escritório, também no subsolo, uma taça de *Jerez*. Naquele dia, almoçamos em um restaurante da José Antônio mesmo. Meio *self-service* meio à lá carte. Bom e barato. Depois do almoço, claro, uma *siesta* no Negresco. Vida mansa não quer pressa.

À noite fomos ao teatro Slavas, ali perto, e vimos a Casa de Bernarda Alba, de Lorca, com um senhor elenco. Bernarda Alba representada por um homem. Desempenho de se tirar o chapéu. A decoração era toda uma espuma de borracha e o espetáculo foi um sufoco de beleza.

Na manhã seguinte, continuamos a nossa circunavegação pelas calles madrileñas. Descobrindo minha mulher que os transeuntes olhavam com espanto o comprimento de sua saia, decidiu-se ela, cumprimentar todos que a fitavam. Foi aquela gozação. Como variação sobre o tema, resolvi trocar o buenos dias por buenas bundas, o que provocou o simpático diálogo com o diácono gordote e rosado. Às

margens da paz líquida do Parque del Retiro tomamos, para desalterar, uma horchata de chufa, navegamos de barco de pedal, fizemos belas fotos coloridas, sorrimos para crianças, mulheres, homens e anciões de ambos os sexos, andamos de mãos dadas, balançando os braços e voltamos com o pôr do sol. Tudo de acordo com o figurino sentimental, a estação da felicidade e o salero; como de direito.

Berlo
Wan-
derley

Saírmos no cais

O Sol quebrava-se por trás do rio, que corre, lento quase cansado. Meu rio de águas sujas no qual o poeta Itajubá, em época mais distante, via um lençol azul de águas diáfanas que o inspiravam para bonitas estrofes. Na beira do cais, absorvo o cheiro de maresia, que se mistura ao dos peixes que se estendem, olhos de vidro arregalados, sobre as tábuas das barracas.

Um pescador bêbado, como gostam de viver os pescadores, puxa conversa ao meu lado e aconselha-me uma cioba de corpo róseo, tão lânguido, que faz lembrar o corpo de certas mulheres quando se espreguiçam na areia da praia. Corpo de mulher estendido na areia – quantas canções, quantos poemas já inspiraste e quantas e quantos hás de inspirar ainda! Cadê os poetas e os cantores da minha terra, para virem cantar as ciobas e as mulheres róseas e lânguidas?

Digressões com cioba e mulher à parte, estou no cais, enchendo os pulmões de maresia e, antes de levar a cioba para casa, aceitando os conselhos do velho pescador, penso em Dona Elvira, e sinto saudade das saúnas fritas que gosto de ver chiar dentro da enorme caçarola tisnada.

Atravesso a torta e barulhenta Rua da Floresta, recebo a agressão de uma radiola que manda para o ar uma paixão desesperada que, neste momento, Aguinaldo Timóteo nutre não sei por quem... e eis que estou distante da casinha gorda e corada de Elvira. Maçãs do rosto rosadas, de tanto ficarem diante do braseiro dos peixes, me recebem com riso aberto de velha e imorredoura amiga.

Diante dela, diante de mim, a separar-nos, peixes dourados de dendê e tapiocas de uma pureza imaculada. Tudo é felicidade no coração deste guloso, transbordando de apetite. É a hora de esquecer as angústias e os cansaços. A cerveja chega geladinha e excede, os santos e os representantes do

sincretismo religioso que a dona da casa cultiva. Ela, toda sorrisos, traz as saúnas e a tapioca. O molho de pimenta malagueta também é imprescindível.

Do fundo da rua, uma voz de cantor que não conheço estertora, machucada de amor.

Estrada a fora

O carro desliza, manso, na BR-101, deixando para trás a cidade, com seu nervosismo, com seu trânsito louco, com seus homens atribulados. Deixo-me levar pelo veículo, que pode se mostrar amigo quando o homem não o dirija com ira no coração, buscando um seu semelhante na frente da estrada, para liquidá-lo com um golpe.

Vou absorvendo a paisagem, que cheira a chuva, que cheira a verde, que cheira a horizontes abertos. E dou este conselho ao homem cansado da cidade: quando descobrir que o trabalho, os negócios e as preocupações estão fazendo seu pulso alterado e seu coração bater fora do ritmo, abandone tudo, entre no seu carro e saia pela estrada que o leve aos campos abertos, às campinas que transmitem liberdade.

Sigo e, logo em São José do Mipibu, à beira da rodovia, salta-me aos olhos uma barraca cheia de espigas de milho, espigas verdinhas, colhidas fresquinhas e já anunciando canjicas e pamonhas. Salto e compro algumas. Converso com o vendedor, pois sempre gostei da conversa dos simples como sempre fugi da dos enfatuados.

É quando Maria Emília, minha companheira de viagem, aponta-me para o milharal que inunda a paisagem ao meu lado. E nem tinha notado ainda. Um milharal!... Que sensação de paz, minha gente, nos dá a visão de um milharal ondulado, como cabeleiras longas de belas mulheres soltas ao vento numa tarde de chuva, como essa! Que riqueza! Como esse humilde vendedor do milho e dono desse milharal é mais feliz do que qualquer atribulado gerente de banco, ou dono de grande firma! Que vontade de largar tudo e ficar vivendo ali, conversando com essa gente de São José do Mipibu, plantando milho e colhendo espigas amarelinhas todas as manhãs!

Mas o homem fincado no chão da cidade, raízes entrando nos paralelepípedos das ruas adentro, não pode ficar. Leva as espigas, redescobre a paisagem. Daqui a pouco, virá o verde vale de Goianinha, com seus canaviais, se descortinando diante do para-brisa do carro. Mais aí é conversa para outra crônica, outro dia.

Telhados

Acreditai, se vos digo que daqui de onde estou o que vejo é apenas um céu muito azul e uma porção de telhados de todos os tamanhos e de todas as alturas, certos e errados, se estendendo até onde os olhos se perderem. Mas, se acreditai também que o que eu desejava ver, debaixo desse céu azul, era um mar igualmente azul, mas também assim com esses telhados, se estendendo longo até a vista não poder mais.

Mas, telhados ou mar, tudo dá essa tranquilidade à gente daqui do canto em que me acho, além da calma, há uma sugestão de felicidade. Sinto-me, bem feliz, olhando os telhados com os olhos parados e naturalmente sorrindo. Talvez, intimamente, não esteja feliz como a sugestão do instante me faz crer. Não importa. Muito já é a surpresa de um momento assim, mesmo que depois essa surpresa que quebre o olhar volte a olhar o chão vazio e sentir que o mundo continua igual.

Céus. Telhados. Altura. Satisfação de alma, amando sua cidade e sua gente amiga só de contemplá-la do alto. Falta alguém passando lá embaixo e, de repente, me descobrir aqui em cima, e levantando os braços aos gritos, berrando de satisfação, como se fosse caminhando pela rua e visse o amigo caindo do céu. Mas o céu está tão muito mais alto e, entre ele e minha cabeça, há tantos azuis, que ainda é melhor olhar os telhados. Falta só, mesmo, como disse, um pedaço do mar. Quem já viu um mar de cima de qualquer coisa há de me dar razão. De cima de um monte, de cima de uma casa, de cima de nossa alma, mesmo, o mar sempre é mais belo e azul, se aprofunda mais e parece que toma conta dos olhos da gente. Então, sente-se a necessidade de uns olhos azuis, mas como seria exigir muito azul de um Deus só, pede-se uns olhos de qualquer cor, para fazer companhia à gente, e falarem a linguagem dos olhos e depois se largarem, soltos, enormes, na enormidade destas alturas.

O instantâneo

De repente, passou o fotógrafo ambulante e bateu o "instantâneo". Tudo tão instantâneo que nem meu amigo e eu tivemos tempo de soltar as garrafas que segurávamos, como guerreiros ostentando troféus de guerras idas. E a fotografia ficou, marcando aquela manhã, creio bem que de dezembro de um sol muito forte.

Hoje, encontrei-a entre outras fotos antigas. Já está ficando amarela. E eu e meu amigo, mesmo na foto, estamos amarelos. As garrafas também. Mas, há tanta mocidade e tanta alegria em meu rosto que fico alguns minutos olhando aquele depoimento de uma manhã de sol de sete ou oito anos atrás, com satisfação.

A praia, em volta, desmanchava-se em sol, ondas, areias; moças em maiôs, indo e vindo, molhadas e enxutas. Bebíamos, por quê? Talvez porque simplesmente fosse

domingo e o sol estivesse pedindo uma cerveja gelada. Mas talvez também por algum amor. Naqueles dias, nós, de barbas mal despontando, amávamos tanto, tínhamos tantas queixas por causa das mocinhas, que as cervejas nunca vinham sem justificativa. Naquela mesma manhã que a fotografia ilustrava, um caso. Depois de algumas cervejas, eu disse:

– Vou falar com ela.

Meu amigo aconselhou que eu não fosse. O irmão tinha vindo à praia. Vou não vou, eis que chega a mulher do botequim, trazendo um prato de peixe frito. E foi ante o peixe frito com dendê, que esqueci a menina com quem queria falar. Esqueci para o resto da vida. Na fotografia não há sombra de moça nenhuma. Além de nós, só uma mesa, uma palma de bananeira vinda não sei de onde e, lá para trás, três homens solitários, de copo na mão.

Depois, claro que houve o mar. Nos atiramos contra ele, eu como sempre nadando mal. Meu amigo era bom nadador e, talvez por isso, arranjou uma Maria dos Prazeres, que só lhe deu o prazer daquele domingo. Era namorada de um rapaz da Aeronáutica, que estava na cidade e veio buscá-la, no fim da tarde. O resultado é que voltamos sós e abandonados. Um resto de sol nos cabelos e na boca e, por que não confessá-lo? Também no coração onde uma ressaca fazia questão de abrir as asas.

Da inconveniência de não saber chinês

Na minha rua, uma senhora fez um vestido em cuja fazenda se estampam enormes letras negras tiradas do alfabeto chinês. São aqueles riscos doidos que ninguém entende, desenhados desde a gola até a barra do vestido, Ontem, pela manhã, ela entrou aqui em casa e procurando-me na sala onde eu escrevia, fez-me essa pergunta:

– O senhor poderia me explicar o que essas letras estão dizendo?

Não traduzi e tive pena. Infelizmente, a maior aproximação que tive com o chinês foi quando uma manhã, numa rua do Recife, entrei numa lavanderia de uns chineses, com duas calças para lavar. E assim mesmo a minha curiosidade esfriou quando, um homenzinho pálido de um

sorriso igualmente pálido sobre os dentes miúdos, falou-me num idioma que denuncio ter a máxima vontade de ser o nosso. E adeus, palavras chinesas.

Voltando à senhora do vestido. Ela, quando acabei de me desculpar da minha ignorância chinesa, contou:

– Perguntei, porque meu marido reclama que estas letras podem dizer coisas desagradáveis. Na rua, evito passar perto de um chinês.

E contou-me por que:

– Não quero ficar como aquela outra senhora que, uma vez, andando numa rua da China, viu numa parede uns sinais bonitos junto a um quiosque, copiou-os e, voltando ao seu país, mandou bordá-los nas costas de sua blusa. Ficaram lindas em letras vermelhas. Quando um dia passou diante de um chinês, este começou a rir, sem poder controlar-se. A senhora voltou, perguntou ao sujeito macilento "o que que há?"e ele explicou, em português: "Ri com a legenda de

sua blusa: 'Aqui há um chuchu, do bom!'" A mulher copiara o cartaz do quiosque.

A senhora da minha rua anda assustada e com razão. Talvez, sem saber, esteja também anunciando lindos e bons chuchus...

Sugestão de verão

É outubro e já o amarelo e o vermelho dos cajus transbordam dos cestos, sobre as calçadas. Bem antes da visão, a percepção olfativa nos chama a atenção, de longe. Aquele cheiro agridoce, com mistura de maresia, que marca o prenúncio dos verões nordestinos, todos os anos. Depois é o colorido agressivo nos entrando pelos olhos e trazendo o convite cordial para uma cajuada com muito gelo ou um trago de cachaça revitalizador das nossas entranhas.

Com a chegada dos cajus, pensamos na Redinha, que para ver basta ir à ponta do cais da Avenida Tavares de Lira e estender o olhar para o outro lado do rio. Lá está ela, convidativa como uma amante a transbordar carinhos e afagos. Lá está a praia humilde, com seu mercado rescendendo a peixe frito no dendê e a tapioca fresquinha e branquinha feita de coco ralado. Lá está Dalila, com sua cervejinha gelada. Lá está

Geraldo com suas ofertas de ciobas gordas e rosadas. Lá está o velho Aníbal, secular como a sua praia, a emborcar sempre a sua caninha e disposto a conversar longamente sobre antigas e lendárias pescarias em mar alto.

Mas, saudando o verão que chega e pensando na Redinha, vejo que arrancaram suas lanchas que fizeram tantas travessias para cá e para lá, sem nunca perderem o rumo. A ida à Redinha já não oferece aquele encanto preliminar da travessia através do rio. Afundaram as lanchas ou as atiraram para alguma margem, onde agora dormem em meio ao mangue. E uma Secretaria de Turismo Municipal, que juram existir por mais que os natalenses duvidem, nada fez para preservar as velhas lanchas, ou preservar o transporte pelo Potengi, com outras lanchas irmãs daquelas. Agora, o jeito é ir de automóvel, contornando Igapó, por uma rodovia que as últimas chuvas comeram em bons pedaços. Está uma beleza de perigo ir à querida praia, por ali. É possível que um ou outro não chegue lá vivo para provar os cajus da safra 78 e ouvir as histórias do velho Aníbal.

Os galos

Do fundo da noite, do fundo dos quintais, chegam os cantos dos últimos galos que ainda conseguem sobreviver à sociedade tecnológica. Na verdade, quase não há mais quintais, quase não há mais galos. Estão sendo substituídos por míseros galetos, que antigamente se chamavam frangos e não era nome feio. Pálidos e escleróticos galetos, que não conseguem esconder o aspecto asmático na tristeza dos olhos, quando passam pela rua dentro de caminhões a caminho do açougue.

Os galos de antigamente! Eram vistosos e enormes, possuíam pose de embaixador de alguma república de galos e eram orgulhosos do próprio canto. No terreiro, quando abriam o bico, em meio às galinhas muito vaidosas de fazerem parte do seu harém, subia pelo ar uma clarinada cristalina e cortante como um punhal ferindo o silêncio das horas. Eram todos diplomados por uma escola de canto, uns como

barítonos, outros como tenores, todos de penas brilhantes ao sol em tons que iam do vermelho mais vermelho, ao negro mais negro que todos os pecados do mundo reunidos.

Lembro-me de um galo menestrel, que havia no quintal da minha avó Maria Ernestina, lá na fazenda, e que era um dos poucos orgulhos daquela boa senhora magrinha. Galo que mereceu um romance em versos feito por dois violeiros em desafio, para saber-se quem dizia coisas mais bonitas com mais bonito dos galos. Morreu de velho, cercado do respeito de todos da fazenda, incluindo entre esses, todos os habitantes de todos os galinheiros da redondeza.

Nas madrugadas de hoje, ainda escuto alguns remanescentes daqueles galos de antanho. Escuto mesmo ou são meus sonhos? Ouço-os distantes e já cheguei a pensar que poderiam ser esquálidos frangos às vésperas da morte. Mas prefiro acreditar que são galos mesmo. Pelo talento que põem no canto sonoro e claro que corta a noite e sobe no espaço, enquanto as raposas, onde quer que estejam, param respeitosas e dóceis a tão lindo cantar.

Como um oleiro

Invado a casa de Dorian Gray e, de repente, me vejo cercado de cores, cores e cores. São cores que se alastram pelo chão, sobem pelas paredes, avançam sobre nós, como a querer devorar-nos. São telas, são tapetes, são mosaicos, são murais enormes se agigantando sobre uma parede e que parecem querer rasgá-las e ganhar rua, o mundo.

E ali é o mundo desses homens que vivem em febre permanente de pintar, de traçar esboços, olhos voltados unicamente para as cores onde arranca a beleza que sua sensibilidade e seu talento fazem cada dia mais renovada. Mas espanta a capacidade de renovação que sobre o que fez ontem desse inquieto pintor, que me acostumei a admirar numa amizade lenta e que vem de muitos anos. Me espanta descobrir cada vez que vejo um trabalho novo de Dorian Gray uma feição diferente uma experiência nova, que o faz nunca

repetido sobre si mesmo. Agora mesmo, nesta visita que faço ao seu atelier, o pintor mostra-me umas pinturas sobre madeira, feitas com uma técnica que não sei exprimir nem repetir por aqui, e que nem parecem ser do mesmo artista, que pintou aqueles quadros em volta.

Ninguém vê Dorian Gray desperdiçando tempo, na rua. Vive na sua oficina, como um operário dedicado ao trabalho sob as ordens severas de um patrão severíssimo. Esse patrão que deve ser – só se explica assim – o amor confiante que tem da obra que faz. Esse mesmo amor que leva um oleiro a permanecer de olhos vidrados na jarra que brota do barro que se molda nas suas mãos, enquanto a roda da sua engrenagem gira e gira, a esquecer-se do mundo que grita, se transforma e se desmorona à sua volta.

E a casa de Dorian tem essa feição antiga de casa antiga, varanda cheia de calma, jardins adormecidos... Onde, parece, a gente está sempre vendo que – como diz o poeta Dorian Gray – "humilde alguém se assenta a um canto e fica a escutar a música das árvores e a lua que chega".

Madrugada

São 4 horas da madrugada e uma lua em quarto minguante deita sua luz baça sobre as coisas em volta: os telhados das casas, as plantas do jardim, o pombal azul onde o casal de pombos dorme. Até pouco tempo atrás, chove, o que descubro pelo chão molhado, pelas gotas d'água que ainda caem das folhas do jardim. Há uma solidão boa que vem do fundo da rua, quebrada unicamente, por um homem de paletó escuro, que passa calado para não afugentar o silêncio.

Homem passando sozinho numa madrugada só me faz pensar duas coisas: um ladrãozinho voltando do seu trivial ou lobisomem. Mas informam os realistas que os lobisomens são uma espécie em vias de desaparecimento: já os ladrõezinhos, nem tanto – estão em franca e desenvolta prosperidade. Há ainda, a possibilidade de ser um viajante que está indo à estação tomar o trem. Mas os trens, desgraçadamente, já não

existem, pelo menos neste Nordeste que dá preferência aos ônibus corredores e cheios de ferocidade.

Esta última impressão me vem do tempo em que ainda havia trem e meu pai me acordava muito cedo para costumeiras viagens à fazenda. Hoje, meu velho pai se foi num trem para nunca mais. E eu estou na estação à espera que o meu passe e me leve também. Até lá, cismo nas madrugadas e converso a propósito de homens solitários que passam a caminho de um trem impossível.

Os sapos executam uma fuga bachianano charco, do outro lado da rua. Um charco que volta todos os invernos e que espero seja respeitado pela prefeitura. A lua mingua cada vez mais e traz, confusa, à lembrança um verso do poeta português, Antônio Nobre, que não consigo recompor...

A ilha

De repente, a notícia salta do jornal e me cai na alma: uma ilha vai ser posta em leilão, no próximo dia 27. Fica na região de Parati, Rio de Janeiro, pertence ao Serviço de Patrimônio da União e, praticamente, o grande obstáculo aberto entre mim e a ilha está no preço. Os lances devem começar, inevitavelmente, de Cr$ 1 milhão 540 mil.

Quem não se perturba com a notícia de uma ilha à venda? Quem não quer viver numa ilha, longe dessa parafernália que se estabeleceu sobre as cidades modernas, uma ilha sem televisão e sem automóvel, sem conhecidos chatos e sem banco para mandar dizer que tal dia é o pagamento da promissória? Quem?

Dá logo vontade de pensar naquela clássica lista dos livros fatais que, fatalmente, se levaria para uma ilha deserta, onde o tempo sobra e as horas se estendem, frouxas,

pelo espaço aberto. A releitura sempre adiada de Cervantes, do Proust, do Balzac. E depois, o mar em frente à vida soberana, como requisitava o poeta.

Tenho um amigo um tanto maníaco que, quando se vê com um papel diante dos olhos e um lápis na mão, começa a desenhar um montinho de areia com um coqueiro do lado e um bonequinho deitado debaixo. É ele em sua ilha. Certa vez, quase ia suspenso da repartição pública onde trabalhava, porque, ao receber um processo para meter um carimbo, o que fez foi desenhar a bruta ilha no lugar da carimbada. Foi preciso rasgar a folha, porque processo não rima com ilha.

Para aquela ilha de Parati, com seus 145 mil metros quadrados, plantada bem diante da foz do Rio Barra Grande, como diz o anúncio, quem não puder mesmo dar o lance maior, pois a Loteria Esportiva continua ainda sendo uma esperança fugidia na vida de cada um, que faça como eu:

arme-se das mais firmes intenções, tome a certeza de que a ilha já é sua, ponha a um canto os livros, a vara de pescar, a única bermuda e a única camisa que pretenda levar, deite-se e durma. Terá, então, o mais belo, diáfano e prazenteiro sonho de toda sua pobre vida.

Beco da Lama

Sobre a foto de muitos anos, amarelecida, desvendo passos e lembranças. O velho Beco da Lama, que eu também poderia cantar num dístico cheio de elipses mentais. A foto tem dez anos. Eu passava ali, repórter de um jornal. Amigos simples descobriam a cabeça, tirando o chapéu. Invariavelmente, meus amigos do Beco usavam chapéu. Chapéu de feltro, chapéu de pano, chapéu de palha, como havia chapéu para ser tirado à passagem do pobre repórter.

No bolso, pouco dinheiro. Mas havia riso na alma. Contava as notas e via que dava para comer um bife de fígado no "Restaurante Pérola", onde comi os melhores bifes de fígado de toda a minha vida. Eram espessos, generosos, sangrentos e acebolados. E o garçom caprichava comigo, de quebra, uma enorme cebola extra deitada em um prato e dois vidros de pimenta: um de molho inglês, outro de

malagueta. (Agora lembro que, quando era menino, ouvia lá em casa os mais velhos chamarem o molho inglês de molho vegetal, e eu fiquei com uma curiosidade incrível para conhecer o mineral e o animal, até hoje...).

No Beco, encontrava seu Pedro, o tanoeiro, mestre nas artes de fazer bicas. Gordo, usava umas camisas enormes que pareciam verdadeiras bandeiras a envolver-lhe o corpo. Quando me via, abria o rosto num riso como sua alma e eu sabia que era hora de tomarmos uma meladinha no boteco de Nasi. Mestre Nasi, descendente de árabe, narigão a despencar sobre o rosto, era o dono das melhores meladinhas do Beco. Senão da cidade inteira. Caninha, mel de abelha e dois pingos de limão. Havia sempre para tira-gosto um caldo de feijão de alegrar os corações mais duros, ou uns miúdos de galinha, que eram a graça da casa.

Até o mestre Nasi mudou-se do Beco. Esse beco nas quebradas da noite ficava soturno como uma alma penada,

três ou quatro lâmpadas, soltas aqui ou ali, a iluminar a sua solidão. Era a noite dos bêbados trôpegos e das mulheres errantes. Na foto de 1968, o poste que não existe mais, com o velho *abajour* de ágata a guardar uma lâmpada cheia de enigmas. E parece que ouço o vendedor, solitário, ao vento, correndo por ali, para desfazer-se num sopro só, lá adiante, na Rua Ulisses Caldas. Beco da Lama, nunca te louvaram, te louvo agora na lembrança que essa velha foto desvenda.

Naquele hotel, em Paris...

– *Monsieur Leblanc est le culpable!*

A gorda senhora vinha desabalada, ao longo do corredor branco daquele hotel em Paris, onde me encontrava desde a véspera, e apontava o pescoço com a mancha vermelha, sangrenta. Havia um vampiro no hotel! – foi o que me acudiu, de repente, ali, depois que acabava de subir dois andares de escada e caracol, naquele hotel sem elevador.

E como não existia elevador, a apavorada madame despencou-se caracóis de escada abaixo, como uma louca varrida. E gritava, assustadoramente, pelo nome de um homem culpado: Monsieur Leblanc. La embaixo, uma velha senhora de cabelo oxigenado, recém-saída do hospício, tocava *La Vie en Rose* em um piano desafinado e não se deu conta de nada. Em vão, pedi que ela parasse com a música, que o caso era grave.

Grave? Afinal, quem era e onde estava o temerário Monsieur Leblanc? Eu o conheci, desde que cheguei, naquele penúltimo dia de dezembro, chovendo muito lá fora, em busca de um quartinho aconchegante naquele hotelzinho da Rue de Cujas, transversal do Boulevard Saint Michel. Aparentava uns 50 anos, era careca, usava óculos e vestia um sobretudo pesado e escuro que tornavam suas costas ainda mais curvas que a idade permitia. Tinha um ar de criador de coelhos ou de tabelião aposentado.

Nunca se esperava de Monsieur Leblanc revelações vampirescas. Mas foi o que se deu. A gorda senhora, que se chamava, prosaicamente, Rose Marie, contou, depois de tomar um cálice de xerez, que saía do quarto em *robe de chambre*, para ir falar com uma vizinha, quando se topou com o hóspede no corredor. E este, erguendo os braços, avançara sobre ela e, agarrando-a pelos ombros, mordeu-lhe o pescoço, como um insano.

Insano? A proprietária do hotel, uma sábia senhora de seios opulentos e sempre parecendo estar saindo de uma litogravura de Toulouse-Lautrec, depois do xerez tomado, bateu nas costas da assustada hóspede, dizendo-lhe qualquer coisa como: "a vida é isso mesmo...".

Fiquei uma semana no hotel da *Rue de Cujas*. E me acostumei a ver e ouvir, todos os dias, uma mulher sair gritando pelo corredor, enquanto apontava o pescoço:

– *Monsieur Leblanc est le culpable!*

Newton

Na-

varro

Bilhete de agosto

Chico:

Em toda parte é agosto. Uma beleza. A cidade nos seus belos instantes de antigamente. Tem havido uma lua, francamente, dessas dos melhores versos de Antonio Nobre. Quem anda, lá pela curva do mar, na Areia Preta, tem visto bem-assombros de deixar líricos os visionários. Um dia desses, quando a lua ia muito serena e mansa, pelas alturas do Tirol – os morros perfumados, bem longe, o rumor do mar, aparecem sereneiros pela minha porta. Cantam muita coisa de fazer saudade. E nas saudades vadias que apareceram entre os violões sonoros e as vozes um tanto "molhadas", lembrei os belos dias antigos. Você sabe. As andanças pela cidade despertam. Suas esquinas sonâmbulas. O aparecimento das estrelas, junto ao mar. E as lembranças mais

caras e mais particulares de Taormina, com suas cantigas de barcaceiros e um frugal jantar de peixe frito.

No mais, são as marés estrondando muito alto e umas mortes terríveis que magoaram o coração dos amigos. Agosto, talvez pela beleza maior do seu tempo renovado, pelas suas luas maiores, pelas marés mais fortes, cobra caro esse espetáculo e se faz cruel e mata as assustadas criaturas humanas.

Você vai imaginando o que mais que está a acontecer pela cidade, a nossa cidade de sempre, tão amada. Nas Rocas, os soturnos parecem maiores. A gente sobe as dunas às duas e fica olhando a lua, serenando. Olha para as bandas da Ribeira e de lá vêm imagens claras, lembranças vivas. A capelinha luminosa, as velas enroladas dos barcos pela praia, o morro de Genipabu.

Tenho andado muito perto do mar. Pelas tardes, há mulheres, estranhas, assustadas com o mar que estronda.

Mas, assim nasce a lua, se aquietam e vão se deixando cobrir dessa meia sombra da noite. Há, pelas manhãs, aqueles meninos de sempre, enfeitando a hora matinal com papagaios coloridos.

Tudo muito belo, muito vivo, muito arlequinal. Tenho lembrança de muita coisa. E assim vou aquietando minhas tristezas. Como seria bom se também o nosso velho coração se renovasse...

Um abraço.

Desenhos

Ando a riscar uns desenhos ligeiros, de gente, bichos e casas da cidade. Mais ainda: árvores, barcos, o rio, essas coisas misteriosas que às vezes flagramos quando menos se espera, numa esquina da madrugada ou na hora neutra das tardes. Outrora, em plena boemia, eu via mais coisas. Os anjos baixavam (ou subiam) para aparições que dilaceravam o tempo. Havia figuras que nada tinham de humano. Andavam sempre nas imediações dos bares ou na beira do porto. Constituíam notícias à parte, mas eram, mais que qualquer outra, a alma da cidade.

Certa vez, encontrei um embarcadiço, num bar do Recife, que não sabia se explicar nada em português. Mas abria os braços e todo um cristo crucificado era entregue, em sua presença crucial, aos homens que enchiam o Bar São Francisco. Ia, assim, de mesa em mesa, fazendo seu

sermão da montanha, pregando bem-aventuranças do crucificado, enquanto bebericava, na cachaça opalescente, o sal da terra dos homens.

Essas coisas todas e mais algumas outras muitas fazem um roteiro de qualquer cidade. Principalmente à noite, quando a cidade parece se mostrar mais, no que tinha guardado a luz do dia. Vi, nessas tortuosas ruas da Ribeira, esplendores quase de fantasmagoria. Vi luas baixarem e, certa ocasião, uma mulher, debruçada havia muito, na sua santa janela da consolação, se pôs a limpar com o seu lenço a noite mansa da sua rua. E aos que indagavam da sua "loucura", respondia que via bem a face de noite suada, a transpirar longamente. Essa mulher colecionava perfumes e aceitava sua vida com humildade cristã.

Ando a riscar uns desenhos. Coisas simples, para guardar na minha emoção essas linhas que fixam, para mim, a vida da cidade. Mas, ah, pudesse desenhar a minha

alma. Um traço que fosse. Um gesto tão igual ao daquela mulher que limpava com lenço limpo a face suada de uma noite de forte calor...

***

Os desenhos vão enfeixados em álbum. Cada página ilustrada com um verso de um amigo meu – poeta naturalmente. E graças a Deus sou amigos de todos os poetas de Natal. A apresentação será do mestre Cascudo e a edição estará aos cuidados dos meus amigos Arlindo e Ribamar, gente que tem inovado na cidade a apresentação gráfica dos últimos lançamentos da Imprensa Oficial.

A torre

Logo mais será noite e, nessa percepção, Paris parece mais agitada. Certamente choverá. O frio é humilde e cortante. Vez em que o vento desaba meio aterrador por essas ruas maiores. Zune sobre as multidões apressadas, choca-se contra o tráfego agitado, perde-se pelos becos mais sombrios de onde sai feito canção mais audível, quase igual àqueles longos e gementes soluços que o Poeta descobria entre as folhas caídas. O tempo enfarruscado ameaça a noite. Mas, mesmo assim, a Torre Eiffel parece uma tentação aos nossos olhos. Na vertigem colossal com que os seus trezentos metros varam o céu nublado de Paris, é um convite mais desafiador e, por isso, vamos tomar lugar na fila enorme.

São três afoitas etapas a vencer no fio rolante que iça, suavemente, os elevadores. E a subida é fascinante. Daqui e dali, de todo os cantos, Paris também ascende. Se mostra, se

despedaça em visões deslumbrantes, se oferece, desde a sua branca colina de *Sacré Coeur*, até os mais distantes bueiros que deixam escapar um fumo, quase estático, vertical, dentro da bruma.

Avaliamos o quanto admirável não seria, num tempo claro, ir sentindo, assim como agora, o mostruário interior da cidade, aberto aos nossos pés. Quase a se oferecer a um demorado toque das mãos ávidas. Como se possível fosse agitar o verde musgoso desse Sena que demora lá embaixo. Arrancar-lhe os peixes e plantá-los nesse céu chumbo, como faria Chagall. Ou andar sobre essas árvores de ouro, umas já tão hirtas, desnudas, para o terrível inverno que ronda a Cidade. Ou ainda, voar como agora o fazemos, por sobre o casario, ruas, casarões, águas-furtadas, esses belos parques, essas torres tão sozinhas, essa agitação dos Campos Elíseos, mais ao longe, na beleza das suas luzes, a graça das mulheres e o rumor dos transeuntes.

Um clima puramente surrealista, esse, que a Torre propicia. E, por fim, o tope, o ponto alto, o deslumbramento total. Do varandim, por inteiro a cidade é sua. Escolha a parte onde ir morar mais tarde. Adivinhe mesmo, dentro da bruma, o melhor de *Montmartre*, o mais descansado do *Bois de Boulogne* o mais misterioso dessas ruas que serpenteiam ao longe, e onde possa amanhã pintar qualquer coisa de novo que a cidade oferece. Também não se pode evitar um demorado olhar de procura. "Meu Deus", há de perguntar insistentemente o coração, "em que rumos ficará agora a minha cidadezinha distante?" Por onde os meus amigos, a carinhosa lembrança das coisas mais queridas e demoradamente amadas?

A Torre silenciosa, alta, poderosa, sustenta admiração e o seu pasmo. Sustenta mesmo o seu nervosismo. Garante-lhe a prodigiosa visão, agora que Paris vai começar a se acender. E já começa. E o resto é o silêncio dessas luzes todas, o encantamento desses quarteirões que renascem para a

noite. O encanto desse milagre, do dia a dia parisiense, que surge. A face da noite, a alma noturna da cidade, sua formosura artificial de mulher a pisar com leveza o rio milenar, a caminhar para os grandes bulevares, certa da sua beleza, Senhora da Noite, entre astros mergulhados na bruma, e que, por isso, mais se acendem, para lhe coroar os encantados...

Horardente

Tudo tão igual àquele cartão postal de Mongibello. A mesma aventura pelos portos. A paisagem das velas nos barcos ancorados. O rumor das águas e cheiro da maresia e de pescado. Havia redes estiradas ao sol e na *terrace* do restaurante comiam peixe e bebiam vinho. Faltava somente a canção praieira que geralmente embala navios e marítimos, nas horas da sesta, mas, em compensação, vinha no vento brando um resto de rumor da vida da cidade e isto fazia mais completa a paisagem da manhã.

Depois foi a travessia com maré vazante. Água na vela para que o barco singrasse mais sereno. Iam despontando, à margem, as pequenas praias, pontas de arrecifes, barcos de pescaria que voltavam do alto e uma ou outra andorinha do mar, veloz como se atirada brutalmente. No litoral, mais longe, as brancas praias maiores e mais selvagens, com

coqueirais e sombras verde-escuras de cajueiros. Os poucos passageiros conversando sobre a safra dos cajus. Mulheres anônimas, o olhar bem distante, no hábito a procura dos homens velejam as cabeceiras maiores.

Assim ia a viagem, a aventura. Na irrealidade, os belos arquipélagos de um tom vermelho-molhado de corais fantásticos. Pirâmides de sonho, com leques de luz nas cristas e pelas escarpas líquens maiores, estirados ao sol de uma poesia nova que arrebentava do coração transbordante. E havia o cardume maior de peixes, estirados ao sol de uma poesia nova que arrebentava do coração transbordante. E havia o cardume maior de peixes terrivelmente belos, com barbatanas de um tecido escamoso, onde a água salitrosa deixava pérolas e pedras fantásticas. As mãos dos convivas da aventura podiam, então, se entrelaçar em meio ao esplendor da rota. Afundavam na água e cantava e ia até bem dentro dos seus corações, enternecidos, a revelar uma vida nova, fazê-la canção, marulho, expressão de amor.

Chegavam, enfim, aos abrolhos gigantes, eriçados de aves marinhas sonolentas e de onde se via o dorso do mar, com suores, arfante. Tinha-se a paisagem despida, misteriosa, translúcida. As palavras não mais seriam realidade, somente os gestos liquefeitos, num sonho prisioneiro de grandes aquários azulados. O doce tempo do amor adormecido e agora rebentado em ânsias. Os terraços, diante do mar, despertam as arcadas brancas.

O violão com uma balada presa nas cordas. O bojo do instrumento transformado em búzio maior, onde vinha o mar rebentar a sua canção perdida.

E os corpos quase somente uma chama de intenso desejo rebelado a se desfazer em ardentias. Outra vez um arquipélago desabitado onde o triunfo do humano era pouco mais que o leve arfar da alma. As construções espantosas de ardósias, o queima de lúcidos peixes vermelhos em espirais, pelos corredores onde os gestos se completavam. E

cortinas irreais das fugas se desdobrando num verão maior, repentino, com asas sobre o desejo intenso de se possuir por completo a morte, pousada como mansa suspeita de eternidade dos corpos entontecidos que se amavam.

Vinha a noite a cavalgar horizontes desatentos. Uma palavra gerada no amor, caída em outra boca e das mãos sem luxúria, em tapetes de imprevistas claridades de cristais ardentes, tecia figurações de uma lenda, com Afrodite a descer num fio de luz marinha para o ventre da cidade milenariamente suicida e afogada.

Era uma estranha aventura de amor, somente, entre arcadas brancas e hirtas paredes caiadas, em meio a cheiros de maresia, excitantes. Assim como em Mongibello...

Festa da Limpa

A essas horas o Largo dos Santos Reis já amanheceu enfeitado. O ritmo do progresso que invade o bairro não conseguiu de todo dominar a tradição dos festejos que encerram na cidade o ciclo natalino. Outra vez, as barraquinhas de palha, as latadas, peixe frito no dendê, tapiocas gostosas, farinha de castanha, doces talhadas de caju e copos de "branquinha". No alto, os Reis receberão as rezas do seu povo fiel, os ex-votos, as promessas, a cera onde arde a chama votiva da fé dos que ainda não desertaram, e que tem a confiança na estrela que guiou os magos e há levar o povo de Deus para a terra prometida, em meio a esses dias tormentosos.

Bons tempos, o antigo! Murmuram os mais velhos. E gosto quando eles me concedem alguns minutos para confidências, recordações maiores. É uma delícia ouvir Evaristo de Souza falar das festas passadas na Limpa, dos barcos cheios

de gente, dos violeiros, dos balaios pesados, de frutos, de mulheres, e amores... Evaristo recitando e não mais contando os fatos, porque a sua emoção lhe enche os olhos, e o emocional que mora nele desponta e com pouco desata-se uma modinha antiga, daquelas de serenata... Bom também é ouvir Carlos Siqueira contar da vigília, no alto antiga montagem, e as barraquinhas com luz de carbureto, as morenas, os descantes, as violas de fitas os quebrantos, o cheiro da noite perfumada de dendê, de cajus, de cheiro de moça nova...

Meu Deus, por que passam essas coisas? Por quê? Ah, se pudesse outra vez, como antigamente, com minha roupa nova, pela mão do meu pai subir os altos da capelinha, para pagar a promessa que minha avó fizera pela minha saúde. (Ah, a saúde antiga, mesmo que aquelas doençazinhas que se curavam com chá. E não essas de agora, fundas doenças de saudades. Lembranças dentro da noite, com a festa tão longe, quase como uma coisa de se perder; barca que se esfuma, que vai partindo, que vai desaparecendo por detrás das dunas do Areial...

Condução para a aurora

A rua era como um túnel, atravessava a noite que ainda parecia densa, na Ribeira, e levava até a aurora que já se desmanchava no mar. Era uma rua pobre, triste, com mulheres sonolentas, que ainda, algumas delas, esperavam o impossível amado.Os frontões das casas parecia que ainda dormiam também e, apenas num boteco, a chama de uma lamparina fumegava, clareando a luz baça e triste um pedaço da rua. Mas, mesmo com todos esses traços de pobreza e tristeza, a ruazinha ganhava aquele poder de condutores da aurora. Se num extremo a noite era ainda bem presente, com restos de estrelas pelo alto, no outro extremo, já a aurora se apresentava com claridades de beleza inaudita. E a ruazinha humilde, suja, de mulheres sujas e tristes, ganhava um valor poderoso e único. Por ali começava a passar os

primeiros trabalhadores da manhã. Os homens do mar, com redes e remos às costas. Iam e vinham outras pessoas. Umas misteriosas, dessas que parecem feitas somente para a noite e que se espantam com denúncia do amanhecer. E a todas elas a rua dava passagem e abria perspectivas novas de esperanças. De um lado, a noite agonizante. Do outro, a manhã nova renovada, alegre, apagando estrelas. Tão humana a rua, tão com a lama! Sua pobreza de nada importaria. Conduzia a tantos para uma alvorada limpa e nova, embora, em suas sombras, tantas coisas terríveis se passassem, e houvesse pranto abafado em lençóis de abandono, desespero, coisas que a noite alimenta...

Encanto de setembro

Era um acontecimento simples, e como tal, uma beleza. Estávamos todos sob a grande lua de setembro, e recitávamos versos esparsos de Luís Carlos (Guimarães), que um dos amigos presentes ainda não conhecia. E subia, no céu, já tão abertamente veranico, a grande lua. E círculos de luz se espalhavam pela noite, assim como quando atiramos no azul parado da água um seixo qualquer, e começam a se formar anéis que se ampliam, renascendo um dos outros. Assim acontecia com o grande céu de setembro, sob o manso rio. E calávamos, às vezes, para ouvir o rio conversando. Era como uma voz de água chorosa, lembrava um verso de Praieira. Mas, logo uma marola mais alta dizia e repetia por muito tempo uma mensagem de mar salgado, que entrara rio adentro, vindo do alto, e trazia a lembrança de um marinheiro que se deixava embarcar para os reinos

misteriosos de Iemanjá – dona das águas... E estávamos assim quando seu deu o acontecimento simples. Um barco surgiu vindo do cais. Vela cheia de vento sul. Um signo de Salomão no pano pando que a lua clareava. E por que não dizer logo, senhores meus que me escutais, ia no bojo do barco toda uma serenata, tocando sua alma toda em meio do rio. Distingui bem o banjo e pinicados de viola, mas outro amigo meu descobriu, quando o barco passou mais perto, o choro de um saxofone. E continuaram pelo rio afora. Foram indo mais longe. Perderam-se. Ainda ficaram tons, acordes, lembranças das notas presas entre os cordões luminosos do luar que lá havia ganho todo o céu. "Setembro jogava flores pela janela..." e o rio recolhia e levava de presente o mar...

O menino que pesca

Um instante de calma. O rio quase para de descer na maré baixa. E o mangue esverdeado ao sol, abrindo-se em convite nas gamboas misteriosas. Quase não se movimentam as canoas paradas. Nem sequer arfam as quilhas com os nomes vistosos. Nomes de mulheres distantes que ficaram em Macau, Areia Branca, Recife, Alagoas... Quanto muito, no vidro claro da água, um peixe-agulha corta com seu fio dorso de diamante; a lâmina que o sol faz fulgurante. E o sol, no alto, enche o sábado de claridade. Naturalmente tudo isso, porque hoje é sábado.

Então o menino, que veio das Rocas, com sua latinha de iscas, seu pequeno anzol de vara, senta-se na ponta do trapiche e joga a linha na corrente, quase imóvel. O menino completa a calma da paisagem. É um garoto de chapéu de palha suja. Olhos vivos, buliçosos. Mãos já calejadas,

porque já se meteu no mar alto, treinando com seu irmão mais velho, para pescarias maiores. Isto me contou ele, enquanto mudava a isca que um peixe arisco mordeu e levou. O menino não entende por que estou ali ao seu lado indagando coisas. Tanto que silenciou de vez. Voltou-se para os longes do rio e o azulão do mar enorme. Para que haveria ele de ligar para conversa fiada de um xaria que não pode participar do seu mundo?

E eu, pobre cidadão de cidade, faço meia volta, no rumo incerto. Quanto não me custa saber que jamais terei a riqueza daquele menino, que logo mais arribará num barco, levando na quilha o nome da mulher que ama, e sairá pelo mar alto, pescando, vivendo, amando nos portos distantes, bebendo, vivendo uma vida maior e mais nobre de ser sentida. Eu, menino marinheiro, como no poema de Bandeira, melhor fora que voltasse bêbado, bêbado.

Rua da Floresta

A rua, ao que informaram, chama-se Rua da Floresta. Fica junto ao rio. Não vai muito além de umas vinte casas. De um lado, nas latadas das "comadres", há peixe frito com tapioca, todas as tardes, assim cheguem os barcos do alto. E lá no fim da "rua", os "armadores" modestos fabricavam barcos, que levam na quilha nome de cidades ou quando mais bem-intencionados, nomes de mulher, que dão mais sorte. Do outro lado, alinham-se *clubs*, galpões para a venda do pescado, bares modestos. Assim é a Rua da Floresta. Não perguntem pelas árvores, que estas não existem. E por que então esse nome? Não sei. Um poeta talvez quem batizou a rua. Ou a tradição guardou a lembrança de árvores passadas.

Tardinha, a rua adquire uma beleza fabulosa. Lá, certa vez, encontrei Joana-Sem. Conheci também o Mestre Valentim, Maria D'Água, Pedro Pesqueiro, Ciço, Querosene,

que umas tardes de grande carraspana canta sozinho um coco de roda para ninguém botar defeito. E se faz lua, ah. Se há luar, a rua adquire poderosa feição de encantada. Lá, tempos passados, em companhia do poeta Luís Carlos (Guimarães) ouvi até muito tarde um desafio de viola. Eram cantadores que "vinham de cima", para a feira das Rocas e aproveitavam a noite de lua para "descantes"...

Pensaram em chamá-la Rua do Rio. Mas felizmente não mudaram. Árvores imaginárias continuam a marginar as limitações, onde as casinholas humildes estiram duas latadas aclaradas pelos "faróis", cheirosas de peixe frio, e cheias do murmúrio do rio, contando coisas... da Floresta tem seu território particular. Campo de poesia. Pátria aberta dos pescadores. Um *boulevard* misterioso onde se escutam "estórias" fantásticas, de peixes, de afogados. Fala-se, ali, do mar, como coisa "de casa". Imagino a rua, nessas últimas

noites de lua cheia. Não mais fui por lá. Ando muito distante da beleza. Não que, à maneira do poeta não tivesse sentido amarga e a injuriado. Não; que sou eu para essas posses? Sou tão pobre de Deus que até a riqueza humilde da minha cidade ando perdendo...

Beco da Lama

Cantar-te mesmo em prosa, Beco da Lama. Não Rua Vaz Gondim, desfigurada e falsa. Mas, beco, tão somente, e para que mais? Beco é tão mais humano, tão mais vida, tão mais sentimento. Corrias paralelo ao centro maior da cidade, que era a Avenida Rio Branco. Tão próximos e tão diversos! Dos frontões soberbos da avenida sempre a sombra, o lado escuro, a alma nublada. Quanta água esverdeada e escura não correu sobre tuas pedras tortuosas! Guardava as mágoas e os desabafos da rua maior. Chamava-te por isso "de lama", como se não fosse tão somente a porta estreita por onde o mundo maior da rua deixava sair nas madrugadas, os desesperos, a angústia, o suor e as lágrimas, enfim o lixo dos dias fartamente vividos.

Canto-te como amo de amante e amigo. Foste do meu tempo de menino. Tempo ido, quando abrigavas tanta gente que já passou. Lembro o salãozinho do "jogo do bicho", do

"Seu" Campos. As duas portas altas do Cel. Felinto Manso, ele sentado todo de branco, no seu bureau amarelado. Depois a oficina de mestre Monteiro, onde tantas vezes meu pai trabalhou em horas de férias. Mais para lá, portas humildes de funileiros, sapateiros, pequenos alfaiates. Eras humilde e simples, sabias guardar os segredos e os erros da rua maior. Quantas noites de abrigo não deste aos bêbados mais abandonados e, escondeste amantes subversivos? Lembro certa lua que vi debruçada sobre os quintais que te margeavam. Talvez a mais pura claridade que já me cobriu neste mundo de Deus.

Cantar-te agora me desabafa. Sou agradecido, permanente, às muitas vezes que parecias mais largo para as minhas passadas e me guiavas com a mão de treva ao ponto de chegada. Hoje, querem mudar teu perfil. Já o conseguiram em parte. Tua alma, não! Tua alma é eterna chama azul a subir do chão tortuoso de tuas pedras, chama que um vento diuturno parece reacender constantemente, e que não é outra coisa que senão a alma dos que te amaram antigamente e sempre, e volta para deixar bem viva tua presença na vida da cidade.

Mulher junto ao mar

Outra vez vos falarei de mar, haveis de desculpar. Tenho andado pela praia e as notícias que vos trago são marinhas. Informarei de uma mulher muito alta e esquiva, sozinha, pelas horas das quatro, naquela curva em que o mar se aperta um pouco, junto as pedras, para as bandas do forte. Ia a mulher nas suas esquivanças, pelo largo da areia. Ia de pés descalços, pude me certificar melhor, e, a uma investida mais forte da água, na maré cheia, corrida voltando para a areia frouxa das dunas.

O que fazia só, não vos explico. Uma mulher sozinha, àquela hora, é plenamente inexplicável. Aliás, qualquer mulher, a qualquer hora, se explica ela mesma. Não há de carecer nenhuma melhor explicação do que sua presença. Ela se diz assim: sou eu mesma, fulana de tal, sou mulher pela graça de Deus e aqui estou para oferecer minhas

graças. Se encerrará em cismas e sairá plenamente louvável e satisfeita. Vi muitas mulheres em minha vida. Nenhuma precisou de explicação.

Agora vejo, solitária, aquela outra que saltita na praia. Tem à sua frente um grande sol que começa a baixar, em crepúsculo lento. Abre-se o grande disco de encontro aos seus cabelos. Assim, de longe, o disco se transforma em halo, auréola, resplendor nimbando de luz crepuscular o perfil da mulher andarilha. E ela se aventura mais na praia e mais a praia se abre aos seus pés. Abre-se por que até então a linha de pedra apertava a água de encontro a areia. Mais perto da fortaleza, a praia se espraia e a mulher pode andar mais livre.

Agora sua mão cheia de lua acomoda os cabelos que o vento dispersa. Tem movimentos leves, parece que ajudados pelo vento manso. Já não se importa mais com a água que rareou. Somente a areia molhada na praia maior. Um barco,

com a quilha esguia lhe barra os passos. Ela sossega. Senta-se e fica olhando o sol caído. Visão ou o que seja é uma mulher aos meus olhos e aos meus desejos. Vejo seu perfil mais perdido, agora, que vou me afastando. A luz morrendo vai encobrindo-a no escuro. Alta, muita alta uma estrela pisca na tarde. Da mulher, resta aos meus, quanto mais distante vou, uma sombra vaga, feita de luz, estrelas de luz, peneira de luz. Aparição ou não, lá se advinha a presença. Iemanjá num passeio pelos reinos ou simples pessoa, Maria de tal qualquer, vinda de Brasília Teimosa, para espairecer pela tarde. Uma mulher somente. E não precisa dizer mais nada. Nenhuma explicação e este informe.

O caso do violão roubado ao poeta

O que se rouba da casa de um poeta? Foi a isso que nos respondeu a crônica policial, dias passados, a respeito de um visitante noturno que entrou pela casa de Berilo Wanderley. A visita, como de sempre, foi a horas altas e dividiu a presença em duas partes tanto trabalho achou para a tarefa daquela noite, andou, virou, mexeu, e levou o violão do poeta e algumas galinhas que a dona da casa criava para os festejados jantares do sábado. De casa de um poeta se rouba, principalmente, um violão. E assim roubado, o instrumento de amor do seu dono, vem a lhe causar o mal maior. Deixo-o desarmado. Longe dos dedos as cordas sonoras desanimam o poeta. Pode, de certo, valer-se da caixinha de fósforo, da faca e do garfo, e da garrafa vazia e demais alguns outros arranjos de improvisação. Pode,

mais certamente, aguentar-se na eletrola que o deixa mais à vontade estirado na cadeira ou no tapete macio a ouvir suas vozes e letras preferidas. Pode muita coisa um poeta que tem o seu violão roubado. Mas o que não poderá, de certo, é calar sua saudade. "Quem levou meu violão de estimação?". Creio que até a essas horas a Polícia ainda não pode responder a melancólica indagação do poeta. Quanto às galinhas roubadas também naquela noite, o fato se torna mais claro e até justificado. De certo, o ladrão é um sujeito lírico. Primeiro roubou o violão para matar as suas mágoas e saudades. Logo o estômago reclamou, para também matar outras coisas e a "penosa" foi imediatamente o ponto visado. Outra vez voltou e o poeta se viu sem a gorda galinha para o sábado vindouro. Vai se valer das "conversas", sem violão, matará o tédio no assobio ou nos giros da sua discoteca.

Há, não roubeis os poetas, que tem eles se não um violão de estimação e algumas bem zeladas galinhas para o jantar mais alentados do fim de semana. Por que esse lírico

ladrão não se faz conviva oferecido? Não foi tocar o violão do poeta, em dia claro, na sua salinha amiga? Por que não vai fazer "tira-gosto" das suas chamadas, na generosa acolhida dos sábados, rasgando uma coxinha da penosa que Maria Emília prepara com tanto cuidado para o gosto das amizades do poeta? Que esse lírico ladrão, pense melhor no que fez, pense e faça voltar o violão querido que o poeta enfeitou com fitas e lembranças trazidas da Espanha. Será recebido com carinho, e agradecimento. O caso ficará esquecido. Até a galinha roubada ficará esquecida, para sempre perdida no papo do maroto.

Mas, ao violão, não. Que volte logo, e certeza tenho eu, que, se o dito ler esta nota, em breve o poeta ganhará de volta o seu instrumento e, entre agradecido e feliz, de pernas pro ar, cantará, à sombra das noites enluaradas de agora, alguma coisa de louvor ao sujeito que lhe trouxe de volta o violão sonoro. Um poeta perdoa tudo. Principalmente a um ladrão lírico que lhe trouxe de volta um violão furtado...

Sander-
son
Ne-
greiros

O passarinheiro

Antônio morava em um socavão de serra. Era seu reino, desencantado. De lá, ele era capaz de ouvir o ranger da Terra como se o Universo fosse uma velha porteira rangedeira ou um portal secular, cujas dobradiças enferrujadas multiplicassem o som gutural dos sistemas de rotação e translação. Do seu buraco de mundo, ele subia em um cavalo baio, alvíssimo e manco, para a chã da serra – aquela planície onde o vento se equilibrava como uma festa.

De sua casa, encravada e alvejada em grotões pesados e difíceis, ele sentia a vida como lhe chegava: suada, pegajosa, tonitruante. Era preciso respirar mais em cima. Respirar como o gado fazia – aproveitando os descampados e a perspectiva de lonjura, sorvendo o tempo pelas narinas, o vento violento que lá em cima se fazia mais do que uma festa: uma carícia. Antônio visitava a pequena plantação de

abacaxis; tirava um ângulo novo com o olhar percuciente da paisagem em volta, e mordia no canto da boca o cigarro de palha, cheirando a um convite. Discutia a melhor maneira de proteger os abacaxis contra a violência do verão próximo e, no fim da discussão com os empregados, já havia tomado doses avantajadas de "ginebra".

Cumprido o ritual de inspeção, Antônio dispunha a fazer o que mais lhe apetecia a vontade de dono da terra obscuro: colocava no alçapão no último galho de um pé de oiticica para pegar um sabiá-branco. Sabiás escuros, ele os apreendera às dezenas – em cima da serra era fácil conseguir-se a prisão de passarinhos, belos concrizes, galos-de-campina que enchiam a vista, pintassilgos vivíssimos. Mas toda sua vida, desde criança, era para ser dono de um sabiá-branco. Pois só este tem o canto de que lhe falara, na infância, o avô: um canto triste e alegre; ao mesmo tempo, capaz de adormecer e acordar; rival da patativa dourada naquelas regiões longínquas de mata-pasto-de-dentro.

E o sabiá-branco não aparecia. O compadre Lucas, colega de infância, ouvia falar que perto dali morava um passarinheiro, por necessidade e convicção, que pegara certa vez um sabiá-branco, vendendo-o logo depois a um mascate. Antônio procurou o fio da meada e constatou que tudo fora invenção. O passarinheiro morrera havia muitos anos e apenas a viúva confirmou que seu marido tinha sido, por toda vida, um caçador de pássaro; e nunca o encontrara também.

Depois de tanto procurar e desarticular o pensamento, já na hora do poente, ele subia no cavalo baio para ir até a ponta da serra. Ali, ficava demorando tempo inteiro a esperar que as luzes da cidade, lá de longe, na serra da Araruna, se acendessem. E, acesas, tremessem na distância, aflitas pela escuridão. Naquelas luzes, ele via a imagem do sabiá-branco do qual nunca pudera ser dono.

Contemplação da manhã

Do alto de Petrópolis, olho a cidade acordando. Uma manhã sem sol, de difícil transparência, nuvens baixas formando um espaço gris. Onde as cores verânicas, o tom dionisíaco que fazem da cidade uma festa? O Potengi a *los lejos* é uma planura cinzenta, semovente, construída pelas águas fervorosas do inverno.

O mar, encarneirado, *toujours recommencé*, sonambuliza suas ondas férteis que, à força de se repetirem, jogam-se indiferentes na praia. Pancetti jamais poderia surpreender nesta costa brava, e marítima, os tons amarelos, azuis e violetas, que fizeram dele o maior pintor de marinhas tropicais do mundo.

As pessoas sussurram novidades. É a chuva molhando corações despreparados para os vários embates do dia a dia e consequentes surpresas sentimentais. A moça, que trabalha na companhia aérea, passa num passo de quem já aprendeu a voar – sua elegância azul comove a indiferença da manhã, sem milagres nem alegria. Meu vizinho, saxofonista, limpa a palheta do seu instrumento inútil para tocar, de madrugada, na contemplação do cometa Halley. Mal sabe ele que o astro vai fugindo da Terra a 80 mil quilômetros por hora. Também depois do que o Halley viu cá embaixo... É carreirão, como diria Seu João Miguel de Águas Pretas, lá do cocuruto da Serra do Doutor.

Olho o quintal verde-musgo. Os mamoeiros estão florindo, dezenas de mamoeiros que formam um reino perdido para um bem-te-vi, que vem assinar o ponto toda madrugadinha. O limoeiro sorri suas folhas novas. Há melancias e pés-de-jerimum gritando seu espaço comovido e silencioso. E, de repente, saudamos uns passarinhos,

típicos da infância de todos nós, chamados de "lavadeiras", que buscam na solitária curva de sua rispidez a maneira fortuita de viver à beira d'água. E a eterna pergunta de Ramón Jimenez novamente deflagra sua impertinência: Onde cantam os pássaros que cantam?

Nhambus de vez em quando, no fim da tarde, saindo das capoeiras onde hibernam, os nhambus saem a pleno voo rasteiro. Poucos sabem de seu canto. Aprendi a piar comovente nos segredos e degredos do sertão. Mas a aparição maior é dos anuns – pesados, graves e sem ambição presos no ar, chumbados à gravidade e sua lei de procura e oferta. Mas são simpáticos, desprovidos do conceito audaz da luta pela vida.

A vida amanhece, fechada e hirsuta. Tantos e tantos, nesta hora, ao desabrigo, navegando em águas de fome e miséria, ao lento relento da pobreza desesperada! Por eles o mundo amanhecerá novo, mais humano e mais justo. E Natal será mais limpa, límpida e suave, igual ao nome que a define. E envolve como uma aura, mística e mítica.

Como era verde meu vale

Estamos no Ceará-Mirim, chão inteiro de infância revisitada, nossa e do mestre Nilo Pereira. Olha a manhã levitando sobre o vale – será sempre para ele a presença do que já definiu como a primeira manhã da criação, a puríssima e nascitura ainda bafejada pelo hálito de Deus. Nilo contempla o canavial; advinha nele o caniço pensante, o frêmito pascaliano que ele guarda pela vida afora, encantatório e descobridor de surpresas e dons inalteráveis de ritmo e sentimento.

A cidade toda amanhece, aberta a cores, visíveis e invisíveis, igual a um pavão misterioso. O Ceará-Mirim, na sua marcha lenta e heroica, de antigos donatários da civilização do açúcar e de assombração, emparedada de mitos, alegórica, hoje diríamos fantástica, é claro como água da fonte de oleiro

nas mãos desse príncipe renascentista, sem empáfia, alegre, capataz dos mistérios circundantes. Nilo Pereira toma conta de seu reino – e sonha acordado pelo simples ato de sonhar. O sonho o restitui a porções desusadas do passado, sua infância espiritual na casa-grande do Guaporé.

A lembrança retorna submissa, transida nas réstias do chão. Os objetos não mudaram de forma, apenas o espaço escolhido é o de antigamente. O pátio. O aguazil. A casa repousa em mágicos clarões e o silêncio das retinas é favorecido pela cal. Aconchegam-se nas paredes os retratos. A poeira redoura a linha de ternura dos móveis. As flores adormecem o ar. É tranquilo o terraço.

O muro limitava o tempo – deixou intacto o itinerário. Onde não sobrava nada. Onde tudo era certo, e cada coisa permanecia pura, exausta de ser. Sem gesto. O quintal existia fácil. Chão de árvores fáceis, não falecia. Guiávamo-nos por caminhos de formiga: seu suicídio diário, disperso.

Tardo, o trem. Sempre chegava tarde. Esperava-o, atento em minha angústia. Nos vagões, vinha o silêncio e a vida: os primeiros leitos viajores. O suplício de sabê-los sofridos e trancados. Trem, domador da surpresa, Setentrional.

À tarde, do mais humano da calçada, víamos mulheres com cântaros à cabeça. A rodilha pirava na asa do tempo. Tenras certezas a paz mineral fulgia. Mar campesino (o vale), enquanto mulheres cantam a segurança doce da água. Um velho prendia-se à cordial corrente de ouro e varava o esquecimento.

Ao entrarmos na casa-grande, o cheiro das tranças de repente espalhou a melancolia. No salão, damas e cavalheiros trocavam impressões sobre o amor e morriam. Roçagar de sedas. Arreios dourados, esporas e esporas tinem pelo corredor. Nos azulejos, gestos proibidos. Um feudo e a esperança de não findá-lo.

Por trás do Guaporé, Nilo Pereira ainda reencontra o Rio Azul, que tanto me marcou quando vi pela primeira

vez aos cinco anos de idade. Um rio que elabora o vazio do tempo. É em si cansaço, mas entrega-se aos rumos, lento e profundo ao saber-se fonte única, sem começo nem fim, trabalha as auroras no sigilo da noite, e passa, aceso pelo vento. Entre canavial e catástrofes sucessivas, flui, torrente remota ou curso hesitante. Ventos imaturos confirmam a paisagem e trazem legendas de sol, a morrer nas tardes do vale. E por essas tardes, o rio prossegue, na tortura de ser breve e inteiro, na claridade onde dormem canções.

Áspera alegoria ameaça essa claridade nos arroios do poente. Uma lua nova cresce em equilíbrio brusco de trevas. Acudimos ao crepúsculo em longes de que ninguém mais se lembra. Deixamos Ceará-Mirim agora na distância das luzes aflitas. Aqui, Troia realmente foi.

Retornamos à planície mortal e comum, onde o sol veleja em hábil azul (a sobrevivência), e baixo desliza o pomo do seu gasto sossego. Ceará-Mirim é um extremo sobrenome de cousas acontecidas. Igual em verso de Drummond: mas como dói!

Aconteceu em Natal

O trânsito ontem à tarde na Rua João Pessoa estava uma delícia. Servido com caviar, batatinhas e molho pardo. Uma delícia de trânsito.

Às 16 horas em ponto, dei entrada com meu carango varonil na referida artéria. Por que as ruas chamavam-se antigamente de artérias? É porque nelas corria sangue, disse-me Vetusto, repórter policial, do tempo em que, ao morrer uma criança, escrevia-se: "Ontem, alou-se aos céus, a interessante garota".

Cheguei no começo da João Pessoa e pensei com os três botões da minha camisa: vou provar a mim mesmo que sou edição modesta de Fittipaldi e atravessarei estas ruas em menos de meia hora. Não vos conto minha decepção: às 17h30 é que conseguia chegar no chamado Grande Ponto. E vos informo de minha epopeia, minha odisseia, minha ilíada.

Para passar ao largo do Centro Cearense, gastei 20 minutos. Havia carros por cima das calçadas, carros por cima dos outros, e, num realismo fantástico, um Volks que tinha subido numa mangueira parnasiana.

Perguntareis: como isso é possível? Na Rua João Pessoa, depois das 4 da tarde, tudo é possível. Não sei ainda se tudo é permitido.

Pensei em Jean-Luc Godard, para filmar aquele apocalipse subdesenvolvido. Imprensara meu carango de tal maneira que fui jogado fora dele. Foi preciso o guarda para o caos, isto é, o trânsito; e dar vez aos meus direitos institucionais, dizendo-me: "O senhor pode voltar para o seu carro e assumir a direção". Gostei e voltei.

Dei continuação ao fluxograma, ao esquema, ao organograma, ao... qualquer coisa de fila de carros que ia em demandada do Grande Ponto. De repente, aquele susto, inevitável: um corcel amarelo-hepatite ia por cima da parede. Como uma lagartixa profissional.

Depois de uma hora intensa de empurra-empurra, vi em minha frente uma camioneta parada, no meio da rua, que não era mais rua, mas um ringue. Fechei os olhos e um sujeito gritou de trás: "Passe por cima. Passe por cima".

Alguém botou um tobogã invertido e apenas liguei a primeira. Logo senti que havia ultrapassado mais um obstáculo olímpico.

A caminhada continuou. Quando atingi a possibilidade de passar em frente à APERN, uma mulher disse para mim: "Nunca me viu?". Respondi: "Nunca. *Never.* A senhora pertence ao planeta Terra?".

E segui em frente. Ia me esquecendo: nesse tempo todo, choveu cinco vezes e fez verão outras tantas. Ouvimos trovões pianíssimos, em fita gravada; e trovões reais, em alta fidelidade. Houve tempestade em curto circuito e tempestades que só conhecemos em filmes coloridos da Metro, como o que contava a queda de Roma.

O Grande Ponto era um mar de cabeças unânimes (perdoem a imagem). Um mar compacto; não havia brecha sequer para que alguém espirasse sem atingir a moral do outro. *Hippies*, defensores da contracultura, *ex-hippies*, artistas *pops*, pintores *ops*, singulares personalidades que não pagam ainda o INPS.

E, diante de tal quadro, vi o impossível acontecer, pelo menos em Natal: um motorista impaciente levantou-se do seu carro e caminhou por cima das cabeças como pudesse se repetir a imagem do Evangelho: de Cristo andando sobre as águas.

Natal há cem anos

Como se comportava Natal há um século atrás, quando o poeta Ferreira Itajubá chamava-a vale ameno e de branca Jericó? A começar pelo próprio Itajubá, figura admirável, talvez o maior talento poético que já possuímos, sem nenhuma formação cultural, sem sequer ter terminado o curso primário, mas, ao mesmo tempo, o primeiro poeta que fugiu da poesia condoreira de um Segundo Wanderley – prolixa e grandiloquente e dos atavios formalistas dos parnasianos – para incorporar a luz, o chão, a paisagem, as cores tropicais, o quotidiano à sua poesia. E que se não chegou a ser uma poesia revolucionária, pelo menos dava um toque único, intransferível, de um talento singular, usando, por exemplo, palavras proparoxítonas, muito antes de Augusto dos Anjos e aí o verso "a solidão triste dos morros".

Natal, há cem anos, era uma festa. A professora Isabel Gondim, poetisa algumas vezes, realizava salões literários à maneira de célebres salões da *belle époque* de Paris, quando ela recebia convidados, sentada sozinha em seu sofá, com elegância e pompa característica, como se fora uma nova Madame Récamier. Sabem onde? Na Rua Chile, ali na Ribeira, e para onde, certa vez, caminhou o juiz de direito, Costa Pinto, de maneira escandalosa, com típico humor natalense: chegou ao elegantíssimo sarau de dona Isabel, acompanhado de toda família, mas o papagaio e o cachorro vira-lata de estimação. Dona Isabel Gondim, que nasceu em 1839, morreu solteirona na década de 20, aos 94 anos, sempre falando mal de sua conterrânea Nísia Floresta, a quem chamava literalmente de mulher de vida livre.

Natal tinha, no fim do século passado, mais de cem jornais – de todo tipo: diários, semanários, mensais, pasquins. Há cem anos, Pedro Velho, já na casa dos 40 anos, comandava a Oposição – era republicano feroz, tocando Chopin para

os amigos, na boca da noite, lendo os clássicos e sofrendo uma campanha jornalística imperiosa de Elias Souto, que o detratava de toda maneira. A política era radicalíssima. Centenas de boletins cruzavam a pequena cidade de sete mil habitantes e atingiam as honras e a paz provinciana.

Proclamada a república, Pedro Velho é chamado pelos militares; e o governo lhe é entregue. Não respondeu aos insultos e manteve uma atitude olímpica, até que a Junta Revolucionária, lá do Rio, enviou Adolfo Gordo, que nunca tinha vindo ao Rio Grande do Norte, para governar o Estado. Pedro Velho teve uma decepção profunda. O novo governante só aguentou um ano – renunciou, e Pedro Velho assumiu o poder, instituindo o que foi chamado de oligarquia Maranhão. Até morrer, aos 51 anos, num camarote de navio, no porto de Recife, ouvindo um amigo ler-lhe a *Gioconda*, de Gabriele D´annunzio, mandou no Rio Grande do Norte como senhor absoluto.

Se Jorge Fernandes depois anunciava em verso que "a luz elétrica do meu tempo vinha com a lua cheia", Natal era dominada realmente pelas serenatas. Os presidentes de província que aqui aportavam, nomeados por Dom Pedro II, caíram na gozação popular: mal passados dos 20 anos, elegiam a Redinha para ouvir modinheiros famosos como Lourival Açucena, comendo tapioca e peixe frito; e a administração estadual que se deteriorava. Vinham para gozar as delícias do poder – "o governo do Rio Grande do Norte é um piquenique eterno" – diziam os jornais da oposição da época. O mais famoso daqueles presidentes foi o Dr. Parrudo, que além de banhos de mar na Redinha, e na lagoa de Extremoz, fugindo do expediente do Palácio, ainda possuía uma casa no Bairro Vermelho, para encontros amorosos que soavam como escândalo impertinente na época. Nessa casa, ele foi assassinado, numa manhã de quinta-feira, pelo pai de uma de suas namoradas.

A cidade era um sítio. As ruas principais, a da Conceição e São Antônio, serviam de palco para sucessivos pastoris e lapinhas, onde os poetas Ferreira Itajubá e Gotardo Neto dominavam a cena, na luta entre os cordões azul e encarnado. Por essa época, outro poeta, Ponciano Barbosa, desfilava na cidade, de fraque e cartola, mais uma rosa enfiada em cima do peito, verdadeiro dândi, fazendo inveja a Oscar Wilde.

Padre João Maria avultava como um santo. Dia e noite, era de vê-lo, montado em seu burrinho, visitando os casebres e pensando as feridas dos pobres e doentes. Auta de Souza, lutando contra a tuberculose, fazia versos míticos que eram entoados como hinos pelo povo. Eloy de Souza despontava na política e Augusto Severo subia os morros e dunas para olhar mais detidamente os pássaros em seus voos equilibrados, na brisa vinda do mar.

Já no finalzinho do século, nascia Luís da Câmara Cascudo, na Rua das Virgens. Batizado na Catedral pelo padre João Maria. Quem o acalantou nos braços, como madrinha excepcional, foi Auta de Souza.

A política fervia num fogo cruzado de acusações, destemperos e desavenças. Muito mais dura e impiedosa do que a de hoje. E o velho sinaleiro, lá da torre da Catedral usava os sinais semafóricos para sonolentos navios que chegavam à barra do rio.

Tardes e noites de domingo

Todas as grandes descobertas que pude alcançar na medida de um jovem provinciano, desde a invocação para contemplar a distância das constelações no universal céu noturno, até sentir a vibração da lei moral em meu espírito, todas essas descobertas tiveram início, na infância profunda ou na adolescência reveladora, com o lúdico alumbramento que o futebol me trouxe. Jogar bola foi o começo que avaliou e avalizou toda minha modesta aventura existencial. Na Rua Grande, no Ceará-Mirim, fui me encontrar, bem pequeno ainda, com a Poesia e a Liberdade, jogando com humilde bola-de-meia, domando todas as horas visíveis, defendendo uma paixão ignorada, sentindo o que, mais tarde, aprenderia com Nietzsche na lição de que a vitória é a farmácia militar da alma.

Depois, fui parar no Seminário, aos 9 anos, obrigado a uma disciplina ambiciosamente ascética, rigorosa e inapelável. Ao longo das horas, quase todas tomadas pelos exercícios de estudo e oração, o que mais me entusiasmava, entretanto, eram as duas horas por semana que tínhamos para jogar futebol. Sem perfil de craque, tornei-me, então, lá mesmo no Seminário, compulsivo leitor do que restava da biblioteca do padre Luiz Gonzaga do Monte, o mais sábio e o mais santo que povoou, sozinho, a solidão do Rio Grande do Norte.

Aos 13 anos, deixando a vocação de levita do Senhor, fui reencontrar o futebol nos jogos do estádio Juvenal Lamartine. Recebia o dom inesquecível de novo batismo: o de ingressar nas milícias do ABC Futebol Clube, estando certo de que todo abecedista é reencarnação dos girondinos da Revolução Francesa. Assistir às partidas de futebol, nos domingos à tarde, no velho campo do Tirol, era como reencontrar o caminho dos sentimentos mais saudáveis e o entusiasmo da conquista de viver intensamente. A dádiva da alegria perfeita.

Ah, tardes de domingo, ainda hoje projetadas na minha imaginação, como um raio despedaçado que caísse do céu e me incendiasse. Ah, tardes de domingo, não vos esquecerei nunca – sois o troféu do sol.

Mas o que mais verdadeiramente dobra repiques em minha memória, já fatigada, são as noites de domingo de Natal. Íamos todos para o Grande Ponto, verdadeira ágora ateniense, escutar nas rodas as mais diversas, que se estabeleciam entre o bar Cisne e o bar de Maiorana, a oportunidade de comentar o jogo decisivo – porque todo jogo é decisivo –, acontecido ao pé dos morros do Tirol.

Para mim, tudo era revelação. As conversas rebeldes, os debates radicais, as opiniões imperiosas. Tudo aquilo interessava como se o destino do mundo dependesse de uma interpretação do que acontecera entre um jogo de ABC e América. Havia grupos formados por juízes de futebol, e os dirigentes esportivos, chamados, estranhamente, de

paredros. Os demais formavam multifacetados torcedores, aprisionados pelo radicalismo e pela distinção de um entusiasmo sofrido e agressivo. O ponto preferencial de observador cauteloso era o de acompanhar as conversas em frente ao bar Cisne, onde bem me lembro que tudo convergia para o diálogo socrático entre o Prof. Antonio Soares Filho – torcedor inarredável do América – e João Cláudio Vasconcelos Machado, o grande João Machado, personagem de romance de capa e espada, presidente perpétuo da Federação Norte-rio-grandense de Futebol. Inesquecível é o lembrar-se do Prof. Antonio Soares, de paletó e gravata, em pleno Grande Ponto, numa noite de domingo.

Ah, como era incomum ouvir-se João Machado, com voz trovejante, vestindo roupa de cor marrom, em que a camisa era um camisolão, feitura de hábeis velhinhas costureiras daquele tempo, as irmãs Patativa, que João relembrava com ternura.

Certo domingo à noite, assisti Antonio Soares elogiar vibrantemente a atuação de um jogador do América, chamado Pedrada, vindo do sul como salvação da pátria. E o professor argumentava: "Pedrada é um jogador que pega a bola no meio do campo, sai em disparada e, driblando a defesa toda do ABC, passa até pelo goleiro...". Nessa altura, alguém advertiu: "Mas não faz o gol". De pronto, o professor abafou a dúvida: "Sim, você está certo. Se ele fizesse o gol, não estaria no América, mas na Seleção Brasileira".

João Machado era o presidente do Atlético Futebol Clube, o mais pobre dos clubes, o menos ambicioso dos times, ao ponto de, certa vez, ao perguntar-lhe onde o Atlético se concentrava nas vésperas dos jogos, João explicava: "Levo todo o grupo para dormir nas areias da Praia do Meio. Os jogadores passam a noite absorvendo oxigênio. De manhãzinha, respiram iodo e, à tarde, estão preparados, técnica e psicologicamente, para qualquer duelo". No Atlético, havia um jogador chamado Paulo Tubarão, que morava na Redinha,

e, duas horas antes do jogo começar no Juvenal Lamartine, ele atravessava o Rio Potengi a nado; chegava no cais da Tavares de Lira e, depois de vestir calção e camiseta, partia em destemida corrida em busca do estádio. Depois do jogo, cumpria a missão de retorno: embalava carreira do Tirol para a Ribeira; mergulhava no Rio Potengi e ia dormir na sua casa de beira de praia, do outro lado da cidade. Tempo em que a Redinha era a esquina onde os ventos atlânticos e os alísios ansiosos preferiam para dar suas curvas; e voltarem para a África, pacificados.

Ah, tardes e noites de domingo de futebol, produtores de magias retidas e gravadas na memória. Espaço feito de um rumor presente de quando, àquela época, éramos capazes de ouvir o mar, sempre recomeçando, de qualquer ponto da cidade, às quatro horas da manhã.

Entrevista com Navarro (1966)

Há uns quatro meses, em sábado ameno, à beira do tempo calmo da tarde, conversamos longamente com Newton Navarro em tom de entrevista. O fato de conversar com o pintor-poeta duraria uma semana, se preciso. No fim, tínhamos feito ao velho Navarro, de 35 anos, umas duzentas perguntas. Tudo anotado. Como o espaço é pequeno e a alma grande, publicaremos a metade da metade. Ei-las. Isso faz 50 anos.

Seremos tristes até a morte?

Cristo, sim, que nunca foi triste até a morte.

Seremos menos do que tristes?

Seremos menos do que tristes. Esta, a nossa condição.

A vida é um Jardim chamado Getsemâni ou a manhã da Ressurreição?

A vida é exatamente a medida entre o Jardim de Getsemâni e a manhã da Ressurreição.

Há liturgia na vida?

Sim: os cantos da infância. O continuado pranto. O gesto de adeus a si mesmo.

O destino se consegue de repente?

O destino se tem.

Já teve saudade do que não há?

Certa vez, numa noite de Ano Novo, na solidão do Rio de Janeiro, perdi a hora, mas ainda era o ano velho.

Quando as crianças brincam, nelas também brinca a tristeza dos adultos?

A tristeza não será nunca brinquedo de criança.

O inferno é os outros?

Sobretudo, em Natal.

Por que as estrelas às vezes correm no céu?

Para atrapalhar os poetas saudosistas. Quando eles querem rimar, elas correm para confundir.

Um gesto se guarda facilmente?

Sim. Noutro gesto.

Cristo poderia estar conosco num bar ouvindo nossas misérias?

Se o tivéssemos convidado, acredito. Principalmente, porque consta que nunca se teve ideia de convidá-lo de ir a um bar.

Por que se ama e, depois, se morre?

Porque não se pode amar depois da morte.

Seu exílio é feito de remorsos?

Não: de saudade. O remorso é uma pedra.

Onde você encontra sua grandeza?

Quando assino meu nome.

Por que você desenha o mundo hoje só em preto-e-branco?

Perdi a cor do mundo.

Onde encontrá-la?

Na cor do arco-íris.

Os amantes quando se despedem usam o quê?

A boca.

Um galo pode cantar amarelo?

Sim. Lorca: "Na lua o galo canta amarelo".

A poesia é estado de graça?

Sim. A poesia é José traído por seus irmãos. Mais ainda: A poesia é Jó, só e nú.

O artista é o sal da terra e a luz do mundo?

Não. O artista come o sal da terra a vê a luz do mundo.

Por que se deve valorizar o cotidiano?

Porque não se pode fugir dele.

O suicídio já foi solução?

Sim. Para os suicidas.

Há os que se matam sem explicação ou é preciso um bilhete?

Bilhete anarquiza o suicídio.

As mulheres andam diferente dos homens. Como?

Tem mais facilidades entre as pernas.

Já viu mulher jurar que não se casava?

Já. Quando já está casada.

Por que os ladrões internacionais nunca querem roubar galinhas?

É uma mania de grandeza.

Qual a melhor palavra pra se lembrar a quem se ama?

O nome de quem se ama.

Por que Cristo ofereceu as duas faces?

Porque não tinha três.

Quando Cristo teve sede e deram-lhe uma esponja com vinagre, o que devíamos dar-lhe?

A nossa sede.

Sócrates escolheria hoje cicuta ou Coca-Cola?

Cicuta com Coca-Cola.

Qual seu melhor guarda-chuva esquecido?

O que estou procurando.

Quando o homem deixa de ser livre?

Quando começa a liberdade para ele.

Um pássaro só vive do que lhe dá a natureza?

Não. Vive do erro do caçador.

Elegia da Ribeira

Se as Quintas são profundas, o Alecrim festivo, o Tirol dionisíaco, as Rocas misteriosas, Petrópolis principesco, a velha Ribeira se torna cada vez mais solitária. Sumindo, equilibra-se no espaço com seu empobrecimento diário, ao definhar em velhice surda e muda; com sua fome boêmia, sua sede de beleza perdida; e desfile de centenas de personagens que, impossibilitados de aceitarem a cidade diurna e moderna, refugiam-se no silêncio pesado que o bairro sustém e sustenta. Tornam-se, porque são, seres invisíveis.

A pergunta é indisfarçável: a Ribeira ainda seria um bairro? Ou somente uma gravura? Um estado de espírito? Ou apensa um sítio de abandono? Comércio, quase não existe, afora três ou quatro portas abertas. Bares, todos desaparecidos e destruídos. A antiga Confeitaria Delícia, do português Olívio, conventualizou-se; era onde se reunia a

congregação mais enriquecida e surpreendente do mundo: a dos boêmios que se aceitam com a contemplação de homens que perderam o sonho. Onde o mural de Navarro em toda parede da Confeitaria?

Os mais velhos, na esforçada memória, param diante da praça Augusto Severo e constatam que, antigamente, aquilo tudo era como se fosse uma fonte encantatória, um bulevar parisiense, com árvores que davam tons de beleza às suas tardes e mística ternura às suas auroras milagrosas. E as árvores, na praça plantadas, foram trazidas, todas, de Paris. Nada acontece por acaso.

Hoje, não. Uma Estação Rodoviária consegue enfeiar definitivamente o bairro, onde outrora retumbaram hinos, e havia, inclusive, pontes à feição de paisagem da *belle époque.* Pontes levadiças. Levíssimas, entoando hinos nos ritos de passagem.

A Rua Dr. Barata persiste e insiste, com o alfaiate Zé de Rubens perscrutando o tempo, da porta de sua loja. Centurião dos livros, lá adiante, caminha Carlos Lima, cada vez mais parecido com Exupéry.

A Ribeira quase não termina mais no cais da Tavares de Lira – o sujo, o mau gosto, a indelicadeza do sujo, a decadência inevitável e a irresponsabilidade tornaram a Ribeira cada vez mais distante, longínqua, desértica. Como se não fora, nunca. Se como jamais tivesse existido no mapa de uma cidade tão bela. Ah, se me lembro: ali, no Grande Hotel, comi, muitas vezes, coalhada a convite de Teodorico Bezerra. Em frente, ficava a casa de Alcides Cicco, desabrido tenor – aliás, a casa lá continua, empolgada com o abandono. Naquelas ruas e becos, Newton Navarro traçava o Triângulo das Bermudas, com o acompanhamento de Albimar Marinho, que, usando permanentemente a linguagem jurídica, dizia para Navarro: "Poeta, o dia hoje já amanheceu em julgamento. Há várias matérias em pauta. Trabalhemos".

E as esquinas da Ribeira, que foram populosas, presentes os poderosos do dia, os políticos à procura de novidade, falando ou recebendo benesses do governo, todos à escuta de notícias de uma cidade sem novidade; esquinas de discussões libertárias, discursos violentos de oposição, tiroteios, vinganças, olhares longos como adeuses. Resta o silêncio. O pó do silêncio. O silêncio obsequioso da morte. Ambição, dinheiro, aplauso, prestígio, popularidade pertencem, hoje, a um dicionário de ausências. Tudo acaba bem porque tudo acaba.

E o Tabuleiro da Baiana, onde, certa madrugada, Luís Carlos Guimarães e eu encontramos a atriz Glauce Rocha, com um grupo de artistas que se apresentara no Teatro Alberto Maranhão – e fizemos-lhe, na hora, um poema-saudação. Mandamos a mensagem elegíaca e não recebemos sequer retribuição de um olhar. O grande poeta, bondoso e profético, advertiu, e ainda hoje guardo suas palavras: "Quem é orgulhosa assim, morre cedo. A vida é feita de agradecimento". E, falando em Teatro, Meira Pires era seu grande ator e autor,

personagem de romance, que Cascudo uma vez definiu: "Meira é o vento rodopiando ao sol do meio-dia". E o próprio Mestre, elegantíssimo de chapéu francês, casimira inglesa, charuto vitorioso, cabelo revoltado e revolto, passeando por aquelas ruas como um rei – todos íamos, como dizia Homero Homem, em procissão, acompanhando o andor do sábio tão simples, sábio que enfrentava as noites, noutros bairros distantes e casas ditas misteriosas, com amavio e destemor. E me tranquilizava: "Não se aperreie. Você hoje aqui não paga nada". Antes, na Peixada Potengi, dava extraordinárias aulas, falando para pobres "belas da tarde" e ignorantes, iguais a mim e aos motoristas de praça, que também ouviam Cascudo.

Ah, Ribeira de Padre Zé Biezinger, ali na Igreja do Bom Jesus, santo sem precisar de canonização, que escreveu seu poema à Virgem, como Padre Anchieta, na beira da praia, da Redinha a Muriú, sendo que seus poemas eram todos escritos no transbordamento da caridade e bondades infinitas. Ah, Ribeira, como dói tua desfeita moldura.

A hora tais

No meio da tarde e da rua, a grande presença acontecia: uma lua enorme, ditirâmbica, pousava no céu. A mesma lua de Juan Miró, que ele retratou em quadro inesquecível. Quadro que apaixonou Hemingway, ainda pobre e moço, em Paris. Pois, de repente, revejo esse quadro na tarde antiga e feliz. Eu era mais feliz ainda, por ver tudo aquilo gratuitamente. De maneira anônima e inaugural.

A beleza dói, dizia Gilberto Amado. E dói, mesmo quando compartilhada. Daí, o mal da solidão feroz. A gente vê a beleza e não pode – ou não quer – distribuí-la aos outros. Como o pão que se reparte, como a água que se junta na concha da mão, e se dispersa por entre os dedos.

Pensei em bulevares, em folhas caindo das árvores em prístinos outonos; em plátanos, aleias, pequenos bosques, sonhados por Monet. Mas eu tinha a riqueza da rua próxima

do subúrbio, onde os jasmins florescem e os portões de ferro, rangendo, são cobertos de sempre-vivas. Um cão olha a rua e dorme – um horizonte de cães, como recitava Lorca, diante do mar. Um gato contempla com má vontade um passarinho que, por sua vez, come grama. Uma populosa mangueira oferece, sem imposto nem declaração de rendas, uma sombra farta e contemplativa.

Certo personagem de Faulkner sentiu acender-se, nele, o grande mistério da vida, ao ouvir um pássaro solitário cantar às três horas da tarde. Num mundo móvel sem ser uma festa. Contudo, com essa luta, esqueço tudo; esqueço até a própria vontade do esquecimento. A felicidade existe. E para prolongá-la, lembrei-me de você, meu silêncio, retardatário e oportuno.

Em uma tarde assim, Rimbaud deixou sua cidade natal, a pequena Charleville, em busca da verdade, que ele pensava estar na lonjura da distância, sem saber que ela

se encontra muito mais dentro de nós mesmos. Em uma tarde assim, Beethoven perdeu a audição e ficou tateando as notas da Quinta Sinfonia; Hemingway chorou diante dos cumes nevados de Kilimanjaro; e Ezra Pound começou a escrever seus cantos dentro de uma gaiola, aprisionado em Pisa. Van Gogh contemplou com saudades os campos de trigo de Arles. Gauguin rejeitou as cores convencionais e encontrou o arco-íris nas ilhas dos Mares do Sul, apaixonando-se por uma nativa chamada Tehura. Quase ternura. Em uma hora como esta, eu me despedia do meu pai, pela última vez, no cais do porto, em demanda do sul, prisioneira de ilhas irreais.

A horas tais, deverá haver uma criança que pensa com ternura em seu carneiro; uma velha rezando o terço; um velho padre recitando o breviário – é hora das vésperas – e um ídolo de barro sendo quebrado.

Foi nessa hora que o poeta Hart Crane pulou de um navio no mar agitado das Antilhas, e morreu. E John Kennedy recitava o poema, que sabia decorado e que começava com o verso: "Eu tenho um encontro marcado com a morte". Mas o poeta pernambucano, Deolindo Tavares, que se finou aos vinte anos, já declarava: "Tenho um encontro marcado com o Cristo a uma e meia da manhã". Antes, garantira: "Sou pobre como Jó e rico como Salomão. Sou um poeta".

Em horas de ascese como esta, a noite não vem, a noite se esconde. E é preciso restaurar sua presença planetária, para que todos sintam a paz das alturas. E se comovam, pensando em Deus.

Após a lembrança

Da calçada alta da rua pobre, via-se o mundo. A criança, que graças ao destino fugiu à definição de ser uma criança precoce, olhava, meditativa, para a antena do rádio, estendida e esticada sobre os altos da casa secular, de antigos senhores de engenho; e acreditava que pelo menos o mundo inteiro, as diversas e difíceis línguas estrangeiras, as músicas de orquestras infinitas, transmitidas pelo rádio, os complicados mistérios inacessíveis ao sonho infantil, tudo ali estaria pendurado como um grito desgarrado de garganta sufocada.

Da calçada alta, o universo das coisas simples e inesquecíveis: o ralo mato reverdecido pelas primeiras chuvas, o cheiro de um curral invadido pelas águas do rio da memória, magro rio, com vocação de riacho. No meio, alteava-se a figura heráldica, cavalheiresca e grave do Pai.

Não éramos tão pobres assim que eu não pudesse ter um velocípede e um carneiro. Contudo, não éramos tão ricos para poder ser eu dono de uma bola que não tenha sido feita senão de meia; gasta, puída. A vida soltava-se nas ruas grandes, largas, inconquistáveis, como potro selvagem. Do Pai, guardo a lembrança de sua corrente de ouro descendo-lhe na roupa, em curva; e o pigarro que acordava, em mim, a disciplina do Velho Testamento. Era a lição do meu catecismo.

Nas suas mãos de construtor de milagres, de agrimensor de equinócios e solstícios, criou a longa família com os parcos proventos de tabelião. Mas seu mundo mesmo era o Sertão; sua imaginação criara-se entre as serras azuis e os trópicos loquazes de sol, do sol violento, queimando chispas nas abas das serras. Seus olhos se acostumaram tanto com a lei da gravidade, que desponta no Sertão como a tabula dos mitos heroicos, que guardou silêncios inenarráveis na alma cristã, conservadora e solitária. Para sempre.

Câmara Cascudo certa vez descreveu-o para mim, ao conhecê-lo nos idos dos anos de 1920 a 1930, brabos tempos de uma Pau de Ferros, sua cidadela, entregue ao sono das bromélias e cactos; ele trajava o brim branco HJ, curador do tempo, chefe político, premeditando o destino, cavando o futuro com as mãos de oráculo. Cascudo escrevia para ele, pedindo informações as mais diversas sobre os faustos e seres do sertão inumerável. Viera do nada e conseguira, na passagem perdida e sertaneja, erguer-se, em desafio. Lutou contra o Interventor Mário Câmara e tudo que lhe cheirava à definição de injustiça; entrincheirou-se contra Lampião, ouvindo, ao longe, o aboio dos cangaceiros, tomando o rumo de Mossoró. Quando os capangas do Interventor procuraram por ele e o juiz José Vieira, e não os encontraram, seguiram até sua casa para desmoralizá-los. Foram recebidos por Carolina, minha Mãe, de revólver em punho, na proteção de cinco filhos menores, atrás de uma porta, quando ela gritou: "Quem entrar, eu recebo à bala. Não passem da

porta, porque morrem". E os filhos, menores e calados, viam aquela mulher crescer como uma verdadeira Negreiros: leoa desentocada. Os bandidos recuaram, e um deles gritou: "Ô mulher braba..." Tudo isso não fora muito, para quem, igual a ele, começara na vida como comboieiro; levando farinha para vender nos Cariris e, de lá, trazendo rapadura. Comércio duro, inóspito, devastador. Por isso, poderia dizer para si mesmo: – Conheço a desventurada terra, sei o rumo dos caminhos ignotos, desconhecidos, e a surpresa que nos espera em cada esquina através do vento assobiador.

E, em uma dessas viagens, ele e seus companheiros foram atacados por um bando de cangaceiros. Por um nada, escapou de morrer sob a mira de um punhal. Aprendeu a lição que só no instante do aperto de mão da morte pode-se obter: a virtude definitiva da coragem. Como era político que não aceitava ingratidões, rompeu com o Governo Rafael Fernandes; veio para Ceará-Mirim, onde, filho temporão, vim a nascer no rigoroso inverno de um mês de julho.

Para ele, já na velhice, mesmo sendo Pai novamente aos quase 70 anos, restou a lição: na vida só existe um caminho; o resto são veredas. Minha infância foi povoada pelos infinitos gestos de doçura da Mãe e a presença paterna. Na adolescência, contudo, quando tive de enfrentar o mundo, sozinho, e domar esta fera acuada em que a Vida às vezes se transforma, foi neles, recordando-os, que encontrei a luz, a pequenina luz que a gente divisa quando se olha para toda a vasta escuridão do mundo. E, nas madrugadas de adolescente, que regressa à sua casa, depois de ter devorado a noite, populosa, o encontro com o Pai define o homem que seremos mais tarde. O olhar de inquisição, o medo de ter saído da disciplina, a promessa não cumprida de dormir mais cedo. E a saudade de encontrá-lo ainda a indagar: "José, a que horas você chegou?"

Nunca soube responder a essa pergunta. Porque sempre cheguei tarde, perdendo a hora, o bonde e, quase sempre, a esperança.

No tempo em que se falava de amor

Chegas assim, tênue como a chuva dançarina, irradiando bondade natural e eleita, consumindo nos caminhos persuasão das auroras, instigando o sono das ervas silvestres, meditando um longo crepúsculo à beira de um gesto de repouso. Chegas assim, destruindo a atribulada definição de existir, e em ti posso calcular a distância entre o nascimento e a morte. És um arco que une as diversas linhas imaginárias do sonho, as latitudes poderosas do silêncio que demarcam os tons azuis do planeta. Ah como seria belo contemplar a Terra vista da Lua, e saber que tu formas um pensamento de energia pura, em meio à vastidão da beleza cósmica, captável dessa perspectiva; e, assim, nunca te olvidar, mesmo em meio a mais de seis bilhões de pessoas que habitam o nosso astro

iluminado, humildemente aceso pelas luzes belíssimas da Via Láctea, a materna galáxia.

A beleza dói em teus olhos; fere a longa clorofila das campinas. Apascentas o coração do companheiro, e amo-te desde que te vi, na praia, com uma onda buscando tocar teu braço. Força é não esquecer que caminhavas, sozinha, quando o sol construiu um arco-íris para que ficasses alegre. E irradiou um eclipse para que o perfil de teu rosto não se perdesse no desdobrar dos horizontes tardios.

A meiguice com que pronunciais a palavra da doce paixão tem o cantar unânime de mil pássaros na floresta negra, na hora em que eles cantam com a mesma claridade com que o vento começou a existir no início da criação. Escutavas, antes mesmo de qualquer música, o silêncio. Ai, criaste o som, e com ele a parábola entre dois corações, que se se buscam a interromper a distância de continentes longínquos. O som anônimo, oculto, inaudível, age com a

mesma intensidade que a estrela que nasce. Dei a ti, na oferta de um pequeno reino, estreito como o esquecimento, as calçadas do mar, a curva dos horizontes e a pureza dos regatos, ao amanhecerem no presságio de mais um vagar, molhado por orvalho ensurdecedor. Haverás de receber minha lembrança que chega a ti, sem pedir licença ao acaso, e generosamente procuras aumentar as palpitações do coração do mundo. Cortarás o céu da noite, que me permite o sonho e a realidade, e foges na cabeleira de um cometa, a descobrir o caminho que nos transporta e nos dá a única possibilidade de fazer a ponte entre o visível e o invisível – mesmo que para isso sejam necessários anos-luz de paciência e solidão. Por tudo isso, eu queria escrever, hoje à noite, a carta de amor mais bela. A que feita e escrita, não fosse: cantasse apenas uma canção inesquecível. É a carta que me proponho desde a infância; poema que foi a força de minha adolescência e sinal de minha juventude. Hoje, à noite, queria escrever a carta que nada dissesse, que

nada revelasse; fosse íntima como o segredo do vento – e marcada com os punhais invejáveis que, no crepúsculo, cortam o horizonte.

Queria encontrar um poema que da minha lembrança revelasse a aparição da aurora; dissesse a quem amo, que só em saber que ela existe, continua o seu viver a dar razão à vida; que um simples gesto seu comove as pedras da aflição, rasga as vestes da lucidez, aumenta a perspectiva do sonho, engrandece a longitude da minha alma. Queria que esta carta de amor fosse calma como a solidão da água noturna, aprisionada em tanques abandonados, e mais: se constituísse em milagre, transbordamento, carícia de eterna vontade.

Nessa carta, a mão que a escreve traz a mesma força de outra mão de ternura de que se não esquece nunca – o ríctus de seu lábio me fala as palavras que eu desejaria ouvi-las num ermo de luz e sombra. Queria que meu amor aqui se reconhecesse e dissesse – é a mim que escreves É por mim que te agitas, e teu pensamento avulta o solstício, as

estações inquietas do inverno de verão, ao limitar o roteiro de rotação da Terra. Que essa carta fosse a mais bela e a mais real; que, se se perdesse, fosse reencontrada pelos amantes, catadores do futuro. E os séculos nos dariam razão. Queria que nesta noite, um pouco do som dos corredores da infância a restituir a rara felicidade que possa restar da voz materna, a nos chamar de bem longe, muito longe. E descesse pelas claraboias um luar restituído pelo hino alvejado no canto dos noturnos pássaros dos quintais.

Assim, algum dia poderia me sentir o homem mais feliz do mundo – porque amo as vastidões insuperáveis das paisagens –, e tenho todos os motivos para reencontrar a canção perdida, e oferecê-la, com o silêncio de quem fiscaliza o mistério e apazigua o tumulto do silêncio. Mesmo que os outros não possam perceber, esta será a carta mais inesquecível, somente porque tu existes e em ti posso descansar a fronte. Detidamente, com a paciência de um sábio ignorante que encontrou a simplicidade do mistério.

Assim falava Shakespeare

Depois de algum tempo, você aprende a diferença, a sutil diferença ente dar a mão e acorrentar uma alma.

E você aprende que amar não significa apoiar-se, e que companhia nem sempre significa segurança.

E começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com a graça e elegância de um adulto, não mais com a tristeza infantil.

Aprende a construir suas estradas no hoje, porque o terreno do amanhã é incerto demais para os planos, e o futuro tem o costume de cair em meio ao vão.

E aprende que não importa quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam.

E aceita que não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo, de vez em quando, e você precisa perdoá-la por isso.

Aprende que falar pode aliviar dores emocionais.

Descobre que se levam anos para construir a confiança e apenas segundos para destruí-la, e que você pode fazer coisas em um instante das quais se arrependerá pelo resto da vida.

Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias.

E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida,

E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher.

Descobre que as pessoas com quem você mais se importa na vida são tomadas de você muito depressa, por isso sempre devemos deixar as pessoas com palavras amorosas, porque pode ser a última vez que as vemos.

Começa a aprender que não se deve comparar com os outros, mas com o melhor que pode ser.

Aprende que não importa onde já chegou, mas aonde está indo, mas se você não sabe onde está indo, qualquer lugar serve.

Aprende que ou você controla seus atos ou eles o controlarão, e que ser flexível não significa ser fraco, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem os dois lados.

Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as consequências.

Aprende que paciência requer muita prática e compreensão.

Aprende que maturidade tem mais a ver com o tipo de experiências que se teve e o que você aprendeu com elas do que com quantos aniversários você celebrou.

Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens. Poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso.

Aprende que quando está com raiva, você tem o direito de estar com raiva, mas isso não lhe dá o direito de ser cruel.

Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame, não significa que esse alguém não ama. Existem pessoas que nos amam, mas simplesmente não sabem demonstrar ou viver isso.

Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém, você tem que aprender a perdoar a si mesmo.

Aprende que com a mesma severidade com que julga, será julgado.

Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não para, para que você o conserte.

Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, em vez de esperar que alguém lhe traga flores.

E você aprende que realmente pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais.

E que realmente a vida tem valor, e que você tem valor diante da vida!

Vicen-
te
Se-
rgo

Primavera no morro

Ainda que setembro não traga para nós a primavera, a não ser nos *slogans* que vendem a moda e anunciam os jogos de um colégio da cidade, noto que o morro denuncia, tímido, a nova estação. Vejo que os ipês floram como nunca acontecera e quebram de roxo a visão verde que se desfaz aqui e ali, em semitons.

A mim pouco importa a sua riqueza de nomes, pau-d'arco ou peroba-dos-campos – ou a sua condição de árvore nacional. Dos ipês dos morros, só conheço os tons amarelos ou violáceos e isto basta para um cronista de província, aprendiz de emoções, descobridor da função contemplativa.

Vou ficando aqui no alpendre, onde gosto de escrever nas primeiras horas da tarde, observado pelas lagartixas, perdido entre pensamentos nem sempre muito bons e papoulas floridas o ano inteiro. Vem a vontade enorme de

dormir, mas é preciso espantar o sono porque a vida tem expedientes e tarefas.

Melhor seria ficar como o Concriz que mesmo preso na gaiola, canta todas as manhãs respondendo ao Sabiá como se conversassem sobre a madrugada. O verde dos morros é a terra prometida deles dois, o território da liberdade ainda tão ameaçada pelas grades de arame que impedem o voo e prendem o desejo.

Para nós, viventes dos trópicos, esta é a primavera possível e se de tudo restar alguma coisa mais além do *marketing* de uma estação de mentira, nada será aproveitado. Se mais for preciso, repitam os versos de Zila Mamede que, soberana na sua capacidade de olhar o mundo, fala da paz dos bois dormindo.

É possível que os meus vizinhos nem tenham avistado os ipês florindo e por isso o meu pecado ainda é maior na medida em que fico preso entre os muros e nem lembro que

é preciso avisá-los. Os meus vizinhos certamente não são meus leitores não teriam tempo disponível para os ipês, porque eles são silvestres sem proprietários.

Quiseram, em outros tempos, que a casca do ipê-roxo curasse o câncer e é preciso entender a relação mágica do homem com a natureza, ainda que em nome do relacionamento racional todo este século tenha sido construído. Os ipês não curam doenças do corpo, mas pintam de amarelo e roxo as nossas almas, principalmente as parnasianas.

Ainda imaginei subir o morro na trilha das areias brancas e trazer da viagem um galho de ipê roxo e com ele decorar parte da casa. Depois achei melhor olhar os ipês de longe até que esta primavera de faz de conta chegue ao fim. Na sala, o galho de ipê, sem vida, perderia o colorido, contorcendo-se de dor.

O rio

Tenho pena do meu rio que eu vi bonito, correndo manso e se refazendo em remansos de marés de janeiro. Tenho pena do meu rio que eu vi dormindo e embalando seus barcos de nomes que eram verdadeiros poemas: Estrela do Mar, Gaivota, Carapeba, Gamboa do Silêncio, Vento Norte.

Hoje vejo o meu rio triste, desfeito em canais e experiências e tenho pena de suas águas sujas e abandonadas pelas Tainhas. Não vejo mais os seus lindíssimos barcos, substituídos que foram por um arremedo de jangada, chamado paquete, cheio de isopor no convés.

Agora vejo o meu rio recebendo os detritos imprestáveis da cidade, envolvida pelo progresso que os seus homens teimam em construir. Para que serve o meu rio se a ele reservam a missão de esconder as amebas dos olhos dos nossos homens e mulheres vaidosos?

Para isso ele não foi feito, para ser o bojo sanitário da cidade. Meu rio foi feito para os marinheiros e pescadores da minha cidade e para que os barcos, vindos do mar, adormecessem, silenciosos, na sua margem até que a madrugada chegasse outra vez com gosto de farinha e jabá.

Estão matando o meu rio, cortando o seu dorso com longos pontais de pedras, penetrando seu corpo com fundações de cimento para um novo cais. Estão matando meu rio em nome do saneamento da cidade com seu progresso de mentira. Por isso, meu rio chora lama e sente falta do seu mangue.

A minha cidade de hoje tem sido tão desumana com o meu rio que depois de matar a sua primeira margem, agora atravessa a ponte e constrói os grandes conjuntos com esgotos despejando tudo nas suas águas de lá. Querem esconder no rio toda a incompetência que a Universidade não foi capaz de exterminar.

E são de uma violência tão desmedida que ainda fotografam meu rio para ilustrar os seus catálogos e roteiros como se nada tivessem feito contra ele. E o meu rio que era refúgio dos amantes de minha cidade, de repente se transforma num imenso depósito de lixo onde despejam tudo, até os restos de amor. Tenho pena do meu rio que vi bonito, correndo manso e se refazendo em remansos de marés de janeiro.

Frases

Todo cronista, até pela vil e inculta banalidade com que olha a vida, no fim é também, e apenas, um colecionador de frases. Nada mais. A sua pobre arte consiste em tentar impressionar os mais fáceis, porque assim parecem tocados daquele mistério transcendental, aura dos mestres. E de muito pouco adiantará colecionar palavras se não se for capaz de usá-las na hora certa, dosando o ar grave ou o bom humor, de acordo com os jogos sociais do salão.

O perigo de ser um guardador de frases é cair na vala comum das frases feitas, do lugar batido, do já dito tantas vezes. O que além de abominável para os mestres acadêmicos e cultos, ainda por cima revela e flagra a mesmice mortal. Pensando bem, há uma boa razão para se evitar a frase feita. O que é bom e produz um efeito especial é ter a frase justa no momento exato e tocada de um certo bom humor, que a graça, convenhamos, encanta a alma humana desde a caverna.

Além do mais, se já não é muito, o bom frasista precisa dominar a técnica de ser inesperado sem ser abrupto como um abismo. Há de se ter, como o ourives a que se referia Bilac, o gosto pela palavra como se fosse uma joia. Deveria existir um curso de introdução à técnica da frase. Da agilidade ao topo da ousadia. Como aqueles mestres de ofício que ensinavam aos príncipes a maestria de esgrima sem a qual a graça masculina não se completaria nos palácios.

Digo. Ou melhor, escrevo ainda: são até desumanos os que condenam duramente os pobres frasistas, sejamos criadores de nossas próprias frases ou apenas colecionadores. Os cronistas, então, nem se fala. Além de imprestáveis para o sucesso da vida, ainda vivem, como disse Rubem Braga, dos restos dos banquetes literários. Quando os gênios da literatura, bêbados e cansados, abandonam as mesas, lá vamos nós à procura do que sobrou.

Sim, há um banquete literário. O banquete dos romancistas, dos contistas, dos novelistas, dos poetas. E só quando a festa acaba e salão fica vazio, um outro banquete começa. O nosso. Dos ratos e dos cronistas. À procura do que sobrou à mesa. Bicos de pão, sobejos de vinho, pedaços de carne, grãos do branco arroz da nobre literatura. E fazemos os nossos pratos. E nos refestelamos na penumbra dos restos. Felizes porque esquecidos de que jamais teremos glória.

A não ser a pouca glória dessa vidinha, entre um sorriso e outro, quase sempre nascidos de uma generosa tolerância. O que nos conforta é saber que há nas coisas mais simples uma glória anônima. Personagens que jamais darão a ninguém o luxo da presença. São os pobres da literatura. Companheiros de banquete dos restos literários. Nas gloriosas madrugadas dos palácios, quando a claridade, livre e bela, entra pelas frestas e olha, irônica, o pobre sono dos reis.

Sertões

Quem sai das terras de Acauã à sombra da Serra dos Macacos e toma lá adiante a estrada que rasga o boqueirão, deixando para trás os agrestes da Ribeira do Camaragibe; quando a silhueta do Cabugi se ergue impecável; quando os restos dos contrafortes da Borborema se estiram e a Serra do Feiticeiro, majestosa, mostra seu dorso de gigante adormecido; quando chega o mato ralo da caatinga e dos facheiros, aí começa o sertão.

Da paisagem agresteira e seu mato graúdo, nada mais se tem para alisar os olhos. A vegetação é magra e o vento que foge das fraldas das serras já não tem a fresca que abranda o calor dos telhados. É um vento áspero, soprado de um mormaço que cobre de desânimo a alma da gente, acendendo no estirão do olhar uma intensa luminosidade.

Como se um mundo verdadeiro nascesse do chão. E do chão saísse como um nicho danado.

A risca suave de um lápis azul contorna o relevo de todas as coisas. Os homens e os bichos celebram em silêncio a harmonia de um destino que no fim é o mesmo. Quietas, as casas cochilam, sonolentas, como as mulheres que esperam seus homens cansados. As cercas, indiferentes, desenham na terra limites e domínios. E a própria terra olha a solidão das árvores na paz antiga e humilde de um mundo cheio de vida, mas sozinho.

Não há notícias pelos caminhos. Todos andam e todos passam. Carros, caminhões, bichos e homens. Uma estranha em marcha contra a paisagem. A falsa velocidade de uns contra o passo lento de outros. Tudo é destino. Destinos. Pequenos mistérios que nos tornam estrangeiros num mundo comprido e escuro que poderia não ser uma estrada, mas um rio. Porque toda estrada tem alma de rio. E escorre.

Rio de homens e de mulheres. Rio de bichos e de pássaros. Rio de ilusões, e são tantas, que os meninos sertanejos, ricos de esperança, acenam como suas oferendas: milho assado, feijão verde, umbu maduro. E as meninas? As meninas com sua beleza cabocla e seus vestidos vermelhos. Espelhados na água dos barreiros e dos açudes fotografam em segredo seus sonhos, num mundo de vaidades também femininas, mas proibidas.

Ver o sertão é vencer os agrestes e atirar os olhos na quieta solidão. É merecer o humilde espetáculo das juremas em flor, é comover-se como perfume de umburanas estalando no sol. É sentir no rosto os ventos de agosto ainda úmidos da chuva temporã e colher na paisagem o encanto das tardes amoitadas nos velames. É ouvir dos velhos vaqueiros o aboio, o canto liberto de todas as palavras, a triste canção.

Os pássaros no jardim

Sou um contemplativo. E de uma indolência tão grande no olhar que até sou capaz de largar a leitura de um livro ou adiar um compromisso só para deixar os olhos livres dos perigos do mundo, fixados naquilo que mais enternecem a alma.Uma tarde dessas abandonei um ensaio sobre a dúvida, que estava lendo e anotando, porque, de repente, descobri a florada do jasmineiro-laranja nesse verão de calor. E a festa dos pardais nas seriguelas maduras que pintam de amarelo e vermelho a folhagem verde e mansa do quintal.

Anos e anos, esse jasmineiro passou sem desmanchar-se nas suas flores alvas e perfumadas. Já se imaginava até, nesta casa, ser coisa da natureza com seus mistérios que ao homem, nem sempre, são dados decifrar. Numa madrugada, enquanto velava o corpo de Oswaldo de Souza na solidão da

Academia, desfez-se uma florada perfumada e exuberante, como se viesse para saudar a longa viagem do amigo, tão morto e tão querido, e aquele que apascentava-nos mais jovens as impaciências com o mundo e a vida.

Já a seriguela, não. Seu silêncio não foi o maior, mas foi muito mais estranho. Aqui chegou um pequeno galho, filho de mãe generosa nas safras, segundo informou Margareth Martins, à época minha colega de redação. Os anos foram passando, os galhos se estendendo em longos abraços, e nada de frutos. A não ser um dezembro, há uns dois anos, quando três ou quatro seriguelas raquíticas surgiram na ponta de um galho. Teria sido, quem sabe, o aviso de que não era estéril e frígida essa minha árvore tão verde e tão bonita.

Confesso, por ser verdade: o espaço que lhe foi destinado não é nada nobre e generoso. Era o que restava, uma nesga de quintal a bem dizer, posto que naquela época um

abacateiro teimava em resistir com seu tipo esquálido de nascença. Quando foi preciso cortá-lo, o pé de seriguela já estava adulto, imprensado contra o muro, esgueirando-se como um bicho cheio de instinto. É que as plantas procuram o sol para a fotossíntese, sua força motivadora, mesmo quando resta apenas uma nesga, quase nada.

E confesso: como foi bom ficar livre de todas as coisas, e olhar a festa dos pardais, tão feios, mas tão alegres. Chegam no meio da tarde, nas sombras de um sol já fraco, e ficam até quase o sol posto. Bicam, como se experimentassem com cuidado, os frutos mais avermelhados, quase sempre mais maduros. E ali ficam, se é doce e suculento o seu néctar. Ou se vão, em busca de outro, e assim até que encontrem os mais doces. Vezes há em que dois deles bicam o mesmo fruto, numa convivência mansa e pacífica.

Quando muito maduros, já intumescidos pela demorada maturação, os frutos não suportam nem as bicadas

dos pardais. Desprendem-se do alto num voo abismal que raras vezes o olho humano é capaz de seguir até a grama verde e macia. E nem só de pardais vive a tarde. Há uns outros passarinhos menores e mais comuns, anônimos para o cronista. Só uma vez um azulão pousou com sua nobre plumagem. Provou alguns frutos, bateu suas asas solenes e nunca mais voltou.

Sr. Editor [1][1]

Há uma certa tradição oral, até mesmo com um quase sentido pejorativo, de que o viventes de vilas praieiras são preguiçosos. Os que assim definem as pessoas que vivem nas vilas e não apenas passam o verão, na verdade, não conhecem muito de perto a realidade e lançam conceitos sem limites.

Não é bem assim. Não há preguiça no sentido pejorativo, ou seja, ausência absoluta de vontade de trabalhar. O que existe, no mais das vezes, é uma pobreza muito grande e por isso o tempo útil do dia gasta-se na pesca de alguma coisa, nas pequenas hortas, na apanha de cajus silvestres, na venda de cocos.

O que pode fazer um homem sem profissão e sem ofício, na luta urbana da cidade? Vai ser mendigo, servente

1 As crônicas intituladas "Sr. Editor" referem-se às cartas remetidas pelo cronista, em período de férias, na praia da Redinha, Extremoz (RN), ao seu editor. Elas compõem o livro *Cartas da Redinha*. No original, elas não possuem títulos.

de pedreiro e com isso nem a comida pode garantir. Melhor é pescar dois peixes, vender o melhor ou maior e deixar o segundo para garantir o almoço ou o jantar.

Com a venda do primeiro, o pescador compra a farinha e quando nem para isso a pescaria deixa, a solução é comprar fiado na bodega e esperar que o mar ofereça bom tempo. Os pescadores e viventes das vilas praieiras são dolentes, vagarosos como a vida tem sido sempre nestas bandas do mundo.

Não procede muito a acusação de que os pescadores vendem o que pescam e com o dinheiro compram cachaça. Aqui, por exemplo, bebe-se como em qualquer outra parte da cidade e talvez o índice de alcoolismo ou pelo menos do consumo de álcool seja menor do que em alguns dos restaurantes e bares mais frequentados daí.

O que é preciso saber é que a pesca carrega em si mesmo a função de espera. Ninguém pode ser pescador

com impaciência, afinal esperar que o peixe morda a isca ou puxar um arrastão não é tarefa para pessoas apressadas. Tudo aqui é muito lento e muito tranquilo, como a vida ensinou e como o ofício exige.

É preciso ter muita paciência para a apanha do caranguejo no lamarão do mangue e, quando é para pegar goiamum, com ratoeira feita de lata de óleo de comida, limão ou mandioca de isca, aí é que a paciência é imprescindível. Nada é mais exercido no mar do que a paciência, pois para isso foram feitos os pescadores.

Até nós, os veranistas, homens acostumados ao corre-corre da vida diária, terminamos indolentes e lentos nas férias de verão. Quando é preciso ir ao centro da cidade para trocar dinheiro no banco ou fazer compras, não queira saber como é difícil arranjar coragem. Coragem de deixar por algumas horas o balanço do mar.

Era só.

Sr. Editor [2]

Não fosse o desprezo dos órgãos públicos, nem era preciso dizer na carta de hoje que a Redinha prepara-se para a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Na rua da frente para o Potengi, o parque de diversões já arma seus velhos brinquedos, as barracas começam a recortar o céu da Redinha. É a festa.

É preciso lembrar que nada é mais tradicional para os homens do mar do que a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. A imagem posta num barquinho em forma de andor, os Sorrisos de Maria decorando a Santa, o povo cantando o seu hino e louvando sua condição imaculada, protetora dos navegantes.

O dia da festa é sábado próximo, mas a semana toda já conta com um clima diferente. É como se o sentido festivo cobrisse a paisagem da Redinha e até parece, algumas vezes,

que a cena fica diferente, o casario de janelas acesas nas noites de festa, as barracas cheias de peixe frito, cerveja e cachaça.

No dia da Festa, desde muito cedo, o movimento é maior e das barracas todos aguardam as primeiras horas da tarde, quando a procissão de terra deixa a igreja grande, feita de pedras pretas, enquanto a procissão marítima ou fluvial para ser mais específico, começa dos lados da Redinha.

Os pescadores respeitam a procissão da terra, aceitam o encontro das duas viagens imagens, mas é preciso dizer que a fé dos navegantes não mora na igreja da pedra. Os navegantes não aceitam que uma igreja, dando as costas para o mar, possa guardar a imagem da Nossa Senhora dos Navegantes.

Por isso só a igrejinha pequena e branca representa a fé dos pescadores. É de lá que a imagem sai nos ombros do povo, caminha assim até o trapiche, onde embarca em uma lancha decorada de bandeirinhas, crianças, jovens e velhos cantando seu hino enquanto navega nas águas tranquilas do Potengi.

Nada é mais bonito e comovente, Sr. Editor, do que a fé dos simples, a fé inabalável do povo levando sua santa nos ombros, depois no barco. Como querer que os navegantes façam procissão na terra se é no mar que vivem e é da Nossa Senhora dos Navegantes que desejam proteção e milagres?

Estou assim, aguardando a festa, com um olho no Potengi e o outro na minha menina que sofre de dores de estômago há três dias. Daqui até sábado, todas as noites são noites de passeios do lado do Potengi, a amplificadora do Parque divulgando mensagens de amor. Um amor simples, despojado de tudo, feito de canções populares.

Um abraço e até amanhã.

Sr. Editor [3]

Nada é mais triste do que a volta. Hoje, logo depois de encerrada a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, deixo esse território livre da Redinha e, com o peito cheio de saudade, vou levando os livros trazidos para leituras das férias, o rádio, o que me restou desta temporada de ociosidade e vida mansa.

Nada vai mudar com a minha ausência. Digo isso não para reclamar da insignificância da minha presença, mas para mostrar que todos ficam, o veraneio fica até o carnaval e só este aprendiz de cronista, vítima dos expedientes diários, fica obrigado a arrumar as malas na direção de Natal.

Ainda vou arriscar os últimos passeios, andanças pelo Maruim, banho no Potengi no final da tarde, peixe frito com tapioca na Comadre Dalila. É despedida deste janeiro

de verão, festa de todo começo de ano. Não sei ainda como explicar às meninas que é preciso voltar.

Como dizê-las que não há mais férias, elas que não trabalham e para escola só voltam depois do carnaval? Como devo fazer para explicar a cena doméstica retirando alguns poucos objetos, levando para o carro os brinquedos, arrumando tudo que serviu de companhia para os tempos do verão?

Não há cabeça para um último assunto falando das coisas da Redinha. É a volta, fria e monótona, o grande assunto desta casa. Poderia ficar por aqui até o carnaval, como as outras pessoas, mas vejo que adianta muito pouco passar o dia inteiro em Natal e só chegar nas primeiras horas da noite.

Claro que alguns dos meus amigos vão também deixar a Redinha, mas são tão poucos que posso garantir serem pobres de tempo como eu. É verdade que na cidade terei jornais diários, conversa na porta da livraria, telefone para conversar com outros amigos, colecionando novidades.

Vou encontrar uma cidade ainda mais política do que deixei em dezembro. E sou capaz de dizer que nada mudou em matéria de futuro político. As famílias continuam disputando o poder e vejam que os nomes cotados representam quase sempre a permanência do estado atual, a não ser alguns poucos nomes, a essa altura já queimados.

É isso, Sr. Editor. Acabou o tempo de vento brando e leve, rede de alpendre até alta hora da noite, madrugadas vendo a pesca de arrastão. As conversas com Geraldo Preto durante a compra do peixe, estas vão continuar habitando a Redinha, como fantasmas de um tempo ido e vivido.

Adeus, Sr. Editor. E obrigado pelo abrigo das minhas cartas. Ligeiras mensagens de um tempo de mar.

Equilíbrio torto

Quem nunca? Quem nunca prometeu começar a dieta numa segunda-feira que jamais foi pontual a chegar; disse que organizaria os armários e manteria a ordem estabelecida por um longo tempo; afirmou que terminaria uma relação que já não mais estava trazendo felicidade; declarou que economizaria determinado valor em dinheiro todo mês; se comprometeu a largar um emprego opressivo e dar um passo em relação ao seu sonho profissional... Quem sempre? Sempre faz as coisas da mesma maneira, sempre escolhe o mesmo itinerário, sempre desiste no meio do caminho...

Não é tão simples assim entender a autossabotagem. Não se trata exatamente da falta de disciplina, nem de ausência de determinação. Tampouco da preguiça ou fraqueza. Talvez, o "nunca" e o "sempre" possam delinear alguma explicação sobre este boicote a si mesmo, em que as

famosas “desculpas” são a forma encontrada para explicar um comportamento que não favorece quem o tem, mas, por outro lado, não vê possibilidades de ser diferente.

A autossabotagem não é “privilégio” de alguns: todos nós, em algum momento da vida, nos boicotamos de uma forma ou de outra. Comecei a refletir sobre as desculpas: “eu mereço dormir até mais tarde”; ou “não consigo encontrar um exercício físico que me agrade”; ou ainda “é mais forte do que eu esse meu vício em cigarro, sexo, comida, etc., etc.”; “ele (a) não me dá atenção, mas gosto dele (a)”... A autossabotagem é, muitas vezes, inconsciente: uma maneira estranha que as pessoas encontram de manter o equilíbrio. Ainda que seja um “equilíbrio torto”.

“As desculpas que escolhemos são padrões motivados pelas vivências familiares que tivemos, ao longo da vida, pela nossa criação”, já ouvi de uma psicóloga. É como se fôssemos programados para repetir as histórias que aprendemos.

No entanto, é possível fazer escolhas mais saudáveis. Não precisamos ficar aprisionados aos padrões.

Geralmente, onde há excessos pode haver indícios de autossabotagem. Excesso de autoritarismo, de tristeza, de alegria, de liberdade, de exigência. "Comer demais, beber demais, sexo demais, adoecer demais... São as emoções que nos sabotam e não a situação em si", aprendi com ela.

Também é mais fácil, constantemente, manter situações ruins e conhecidas do que se arriscar na novidade, buscar um novo equilíbrio – mais salutar. "Quanto mais podemos escolher ser o que desejamos ser, mais próximos estamos de nossa própria verdade".

Quem nunca quis romper com este ciclo ceifador de esperança que a autossabotagem desencadeia? "Quando a dor de não estar vivendo for maior do que o medo da mudança, a pessoa muda".

Do tombadilho

Fazia um tempo, Senhor Redator, que não abandonava os olhos nesse pedaço de mar que se recorta daqui deste alpendre. Pequeno tombadilho, se fosse um barco. Ou, um guarda-corpo, de onde derramo a tristeza dos dias medonhos perdidos no trânsito dessa vida dita moderna. Por mim, e sei da pobreza de não poder sequer sonhar, não deixaria por nada nesse mundo as sombras das minhas telhas e a companhia mansa desses livros velhos que aguardam minha chegada logo cedo, todas as manhãs.

Ora, pra que sair se lá fora todas as novidades são antigas e aqui, pelo menos, tenho as velhas notícias de outros anos? Se os amigos silenciosos moram ao lado, esperam e não reclamam a ausência? Basta um toque do olhar seguindo o caminho ondulado dos seus dorsos; o corte às vezes sujo de suas páginas por entre as fímbrias,

se um mundo inteiro se abre? Cada um guardando entre as suas páginas a sua própria história, carregado da presença de outras mãos diluídas na alegria de cada descoberta?

Nunca esqueci. Descíamos enlouquecidos de alegria as ladeiras rasgando o silêncio dos becos das Rocas a caminho da praia. À frente da Bandagália, um litro de uísque na mão, a figura de Firmino Moura. Não resistiu e saiu seguindo a banda. Braços para o alto, cabelos desgrenhados, lá ia ele, como Mário Melo, cantando, cantando. Hoje, desfeito das alegrias que deixei naquele último carnaval de rua, ainda ouço Firmino Moura avisando, na chegada: "É o mar. É o mar!". E a banda tocando saudades.

Cadê Firmino? Partiu para a eternidade. E as nossas alegrias que pareciam eternas, onde estão? Talvez nas águas desse mar que nos viu cheios de vida. Naqueles anos, os relógios marcavam cada minuto a mais nas nossas vidas. Mesmo assim, de repente, uns resolveram partir mais cedo

deixando como herança esse mundo de saudade sem igual. Aquele mesmo mundo na evocação saudosa dos carnavais do Recife, Mário Melo brincando ao lado de Felinto, Pedro Salgado, Guilherme e Fenelon...

Nem sei, Senhor Redator, se foi esse mar tão ausente nesses dias de abril, como no soneto triste de Lêdo Ivo. Longe e, no entanto, essas saudades tão perto do alpendre, ancoradas como as mágoas de amor. A quem perguntar por um mundo morto, nas horas aflitas dessa saudade que teima em arder na brasa desse charuto com sua fumaça que se esvai em volutas azuis? Quem me levará pela mão se as canções também morreram de tristeza nas águas desse mar antigo viajando sozinhas com as nuvens?

É o tempo, Senhor Redator. Velho enigma com sua sombra a caminhar nas tardes de saudade. Sempre acreditei que a vida não mora nos relógios, nos movimentos maquinais, minuto a minuto, urdindo o tempo. Foi culpa

daquela juventude que não terminava nunca. Não vi que os relógios não controlam o tempo, mas sabem diminuir a vida, segundo a segundo. Como naquele cilindro na sala sombria do velho laboratório de Bonn que nunca tive coragem de conhecer. Com medo de ter medo...

A modorra

Vem de velhíssimos saberes, Senhor Redator, desde o sono que os marinheiros antigos chamavam de modorra. E até hoje, quem consultar bons dicionários vai encontrar modorro, madorra, modorral, modorrento, modorrentamente e amadorrar, como expressões de sono leve, indolência ou apatia, se por doença; ou notícia de um certo mal que acomete as ovelhas. Por estes dias diante do mar, vem a modorra, trazida pelo vento, como um manto a envolver os olhos desinteressados e sonolentos.

Não é aquela soneira, indolente e doce, que vem com a brisa logo nas primeiras horas da tarde, depois do almoço. Também não é a moleza de uma prostração nascida da enfermidade que derrama a tristeza e o desânimo sobre a carne. É aquela outra que dorme nos relatos dos marinheiros, espécie de uma letargia que faz o olhar se perder nos

longes do mundo. Vago e sem desejos, como se de repente todas as coisas perdessem a cor e o cinzento triste e sem vida cobrisse a paisagem perdida na distância.

Por isso, já arrumo os teréns e vou indo. O caminho é curto até chegar debaixo da minha sombra do lado de lá, depois da ponte. Bom é retomar a rotina nas horas mais brandas e mais íntimas, cercado dos bichos que parecem ter vida, de livros e papéis, de tudo. Nesses tempos modernos, o computador e o telefone são extensões dos braços e pernas, dos olhos e ouvidos. Tudo se sabe sem sair da rede ou da mesa de trabalho, perto do café que de vez em quando vem afagar a alma na solidão da sala de jantar.

Não reclamo dos que ficam. E se ando deslembrado das coisas que passaram, recolho pedaços de um poema que enchia a vida de presságios aparentemente doces naquelas tardes, Senhor Redator. E como se fossem restos de um naufrágio de triste lembrança, sirvo como postas de um

peixe morto para que viva nos versos de Miriam Coeli, no seu tristíssimo adeus ao mar, que nos avisa assim: “Caravelas, caravelas, / quando vos hei de avistar? / Velas brancas, altas velas / meus adeuses no além-mar...”.

Às vezes, não é difícil entender, ir é deixar a vida nesses becos por onde fogem a dor e o medo. E estendidas nos varais as roupas escuras que esconderam os nossos pecados, segundo o evangelho de Newton Navarro. E as roupas brancas, serão as últimas bandeiras de um tempo de ingenuidade que não volta mais? Quem lembra que ali, no alpendre daquela casa, Olinto Rocha fiava um fio fino tirado de um poema de Bandeira – “Vou embora pra Redinha / lá sou amigo de Cidôra / dona da toca do Rei”?.

Outros, quando chegassem, diriam, como o poeta Walflan de Queiroz: “Eu venho do mar”. Ou, voluptuosa e dolente nas águas tristes de Zila Mamede, confessariam: “Quero partir levando nos braços / a paisagem que bebo

no momento". Se o presente por onde se passa, e quando se passa, já é passado, como um dia nos ensinou o poeta Luís Carlos Guimarães, e se só as palavras fazem companhia, como disse Miguel Cirilo, a quem pertence esse mar se posso levá-lo comigo guardado na concha das mãos?

Inveja?

Inveja, Senhor Redator, de ferir a alma, só tenho de quem vive os grandes furos jornalísticos. Como ter certeza dos vários pousos e decolagens de Saint-Exupéry, nesta boca da barra de Natal, amerissando nas águas do Potengi. Mais ainda de quem, inabalável e convencido da lenda, encontra o piloto francês alisando, com aqueles seus olhos grandes e tristes, o baobá da Rua São José, como se buscasse inspiração para a história que começa na pane do seu avião em pleno deserto. Que inveja!

O mais estranho é que só lendo os jornais daqui vem essa sensação de perda, como se o furo vivesse diante de mim e estes olhos não fossem capazes de enxergá-lo. Como pode, se andei de Seca a Meca, de Macau a Toulouse, de Natal a Paris, e nunca mereci encontrar uma foto, uma notícia, um registro sequer? Li todas as cartas que escreveu para a sua

mãe e a sua mulher, dos mais distantes lugares do mundo, e do Brasil, das lembranças dos seus dias de descanso em Paris, e nada, nadinha.

Um dia ouvi dizer que, numa praia de Santa Catarina, Campeche – antes se chamou Pontal – havia uma base de apoio dos pilotos da Aeropostale, e onde Exupéry esteve algumas vezes na escala para a Argentina. Lá, conheceu o pescador Manoel Rafael Inácio, o "Deca", que lhe chamava "Zé Perri", contração da prosódia de "Exupéry", abrasileirando a pronúncia do nome francês. Daí o livro *Deca e Zé Perri*, de Getúlio Manoel Inácio. Veio o livro e lá fui eu, sôfrego, página a página. Nada.

Para aumentar a inveja deste repórter que, embora já sessentão, continua a procurar Exupéry, dizem que foi aqui a história de "Zé Perri". Teria sido chamado assim, de tão íntimo, também aqui? Em conversas no Canto do Mangue, entre umas e outras, perfumadas pelas tainhas ardendo no

óleo, tenras e macias? E teria pousado nas águas do Potengi nos pioneiros anos vinte e trinta, um feito que nem Câmara Cascudo anotou "No Caminho do Avião...", o seu diário dos aviões, de 1922 a 1933?

Natal sequer é mencionada nas origens dos telegramas e cartas e nas mensagens telegráficas e postais que enriquecem a coleção de fac-símiles no registro de sua grande e cuidadosa história de amor, muito bem documentada e fartamente ilustrada ao longo de quase duzentas páginas do livro *Antoine e Consuelo de Saint-Exupéry, um amor de lenda*, edições Les Arènes, Paris, 2005. E, no entanto, aqui, das Rocas à Rua São José, todos encontram Saint-Exupéry, menos este pobre repórter.

Um dia, Senhor Redator, juntei os poucos cobres e sai com Rejane pelo mundo. Era preciso, mesmo com o dinheiro contado, ir ao acervo que em Paris reúne manuscritos de grandes franceses. Quem sabe, teria um sinal. Foram duas

visitas aos documentos e objetos de Exupéry. Cuidei de trazer um exemplar do *La Mémoire du Petit Prince*, "o jornal de uma vida", como Jean-Pierre Guéno, o autor, informa na capa. Nada. No entanto, ele pousa e decola neste beiço de rio de vez em quando...

O maior da literatura menor

por Gustavo Leite Sobral

Os mestres e seu ofício

A crônica é o espaço do trânsito, do experimento e da realização. Mas exige cuidado, esmero e trabalho. Pode até parecer despretensiosa pela leveza própria do gênero, mas, na verdade, como toda grande literatura que se escreve e sobrevive em bases sólidas, exige dedicação. Rubem Braga, considerado o maior cronista brasileiro, escreveu mais de 15 mil crônicas em 62 anos de atividade. Consagrou e popularizou a crônica que foi o seu ganha-pão. Já cronista respeitado, em 1978, assinou contrato com a *Revista Nacional*, encartada nos jornais de domingo e com distribuição de quatrocentos mil exemplares, para publicação de uma crônica semanal recebendo um salário mínimo por semana. Assim foi até a morte, em 1991, redigindo 800 crônicas neste período. A quantidade também se torna espantosa, porque a ela está associada à qualidade da literatura que produziu. Braga checava tudo para ter a absoluta certeza que não se enganava.

Os originais eram sempre escritos, reescritos, corrigidos. O cronista cortava palavras, substituía, reescrevia frases. Era minucioso e detalhista e conservou como estilo a brevidade. Exterminador de adjetivos, dizia que a crônica deveria se aproximar da conversa fiada, ou seja, parecer despretensiosa para arrebatar o leitor. A lição para o exercício da crônica acrescia a necessidade de conhecimento amplo. Conta o seu biógrafo[2] que Braga lia de tudo. Poesia, biografia, literatura estrangeira, romance policial e até tratados sobre jardinagem. O cronista cultivava um conhecimento enciclopédico. João do Rio, percussor de Rubem Braga, foi quem trouxe para a crônica o caráter literário que não tinha.[3] João do Rio era fruto da crescente circulação dos jornais no começo do século XX, da popularidade dos jornalistas e da sua capacidade de inventar um jornalismo em forma de crônica. O marco inaugural desse gênero é o folhetim no século XIX.

---

2 CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

3 SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

Antonio Candido[4] esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se transformando, encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero. Literatura da brevidade, exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este é o todo objeto e assunto da crônica. Literatura maior nas mãos do escritor brasileiro, taxaram a crônica de gênero menor. Massaud Moisés[5] classifica-a como expressão literária híbrida e múltipla porque nela cabe alegoria, necrológio, entrevista, confissão, monólogo, diálogo. Ele a situa entre a poesia e o conto, e explica: parte de uma visão subjetiva sobre o fato cotidiano. Seu poder está em não ser mera transcrição da realidade, mas na sua capacidade de

4 CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: *A crônica*: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

5 MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

recriá-la. A crônica tem o poder de ser um retrato do tempo. Revisitada como se faz a uma fotografia antiga, é capaz de revelar toda a graça, engenho e inventividade que encerra nos seus domínios. A crônica sobrevive e se liberta a qualquer tempo da leitura e não tem nada de literatura menor.

O exercício da crônica

Vinicius de Moraes, nos seus arrebatamentos poéticos, que também guiaram as suas crônicas, foi taxativo ao apontar: na crônica está o coração do jornal. Uma visão romântica para disseminar um queremismo para o jeito descompromissado, leve e despretensioso da crônica, face ao rigor da realidade estampada nos cadernos de cidade e política. A crônica, ensina Vinicius, é herdeira dos *essays* ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que ela assumiu de ser livre, casual e lírica. Coisa que Vinicius acusa: ela estaria perdendo por uma prática de um tipo de crônica que ele, numa espécie de crítica, chama as crônicas vagas, temperamentais, ególatras,

à clef, para alertar para a missão do cronista de contrabalancear o peso da realidade do jornal, por isso, é obrigação do cronista: "ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista".[6]

Vinicius dedicará duas crônicas ao tema crônica, e com o mesmo título "O exercício da crônica", fazendo graça e forçando um falso drama dirá o quanto custa ao cronista o preparo do seu texto quando a inspiração não vem.[7] O martírio que é a página em branco e a hora que passa no relógio e pressiona com o *deadline* se impondo quando é chegado o tempo de enviá-la para publicação. A queixa revela a faceta jornalística da crônica. Produto para jornal, como as notícias, reportagens e editoriais, está sujeita ao fator

6 MORAES, Vinicius. O exercício da crônica. In: *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 53-54. O livro é resultado de crônicas selecionadas pelo próprio Vinicius de Moraes das que publicou em jornais e revistas a partir de 1941, o critério foi cronológico e o livro foi publicado em 1966.

7 MORAES, Vinicius. O exercício da crônica. In: *Para viver um grande amor*: crônicas e poemas. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008, p. 15-17. O livro é uma reunião de crônicas publicadas pelo poeta em jornais e revistas diversos, a maioria no jornal *A Última Hora*, a partir de 1959. A seleção ficou a cargo de Yvonne Barbare, secretária de Vinicius.

tempo, o chamado fechamento da edição, quando se conclui a edição e a envia para impressão. Vinicius aconselha: o ideal é sempre ter uma crônica adiantada, ou duas, para evitar o suplício quando o tema não vem; para tão logo desconversar, corroborando para uma visão poética do ofício.

Vinicius classificara os tipos que fazem crônica e os expedientes de que se vale o leitor como remédio para as atividades do dia a dia. Irônico e mordaz ao classificar, faz crítica aos cronistas. Para ele, há aqueles que prezam em ser simples e diretos, colocam um floreio aqui e outro acolá, e que servem aos leitores como assunto para comentar em conversa na mesma noite; outros, aqueles que escrevem de maneira elaborada, servem para o leitor entediar-se e adormecer logo. Dos cronistas, há aqueles que simplesmente fazem logo, apressados para livrar-se do suplício; há os eufóricos, que procuram levar alegria e felicidade ao leitor; os tristes, que inundam a crônica de desânimo; os modestos, que ocultam a sua presença na crônica; e os vaidosos, que estão lá em primeira

pessoa, personagem sempre. Mas seja qual for a crônica, Vinicius é taxativo: o leitor não dispensa ao se acompanhar do cafezinho e do cigarro. Crônica é vício também declarado.

A crônica da cidade

Natal não há tal, foi um dos seus adágios, entre outro que pregava que em cada esquina há um poeta e em cada rua um jornal. Cidade que cresceu sonolenta, segundo seu historiador-mor, Luís da Câmara Cascudo. Até que acordou na lenda de Manoel Dantas e se projetou moderna. Primeiro foi cidade na Ribeira e Cidade Alta, contida pelo rio, pelo mar e pelas dunas que não chegaram a cobri-la, depois se esticou para outros tantos bairros formados antes, durante e depois, Rocas, Alecrim, Petrópolis, Tirol, Ponta Negra... Certo de que não há um único símbolo que a consagre, a não ser, apresentar-se a famosa cidade do sol protegida pelos Reis Magos. Também cidade onde antigas modinhas rolaram nas violas sofridas em canções de um Ferreira

Itajubá, esquecido poeta, pintor de parede, e tantas outras profissões que pôde ter.

Visitada por Mário de Andrade, poeta, romancista, cronista, totalmente modernista e amigo de Cascudo, é terra, dita pelo mestre Cascudinho, que não consagra nem desconsagra ninguém. Neste corre-corre do tempo, do que só o que passa permanece, no verso do poeta biógrafo[8] e natalense por adoção, Diógenes da Cunha Lima. Teve a sorte de ter registrando os fatos, a vida e a cidade, os seus cronistas diletos que fundaram definitivamente a crônica moderna nos jornais e a praticaram-na fazendo dela o uso preciso. Contar a vida a partir da própria perspectiva, as coisas da cidade e as andanças pelo mundo. O cronista foi então o historiador do presente e o biógrafo da própria vida. Prova de que a cidade existe e a história da vida diária está na crônica.

---

8 LIMA, Diógenes da Cunha. *Natal*: biografia de uma cidade. Rio de Janeiro: Lidador, 1999.

A passagem norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial transformou a cidade. A população aumentou, os hábitos mudaram, novos jornais surgiram na praça. A *Tribuna do Norte* foi fundada em 1950, com duas linotipos e uma impressora, distribuindo dois mil exemplares, uma edição de doze páginas e uma seleção de colaboradores.[9] Woden Madruga escrevendo sobre os costumes, a cidade, a literatura, a política, além de comentários gerais; crítica de cinema por Berilo Wanderley, intercalada com as suas crônicas e os assuntos dos dias. Nesse caminho, florescerá também as crônicas líricas de Newton Navarro. A transformação também implicou a fundação da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, em 1962, criada por lei estadual, que funcionava no edifício e sob a administração da Fundação José Augusto. Outras faculdades também se instalavam: Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia.

9 *60 anos*, suplemento comemorativa aos sessenta anos do jornal *Tribuna do Norte*. Coordenação editorial de Carlos Peixoto, textos de Nelson Patriota, revisão e pesquisa histórica de Woden Madruga. Natal: *Tribuna do Norte*, 2010.

O Grande Ponto era o centro da cidade que andava de bonde. As pessoas frequentavam cafés e a Sorveteria Cruzeiro. O Granada Bar de Nemésio era o sucesso da boemia intelectual: Berilo Wanderley, Newton Navarro, Augusto Severo Neto e companhia ali se encontravam. A Ribeira era do comércio, dos clubes esportivos, hotéis, sede dos jornais, estação de trem e do Teatro Alberto Maranhão. Jornais eram sete em circulação: *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*, *O Poti*, *A Ordem*, *Jornal de Natal*, *Jornal do Commercio*[10] e *A República*[11]. O carnaval passava em desfile de automóvel pela Avenida Rio Branco e, pela Deodoro, vestidos de marinheiro, uma fotografia antiga guarda Lenine Pinto e Newton Navarro em festa. À movimentação cultural, somam-se as promoções do Centro de Documentação e Cultura da prefeitura recém-criado e dirigido por Mailde Pinto Galvão, que instalara uma galeria de arte na Praça

10 Jornal pernambucano que circulava em Natal.

11 MADRUGA, Woden. Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado). In: NEGREIROS, Sanderson. *A hora da lua da tarde*. Natal: Liv. Independência; Fundação José Augusto, 1998.

André de Albuquerque, Cidade Alta, e promovera eventos, como a Praça da Alegria, com feira de livros, apresentações musicais e folclóricas. O governo do estado realiza o Festival do Escritor Norte-rio-grandense e lança duas coleções, uma de poesia, que leva o nome do poeta Jorge Fernandes,[12] e a outra dedicada ao ensaio, a coleção Henrique Castriciano.[13]

Outra movimentação é o curso sobre Literatura do Rio Grande do Norte ministrado por Peregrino Junior, Câmara Cascudo e Jayme Adour da Câmara.[14] A livraria Universitária comandada por Walter Pereira e a livraria de Ismael Pereira, na Ribeira, eram ponto de encontro dos escritores e intelectuais. Walter Pereira era uma espécie de patrono que recomendava leituras e publicava livros.[15] A fixação da

12 Celso da Silveira, Augusto Severo Neto, Deífilo Gurgel, Dorian Gray Caldas, Luís Carlos Guimarães, Myriam Coeli e Sanderson Negreiros foram os poetas publicados.

13 Publicará de Romulo Wanderley o ensaio *A geografia potiguar na sensibilidade dos poetas*; e de Alvamar Furtado, *Jazz, cinema e educação.*

14 SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar.* Natal: Argos, 2001.

15 CASTRO, Marize. *O silencioso exercício de semear bibliotecas.* Natal: Una, 2011, p. 42-43.

crônica nos jornais pertencia ao time destas duas gerações. Berilo Wanderley e Newton Navarro já ocupavam as páginas da *Tribuna*. Sanderson Negreiros começa no *Diário de Natal*, colaborando com a coluna de Woden Madruga.[16] Diva Cunha e Constância Lima Duarte[17] classificam este período da literatura potiguar (que começa com a publicação do livro de poemas de Jorge Fernandes em 1927 e vai até meados da década de 1960), ao proporem uma organização didática em etapas para a história da vida literária do Rio Grande do Norte, de modernista, a que poderia se acrescentar o florescimento da crônica da cidade.[18]

16 MADRUGA, Woden. Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado). In: NEGREIROS, Sanderson. *A hora da lua da tarde*. Natal: Liv. Independência; Fundação José Augusto, 1998, p. 16.

17 DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Tributação, 2001, p. 32-33.

18 As primeiras antologias foram as poéticas: *Poetas do Rio Grande do Norte*, publicada em 1922, organizada por Ezequiel Wanderley; e *Panorama da poesia norte-rio-grandense* em 1965, por Romulo Wanderley. De contos, *Contistas norte-rio-grandenses* por Nei Leandro de Castro; como também romancistas e contistas em *Ficcionistas do Rio Grande do Norte*, por Manoel Onofre Junior; e as antologias literárias de DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. 2. ed. Natal/RN: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Estado e Tributação, 2001; e SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal/RN: Argos, 2001.

Cronista e boêmio

Berilo Wanderley despertava às cinco da manhã para escrever a *Revista da Cidade*. Publicada na *Tribuna do Norte*, a *Revista da Cidade* era um espaço visitado pela crônica, crítica de cinema, comentários sobre literatura e música popular brasileira. As suas paixões, depois de Mary, é claro. Apaixonado por toda vida, Berilo cultivou a paixão como elemento do amor. Todos aqueles que depõem sobre a amizade de Berilo registram o seu amor por Mary, Maria Emília Wanderley. Casados, andavam pela cidade como se sempre estivessem de mãos dadas nas noites no Granada Bar, de Nemésio, e nas reuniões nas casas dos amigos onde Berilo cultivava a sua maior arte: ser querido por todos. Nome completo, Francisco Pinheiro Berilo Wanderley (Natal/RN, 1934-1979). Jornalista por vocação, começou na *Tribuna do Norte*, foi repórter e tão logo começou a preencher a sua crônica substituindo interinamente Woden Madruga em 1956 e, depois, com saída de Woden para o *Diário de Natal*, assumiu-a para todo o sempre.

Daí nunca mais parou de exercer o seu vaticínio. Por pouco tempo, arriscou o jornalismo no Rio e em São Paulo, mas voltou cheio de saudades para falar da sua cidade. Belo Lírio, afirma o amigo Veríssimo de Melo,[19] gostava tanto de cinema quanto apreciava a bossa velha e assim levava a vida com leveza, regramento e despretensão. Bebia vinho, hábito que adquiriu na temporada em que passou na Espanha, fruto da bolsa de estudos do Instituto de Cultura Hispânica. Ávido leitor, descansava as leituras sérias, de Drummond, Pessoa, Lorca, seus poetas prediletos, nas aventuras de um bom romance policial. Concluiu o curso de Direito, mas não conseguiu largar o jornalismo. Professor do curso de Comunicação, uniu a sua paixão pelo cinema e pela literatura e apresentou candidatura para cadeira de telejornalismo em 1977 com a monografia *Cinema e literatura*. Cultivou um sonho, revelação do amigo Celso da

19 MELO, Veríssimo. Lembrança de Belo Lírio. In: LIMA, Diógenes da Cunha (Org.). *Berilo Wanderley*: memórias, depoimentos, poemas, crônicas. Natal/RN: Editora Universitária, 1980, p. 24.

Silveira:[20] ter uma casa com árvores e uma pequena horta, na estrada da Redinha, cercado por Maria Emília, amigos, sossego e livros. Simples, dispensava elogios, não se engrandecia.

Nunca sonhou outros voos, pelo romance, novela, conto, embora tenha sido poeta com livro publicado, o livro de sonetos *Telhado do sonho* de 1956. O jornalismo era a sua total dedicação. A crônica, a sua literatura. Nada mais ousou. O gênero supria toda a sua capacidade de observador da vida. Berilo foi como uma crônica, breve, intenso, presente, revelador, com os pés no tempo vivido. Outro Berilo não se encontra que não este, no íntimo das suas crônicas, nas homenagens dos amigos atônitos com a sua partida, outra forma não poderia ser a de apresentar o cronista da cidade que consagrou a forma na grandeza da sua simplicidade. Atividade que também condecorou um dileto amigo, companheiro do Granada, o cronista Newton Navarro.

---

20 SILVEIRA, Celso. Berilo Vivo. In: LIMA, Diógenes da Cunha (Org.). *Berilo Wanderley*: memórias, depoimentos, poemas, crônicas. Natal/RN: Editora Universitária, 1980, p. 32.

Enfant terrible

Newton Navarro passava na redação da *Tribuna do Norte* com a crônica já batida (datilografada) à máquina ou ia lá mesmo para fazê-lo. Agitador cultural, pintor, artista que voltou à cidade em, 1948, vindo da efervescência cultural de Recife/PE, onde fora a pretexto de estudar Direito e terminou nas aulas de Desenho de Lula Cardoso Aires. Lançou arte moderna em Natal de cachecol, fantasiado de pintor.[21] Becos, ruas, bares, o rio, os viventes, as figuras emblemáticas são as suas crônicas sem dia certo, produção que chegou em dois livros, uma seleção do próprio Navarro que se chamou *30 crônicas não selecionadas*,[22] lançado em 1969, com epígrafe de Vinicius de Moraes: "um jornal é um pouco um organismo humano [...], a crônica é o seu coração"; o outro, póstumo, lançado em 2013, seleção do amigo Paulo

21 CALDAS, Dorian Gray. O tempo de Newton. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRN, 2013.

22 NAVARRO, Newton. *30 crônicas não selecionadas*. Composto e impresso no Departamento Estadual de Imprensa, 1969.

de Tarso Correia de Melo, *Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas.*[23] A crônica na obra de Navarro é um exercício múltiplo de suas habilidades literárias. Autobiografia não escrita e uma história da cidade revelada.

Navarro foi um vivente da cidade, das festas oficiais, dos palanques políticos, das mesas dos bares, dos salões literários e da festa das exposições, frequentou todos os espaços, andou por todos os bairros. Personalidade conhecida e reverenciada, não sobra pelas esquinas de hoje quem invoque uma história pitoresca e que não exija como uma patente o grau de ter conhecido Newton Navarro, de maneira que sobre a sua vida pairam lendas e se incorporam versões e mais versões de episódios vivenciados. Teatrólogo, cenógrafo, ator, orador, poeta, cronista, contista, novelista, muralista, desenhista, pintor, Newton Navarro Bilro (Natal/RN, 1928-1992). Os contos de Navarro têm a cor e a luz de

23 NAVARRO, Newton. *Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas*. MELO, Paulo de Tarso Correia de; SOBRAL, Gustavo (Org.). Natal: EDUFRN, 2013.

um atento compositor de paisagens. A novela costura-se sobre o mar, a vida do pescador e a cultura popular. Sua poesia, um tanto Manuel Bandeira, fala do simples, dos bichos, das coisas, dos sentimentos e está impregnada de cor, e assim os aspectos concorrem, formando um artista completo em que a forma de expressão pouco importa. Tudo é manifestação do poder criativo.

Navarro se revela um cuidadoso com a sua produção literária. Paulo de Tarso Correia de Melo[24] afirma que os contos eram escritos e reescritos cuidadosamente, mesmo empenho e trabalho que também dedicou para a reunião de suas *30 crônicas não selecionadas* em livro. Os amigos[25] revelam a sua cultura humanística ampla, conquistada nas conversas e leituras. Navarro era capaz de recitar poemas completos,

24 MELO, Paulo de Tarso Correia de. Saudade de Newton Navarro. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRN, 2013.

25 ALMEIDA, Angela; RUBIANO, Helton; SOBRAL, Gustavo (Org.). *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRN, 2013.

tomado de emoção nas noitadas boêmias.[26] Nas epígrafes dos seus livros, vê-se que era leitor da literatura que despontava, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e um verdadeiro encantamento pela obra de Jorge Amado. Há notícia de correspondência de Navarro com alguns desses escritores brasileiros, a quem remeteu seus dois livros de contos. Na edição Navarro obra completa,[27,28] há trechos de comentários escritos por Jorge Amado,[29] Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo[30] aos livros *O solitário vento do verão* e *Os mortos são estrangeiros*.

Um escritor influenciado pelo existencialismo que a vida revela praticada ao extremo de quem se entregava em

---

26 WALDERLEY, Maria Emilia. Newton, o amigo. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal: EDUFRN, 2013.

27 Na capa dos volumes consta "obra completa", nas referências "obras completas".

28 NAVARRO, Newton. *Obras completas*. Natal: Fundação José Augusto; FIERN, 1998, 2v.

29 Consulta realizada ao setor de documentação da Casa Jorge Amado em Salvador, depositária do acervo do escritor não foi localizada nenhuma carta de Newton Navarro à Jorge Amado.

30 Sem referência de onde vieram, se de alguma carta, artigo publicado em jornal, só uma consulta aos originais poderia comprovar, mas infelizmente, o arquivo de Navarro encontra-se em local incerto e não sabido.

demasia para sorver a essência no amor, na bebida e na dor. Navarro foi personagem de si próprio. Confesso baudelairiano,[31] inventor de si mesmo, circulava pela cidade construindo o mito Navarro, ao mesmo tempo em que se dedicava com afinco e cuidado a preparar uma obra artística sólida, ao escrever e encenar peças de teatro, ao publicar crônicas e ao eleger temas caros à literatura brasileira. O que o torna parte de uma geração de escritores que se debruçaram sobre a realidade do país, a diversidade cultural, a vida do povo. A tudo isso Navarro impregnou com o seu toque existencialista numa atitude, a exemplo de Hemingway, de um escritor que parte de sua realidade para criar a sua ficção. Era preciso viver, conhecer e sentir para contar. As suas crônicas são parte e exemplo bem-acabado de um projeto literário que criou, compartilhando a cena da cidade e o exercício da crônica com um amigo e também cronista, Sanderson Negreiros.

31 LYRA, Carlos (Coord.). *Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Bilro Navarro, Leopoldo Nelson*. Natal: EDUFRN, 1998.

O poeta dos cronistas

A precocidade acompanhou José Sanderson Deodato Fernandes Negreiros (Ceará-Mirim/RN,1939). Saiu menino do Colégio Santa Águeda, em Ceará-Mirim/RN, aos nove anos de idade, para o Salesiano, em Natal/RN. Teve vida breve no Seminário São Pedro, renunciando ao futuro sacerdócio e incorporando-se à vida da cidade. Passou pelo colégio Marista, cursou o Atheneu Norte-rio-grandense, foi para faculdade de Direito no Recife/PE, voltou para a faculdade de Direito de Natal/RN, por fim, bacharel em 1963. Foi a sua formação. Outra escola foi o jornalismo. Começou a escrever aos 16 anos, cronista da *Tribuna do Norte*. Com sensibilidade de poeta, no mesmo ano lançou o primeiro livro de poesia, *Ritmo da Busca* (1956), bem recebido pela crítica e pelo público. Continuou poeta publicando livros, engajado com a turma do poema processo em Natal na década de 1960. Foi o autor do manifesto. Redator de *Manchete* e *Visão* no Rio de Janeiro/RJ numa curta

temporada, adjunto de promotor em Ceará-Mirim e Santa Cruz, dentre outras funções anotadas no seu currículo.

Cronista desde o princípio, escreveu para a *Tribuna do Norte* e o *Diário de Natal*. A crônica sempre foi a sua revelação do mundo e um diário íntimo. Existencial, fez cálculos sensatos e decentes, leria no mínimo dois mil livros ao ano, o amor cultivaria para sempre bem amar, o pessimismo era para abandonar para longe no cotidiano de cortar o cabelo, tomar o ônibus e engraxar os sapatos. O cronista Sanderson é um terráqueo, tem os pés no chão e nas coisas a fazer. Sonha ler mais poesia e pretende estudar Camões, nunca perder tempo e sempre ganhar espaço. Cumprirá suas atividades e será feliz. O cronista é um homem de fé e falso resignado na sutil ironia que lhe convém. Homem do contra e a favor, nada de chinela japonesa e mulheres burras-enfeitadas-fetichistas, a favor, sim, é da mulher irrevelável. O cronista é maroto e espreita mistérios.

Entre prós e contras, desfilam suas crenças e ideologias. Só o comove o destino das pessoas humildes, mais do que tudo, são anônimos do heroísmo diário. Não o conforma a baba dos invejosos, a traição dos covardes e a falta de cerimônia dos fracassados. Contrário ao derrotismo, à ingerência, o despotismo e à falência que povoa o mundo, impõe um remédio: a poesia e o amor que cabe na finitude do homem e do universo. Sabe das questões mais urgentes: a do amor e as mulheres. Oscila entre as inquietações maiores da existência e as coisas do dia a dia, sobretudo, as do coração. Da cidade, anota os problemas do cotidiano, falta de luz, telefone mudo, ruas esburacadas, trânsito, enxerga os seus habitantes: poetas especialistas em jazz, boêmio em levitação, loucos e chatos. E muito mais. Uma cidade em trânsito e o Grande Ponto fervilhando. A Natal, cidade que há 100 anos era uma festa. Também se pinta de cores o Ceará-Mirim/RN da infância revisitado, saudade que dói como a Itabira, de Drummond. Assim o cronista revela a crônica, o seu diário íntimo na paisagem urbana.

Compositor de cenas urbanas

Outra cidade não é Natal na Cena Urbana do cronista Vicente Serejo. Vicente Alberto Serejo (Macau/RN, 1951) é essencialmente jornalista (concluinte da Faculdade de Jornalismo em 1977). Um confesso vocacionado de carreira para o exercício da crônica e à observação da vida política. Sua literatura se imprime todos os dias em papel jornal, desde quando instado a uma coluna semanal, a Cena Urbana, que nasceu por acaso. Começou a traçar as linhas no *Diário de Natal*, era 1970. De repórter, passou a redator, depois chefe de redação, depois editor, e sempre cronista. Com o fim do *Diário*, passou curta temporada no jornal *Gazeta do Oeste*, de Mossoró/RN, transferindo, depois, definitivamente, a sua coluna para o vespertino *Jornal de Hoje*.[32] Leitor dos grandes cronistas, sempre esteve atento ao exercício da crônica, debruçando-se sobre a engenharia

32 Depoimento Vicente Serejo. *Voz e criação*: escritores potiguares e seus processos criativos. Auditório da Biblioteca Zila Mamede, UFRN, Natal, 14 de agosto de 2014.

do gênero quando professor de Estilos Jornalísticos no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Cronista em todos os tempos, não se sabe se é o cronista que não larga a crônica ou é a crônica que não larga o cronista. As alegações do por acaso estão explicadas: "Passei a cronista sem querer. Em razão da interinidade de uma coluna social que não sabia fazer. Resolvi substituir as recepções pelas cenas diárias, umas minhas, outras da cidade".[33] 1982 é o ano em que Vicente Serejo lança o primeiro livro de crônicas, seleção de 50, dentre as 400 que publicou nos últimos dois anos. O estilo do jovem jornalista de 30 anos revela o intelectual em formação. As cenas são o cotidiano e as coisas prosaicas da vida. A Redinha é personagem recorrente. Todos os cronistas amaram a Redinha. Serejo cumpriu a tradição e a elegeu dos seus sonhos e encantamentos. Verão de 1982, janeiro, manda notícias

33 SEREJO, Vicente. *Cena urbana*. Natal/RN: EDUFRN, 1982.

do mundo de lá à redação do *Diário de Natal*, dirigidas ao "Sr. Editor". As *Cartas da Redinha* foram reunidas dois anos depois em livro sem alterações. São crônicas em forma de carta sobre o único tema, a praia da Redinha, na visão de um cronista em veraneio.

O livro é dedicado ao companheiro de profissão Berilo Wanderley, de quem pesca a epígrafe: "praia de jangadeiros, poucas casas e cajueiros em dezembro". Serve bem a um resumo do que o cronista fotografa: a sua preguiça cotidiana de quem se dedica a caminhada, conversa com amigos, leitura de jornais e livros, uma cervejinha e delícias da mesa. As férias do cronista são só deleite, mesmo que vez ou outra se queixe de estar sem notícias do outro lado do rio. Na Redinha, está bem munido pelos seus informantes Geraldo Preto e comadre Dalila. A lendária Dalila da consagrada ginga com tapioca. Aliás, o veraneio do cronista é farto: das bacias de caju na estrada, desfilam sabores da mesa, tainhas fritas com dendê, escaldado de cioba (muito

melhor que o cozido, adverte), carapeba, caranguejos e siris de corda, tudo servido e acompanhado de uma cerveja geladinha ou uma cachacinha. Os hábitos são fugazes, como espiar a cidade do outro lado, procurando as luzes do farol de Mãe Luíza. O que o desagrada é o piche na praia.

O cronista também se veste de explorador, segue em busca de águas calmas para levar as filhas para aprender natação e vai até Genipabu. Anota e registra todas as praias do litoral na sequência, só não vai a Touros e ali encerra a geografia. O mar, as conversas de pescador, as jangadas e paquetes, tudo é assunto para as cartas até que o verão passa e fica a nostalgia da saudade. O cronista é um lírico que enxerga o azul no Gim,[34] que fala da cidade e da vida com encanto, assim completa a tradição de quem levanta todos os dias com a missão primeira de ser cronista e escrever para o jornal. Confesso dividido entre um eu lírico e um eu

34 SEREJO, Vicente. *Canção da noite lilás*: crônicas. Rio de Janeiro: Lidador, 2000.

político que se revezam no espaço da crônica diária. Vicente Serejo eleva o gênero crônica à categoria de perfeição. O exercício diário, as leituras de tudo e o olhar aguçado do vivente e intelectual levaram-no a expor o melhor do gênero nos temas e na forma, mantendo a antiga medida precisa que usava quando enviava por fax, de onde estivesse, a crônica para o jornal. Métrica perfeita de linhas e parágrafos orquestrados.

O viajante e seus retratos

Augusto Severo Neto (Natal/RN, 1921-1991) foi cronista pela eleição propícia dos temas. Registrou suas andanças pelo velho mundo, passeios e revelações que aguçavam o seu interesse pela cultura universal, as artes, a literatura e as línguas estrangeiras. Poeta que foi, não prescindiu da observação cuidadosa do cotidiano. Memorialista, descendente dos velhos Albuquerque Maranhão, linhagem de política, poder e posses no estado do Rio Grande do Norte, recebeu no nome a homenagem ao avô

sonhador e aventureiro que, sobrevoando Paris de balão, se envolveu em um acidente fatal, em 1902. Severo Neto herdou além do nome e da estirpe, o pendor aventureiro, de viajor, e a vocação para as nuvens, foi piloto. Seus temas e assuntos de conversa sempre foram o mar e o tempo. Gostava de perambular pela Europa e, a partir de 1965, fez das viagens uma constante. Ano sim, outro não, ou seguidos, corria para uma temporada.

Batia perna por diversos países conhecendo e revisitando cidades, Paris, Roma, Sevilha, Madri, Barcelona, Lisboa, Creta, entre tantas outras, vivendo cada coisa que registrou com sabor delicioso de um bom contador de histórias nas suas crônicas de viagem. Sempre ele e sua mulher, Lúcia Severo, fazendo amizade, descobrindo o mundo. Se lhe perguntassem uma cidade, não hesitaria em apontar Paris, mas se fosse para apontar um país, não hesitaria em dizer Espanha. Seu refúgio em janeiro era o verão na praia de Pirangi do Norte, Parnamirim/RN, onde cultivou amigos, leituras e a companhia de Lúcia. Diferente não era

a vida em Natal. Andava sempre pela cidade de alto a baixo, convivendo com toda gente, dos loucos aos intelectuais, artistas e políticos. Vivência e convivências que registrou em suas crônicas. A memória das ruas, dos bairros, das pessoas e da cidade de sua infância e juventude está nas crônicas publicadas em jornal e reunidas no livro *Ontem vestido de menino*.[35]

Jornalista habilitado, formado pela Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, prolífico e assíduo, colaborou escrevendo artigos e crônicas, como voluntário, nos jornais *O Poti*, *A República*, *A Ordem*, *Dois Pontos*, entre tantos outros, até o *Jornal do Commercio*, do Recife/PE, cidade onde também cultivava amigos como Carlos Pena Filho e João Cabral de Melo Neto. Tradutor de personagens, reuniu-os no livro *De líricos e de loucos,* no qual tratou com olhar de poeta os 50 nomes selecionados e escolhidos, acrescentando o epíteto: histórias nuas e isentas. Os retratados são o que

35 SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal: Nossa Editora, 1985.

vivem e os fatos sobre os quais deles se contam. Crônicas fruto da observação e vivência do cronista que se confessa das personagens um biógrafo participante ou testemunha. Gente da cidade cuja obra foi a própria vida. Imortaliza nomes como Zé Areia, Severina e Albimar Marinho. O livro foi lançado na Ribeira, entre os seus, na gráfica de Carlos Lima, "ao sabor de cachaça e seriguela. Luís Tavares foi quem mais comemorou sentado num banquinho".[36] Registros que revelam a cidade, a crônica e a amizade, sabor de instantes contínuos.

36 Depoimento de Lúcia Severo. Natal, 14 de agosto de 2014.

Bibliografia dos Cronistas

Augusto Severo Neto

De líricos e de loucos: histórias nuas e isentas. Natal: Clima, 1980. 136p. Editor: Carlos Lima. Capa: Jussier Magalhães. 51 crônicas. Crônicas sobre personagens pitorescos da cidade, amigos e artistas.

Estórias de distâncias: da importância dos gestos e dos acenos. Natal: EDUFRN, 1982. 89p. 26 crônicas de viagens. Episódios pitorescos sobre viagens a cidades da Europa, dentre elas Paris, Viena, Lisboa, Madri, Barcelona, Sevilha, Tanger, Roma, Nápoles, Gênova, Florença, Turim, Atenas e Creta.

Ontem vestido de menino. Natal: Nossa Editora, 1985. 216p. Capa: Jussier Magalhães. 47 crônicas publicadas no jornal *Tribuna do Norte*. Crônicas sobre personagens, fatos, e acontecimentos na cidade.

Do outro lado do mar. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960. 155p. Capa: Dorian Gray Caldas. 21 crônicas. Crônicas sobre personagens as cidades que visitou, dentre elas, Espanha, França, Itália, Portugal.

Berilo Wanderley

O menino e seu pai caçador. Natal: Fundação José Augusto; Clima, 1980. 100p. Editoria: Carlos Lima. Capa: Newton Navarro. Apresentação: Woden Madruga, "Berilo, o simples". 80 crônicas selecionadas.

Revista da cidade: contos, crônicas, poemas e fragmentos. Natal: EDUFRN, 1994. 118p. Organização: Maria Emília Wanderley. Capa: Beth Câmara e Maria Emília Wanderley. Prefácio: Marconi Floripe Ginani.

Newton Navarro

30 crônicas não selecionadas. 1. ed. Composto e impresso no Departamento Estadual de Imprensa, 84p. Livro publicado em 1969. Seleção e capa: Newton Navarro. 2. ed. In: Obras Completas, Natal: Fundação José Augusto, Fiern, 1998, v. 1, 246p. Capa e projeto gráfico da coletânea: Marcelo Mariz. Textos nas orelhas do volume 1: Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo. Prefácio: Luís Carlos Guimarães. Crônicas publicadas no jornal *Tribuna do Norte*.

Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas. Natal: EDUFRN, 2013. 174p. Organização: Paulo de Tarso Correia de Melo e Gustavo Sobral. Editor: Helton Rubiano. Capa: Newton Navarro. Posfácio "O cronista da hora sublime": Gustavo Sobral. Coletânea de crônicas escolhidas dentre recortes de jornais antigos, publicadas nos jornais *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte* entre 1962 e 1963. 58 crônicas distribuídas nas seguintes seções propostas por Paulo de Tarso Correia de Melo: Terra dos meus, gente da cidade, olhar guardando e os belos dias.

Sanderson Negreiros

A hora da lua da tarde. Natal: Livraria Independência, Fundação José Augusto, 1998. 182p. Organização: Tarcísio Gurgel. Foto da capa: Giovani Sérgio. Capa: Marcelo Mariz. Prefácio "Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado)": Woden Madruga. Seleção de crônicas publicadas entre 1962 e 1988. Livro dividido em seis seções: existencial, os personagens, o chão amado, inferno moderno, cartas caprichosas, memorial.

Vicente Serejo

Canção da noite lilás: crônicas. Rio de Janeiro: Lidador, 2000. 220p. Coordenação editorial: Márcia Carrilho. Ilustrações: Mem Sá. Capa e orelhas: Nei Leandro de Castro. Apresentação: Márcia Carrilho. Prefácio: Silviano Santiago. O livro é resultado de parte das crônicas que publicou na imprensa diária em Natal/RN e Mossoró/RN. 100 crônicas selecionadas pela organizadora dentre 508 de sua coleção, com a colaboração de Nei Leandro de Castro, Sônia Ramos e Sylvia Suplicy Forbes.

Cartas da Redinha. Natal: Nossa Editora, 1984. 50p. Capa: Nei Leandro de Castro e Marcelo Mariz. Composição: Ana Maria Coelho. Montagem: Angela Simões. Ilustrações: Dorian Gray Caldas. Apresentação "Sagração do Verão": Luís Carlos Guimarães. Publicado pela editora de Pedro Simões. Um total de 25 cartas/crônicas entre oito e dez parágrafos de texto. Reunião de crônicas publicadas no jornal *Diário de Natal*, reunidas após dois anos, relato do cronista. Único tema: Redinha, veranistas e pescadores. Janeiro de 1982. Forma de cartas dirigidas ao diretor de redação, Albimar Furtado.

Cena Urbana. Natal: EDUFRN, 1982. 122p. Capa: Nei Leandro de Castro. Arte-final: Marcelo Mariz Paiva. Orelhas: Albimar Furtado, jornalista, diretor de redação do *Diário de Natal*. 50 crônicas selecionadas pelo cronista dentre as quatrocentas que publicou no *Diário de Natal* nos últimos dois anos, março de 1981 a março de 1982. Coluna Cena Urbana. Crônicas sobre personagens da cidade, histórias do cotidiano. Tema: vários.

edufrn
Editora da UFRN

Este livro foi projetado e impresso pela
equipe editorial e gráfica da Editora
da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, em Março de 2017

Os organizadores

Gustavo Sobral

Jornalista, escritor, mestre em Estudos da Mídia. Dentre suas publicações como autor ou organizador, estão: *Linguagens* (2010), *Arquitetura Moderna Potiguar* (2011), *Saudade de Newton Navarro* (2013), *Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas* (2013), *Petrópolis: guia prático, histórico e saboroso do bairro* (2014) e *Berilo Wanderley: o cronista da cidade* (2016). Sua produção se reúne no site pessoal *www.gustavosobral.com.br*

Helton Rubiano de Macedo

Jornalista, especialista em leitura e produção de textos, mestre em Estudos da Mídia e doutorando em Estudos da Linguagem. É editor de publicações da Editora da UFRN, onde atuou como membro do seu conselho editorial. Dentre suas publicações como autor ou organizador, estão: *Fôrma de coração e outras desventuras inclassificadas* (2013), *Saudade de Newton Navarro* (2013), *Das estantes para as telas: práticas de universitários leitores de livros impressos e digitais* (2014) e *Ensaios de editor* (2015).

9 788542 507324

Associação Brasileira das Editoras Universitárias